



original em francês
publicado em 2002

Agentes de mudança na América Latina

Meio século de experiências

Daniel Dommel

Tradução do inglês – Marcelo Reinaldo de Sousa
Colaboração – Arthur Barbieri Sousa
2023

ÍNDICE

PRÓLOGO	2
CAPÍTULO 1	6
CAPÍTULO 2	15
CAPÍTULO 3	19
CAPÍTULO 4	29
CAPÍTULO 5	32
CAPÍTULO 6	42
CAPÍTULO 7	52
CAPÍTULO 8	64
CAPÍTULO 9	73
CAPÍTULO 10	83
CAPÍTULO 11	88
CAPÍTULO 12	93
CAPÍTULO 13	97
CAPÍTULO 14	100
CAPÍTULO 15	107
CAPÍTULO 16	120
CAPÍTULO 17	127
PETER HOWARD	130

PRÓLOGO

Em 1974, filósofos católicos da sociedade brasileira participavam de uma conferência. Ao final da sessão, na presença de Dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo, um general, um engenheiro e um trabalhador portuário analfabeto foram especialmente convidados a falar. O portuário Francisco Araújo de Souza contou sua história.

Francisco nasceu em 1912 no estado do Amazonas. Seu pai era um francês, e sua mãe pertencia a uma tribo indígena. Como os avós paternos sempre se opuseram a união do casal, eles não se casaram. Depois do nascimento de Francisco seu pai encontrou trabalho como segurança num rancho de um grande castelo em uma parte isolada do Estado da Bahia no nordeste do Brasil. O proprietário do rancho vivia em constante conflito com seu vizinho mais próximo que um dia apareceu com uma gangue, eram bandidos. Eles amarraram o pai de Francisco em uma árvore antes de despir e estuprar sua mãe. Seus pais foram então mortos na sua frente. Os homens levaram Francisco e o prenderam. À noite ele fugiu. Ele tinha nove anos de idade. Ele viveu sozinho na floresta por um tempo, comendo bagas e entrando nas fazendas para pegar o que podia, galinhas ou outros alimentos. Seu cabelo cresceu e suas roupas de desgastaram.

Um dia ele sentiu o cheiro de carne assando. Seguindo o cheiro ele acabou em uma clareira onde, há alguma distância, ele podia ver um grupo de homens ao redor do fogo. Ele afastou-se e esperou. Quando os homens foram buscar água em um rio próximo ele saiu correndo, agarrou um pedaço grande de carne que assava no carvão em brasa e voltou para a floresta. Mas, um cachorro deu o alarme, então os homens o perseguiram e o capturaram. Ele permaneceu amarrado por três dias, incapaz de se fazer entendido, pois não falava com um humano há diversos anos. Ele esqueceu a maioria das palavras que havia aprendido quando criança. Eventualmente, ele arriscava-se a falar sobre o terrível ataque que seus pais sofreram. Seus captores começaram a entender e então deram a ele comida e o mantiveram sob seus cuidados. Eles eram criminosos, roubavam gado para vender na cidade, vivendo dos ganhos antes de roubar novamente. Eles estavam em uma amargurada revolta contra a polícia, a lei, e a ordem.

Francisco, consumido pela amargura e ansiando vingar a morte de seus pais rapidamente se integrou à gangue e passou a compartilhar do seu modo de vida. Ele aprendeu como usar uma pistola, tornando-se um exímio atirador, participando de saques e violência. Mas ele ainda tinha um bom coração. As vezes quando a gangue matava um veado e já havia acabado de comer, Francisco levava as sobras e dividia entre os pobres da vizinhança. Assim, Francisco fez amigos.

Ele encontrou uma garota pela primeira vez em um pequeno distrito de Lagoinha, gostou dela e passou a vê-la com frequência. Ele tinha apenas 15 anos. Mas isto não era do gosto de um sargento casado da polícia local que também estava vendo a garota. O sargento tinha duas vezes a idade de Francisco, mas não ousou ir até ele. Ele sabia que Francisco sempre carregava duas pistolas e era bom atirador.

Um dia a garota convidou Francisco para uma festa noturna, pedindo a ele para vir sem as pistolas. Quando ele chegou se deparou com o sargento da polícia

acompanhado por homens armados. Ele foi preso, levado e espancado com cacetetes. Alguém que passava, ouvindo seus gritos, perguntou o que estava havendo. “Nós não o estamos matando”, respondeu o homem empunhando o cacete. “Estamos apenas lhe dando uma lição”. Mas o passante reconheceu Francisco. Ele já havia experimentado a generosidade de Francisco e deixou claro que haveria um preço a se pagar caso a “lição” continuasse. O sargento, também com os olhos na irmã do passante, chamou seus homens. Francisco foi levado e cuidado por este homem, então ficou meses em recuperação com velhos amigos de sua mãe. O filho da casa deu a ele mais instrução sobre o uso de armas.

Fortalecido por suas novas habilidades, Francisco se foi, um bandido alimentando sua sede por vingança, um bandido por sua própria conta atacando vilas e fazendas, algumas vezes com outros, outras vezes sozinho. Em 1930 ele se uniu a um bando de rebeldes cujo chefe era um seguidor do futuro radical Presidente do Brasil, Getúlio Vargas. Eles atacaram bancos e o comércio nas cidades guardadas pelo exército brasileiro, queimando o que eles não podiam levar. Eles então participaram da revolta de São Paulo contra o Governo Federal (Revolução Constitucionalista de 1932).

Feito prisioneiro pelas tropas do governo, Francisco mudou de lado. Ele lutou ao lado das forças armadas até que os rebeldes fossem derrotados e se tornou o guarda costas não oficial do general. De tempos em tempos os amigos políticos deste homem usaram Francisco para eliminar oponentes que se pusessem em seus caminhos, e ele obedecia às suas ordens como qualquer empregado recebendo suas tarefas diárias.

Em uma cerimônia de batismo Francisco encontrou Vicelana que se tornou sua esposa. Ele falou ao general que queria deixar o exército, começar uma família e procurar trabalho civil. O general deu boas referências dele ao gerente do porto do Rio de Janeiro. Isto acabou bem. Com um estilo de vida mais convencional, um ponto forte de Francisco era um incomum bom par de bíceps! Começando no porto em 1º de maio de 1940, ele foi levado à doca de carregamento de minério de ferro com a tarefa de colocar minério nas tremonhas. Elas eram então levantadas e esvaziadas nos porões dos navios. O nascimento de um filho fez com que ele decidisse mudar completamente de vida (virar a página). Ele desmontou seus revólveres, os lubrificou e se livrou deles. Seu filho se tornou o centro de sua vida.

Então inesperadamente, com apenas dois anos e meio de idade, a criança faleceu.

Francisco ficou arrasado. Ele cremou o menino, recuperou suas armas e começou a usá-las novamente, tornando-se assassino de aluguel para o trabalho sujo de políticos cínicos. Eles cuidaram, com sócias, para que ele sempre tivesse um bom álibi.

No porto, a União Oficial dos Trabalhadores estava sendo usurpada por um crescente rival radical. Francisco se tornou “fixer” para nova União ilegal. As pessoas sabiam que ele era eficiente com os punhos, faca ou revólver. Ele gastou seu dinheiro com cachaça, uma bebida alcoólica mais forte que Vodka, feita de cana de açúcar. Enquanto isto, havia pouco o que comer e praticamente nenhuma mobília no barraco com chão de terra batida, abrigo para ele e sua esposa. Nos dias de pagamento ele aterrorizava seus chefes e colegas de trabalho. Mais uma vez a vingança se tornou sua razão de viver.

Ele odiava os ricos, os chefes, a polícia, as autoridades, e a sociedade. Os líderes da união reconheceram estes sentimentos e os exploraram por completo.

Um dia, um oficial do porto, Nelson Marcelino de Carvalho, aproximou-se de Francisco dizendo que havia pessoas que ele deveria encontrar. Conforme Nelson explicou, estes homens estavam tentando mudar as coisas ao redor deles, mudando primeiramente suas próprias vidas. Francisco não estava interessado. Nelson insistiu. “você encontrará pessoas incomuns de todos os lugares”. “Haverá mulheres?” ele perguntou. “Sim”. “E bebida?”. “Sim”, respondeu Nelson, sem especificar de que tipo.

Francisco foi à reunião, mas ficou furioso quando ele viu do que se tratava. Ele recebeu livros, que pegou sem olhá-los. Esta teria sido uma outra maneira de humilhá-lo, por ele nunca ter aprendido a ler? Mais tarde ele saiu para beber e voltou para casa muito mais desgastado, ainda carregando os livros. A esposa dele deu uma olhada nos livros. Ela os achou interessantes. “Eu poderia lê-los para você” ela disse um dia em que ele estava sóbrio. O que ele ouviu despertou sua curiosidade. Ele procurou por aqueles que ele tinha encontrado na reunião para descobrir mais. Eles estavam conversando sobre ações corajosas para livrar o porto da corrupção e da violência desafiadora que estava dividindo facções rivais da União. A ousadia deles o impressionou. Nelson, especialmente, se tornou um amigo claro e estável. Enquanto outros o tratavam como um empecilho maluco, um homem impossível, Ele sentiu em Nelson um companheiro que acreditava nele e que lhe inspirou confiança.

Pouco a pouco seu comportamento mudou. Ele decidiu que havia erros que ele deveria corrigir. Ele se desculpou com os homens que ele tinha tratado erroneamente. Ele devolveu mercadorias roubadas ao gerente do porto. Então, uma noite, sob a influência da bebida, ele teve uma recaída, arrastando sua pistola em busca de uma vítima, enquanto seus novos amigos faziam tudo o que podiam para controlá-lo. No dia seguinte, chorando, ele pediu perdão a eles, decidindo que ele nunca mais tocaria a amaldiçoada bebida. Apesar dos lapsos ocasionais ele manteve sua palavra. No porto sua energia, que causou tais devastações, tornou-se uma força construtiva quando ele se uniu àqueles que o tinham ajudado a mudar de vida.

Um dia um amigo perguntou, “Para que serve o revólver que você carrega?”

“Este é um lugar perigoso,” ele respondeu.

Alguns dias depois a arma desapareceu.

“Eu realmente não precisava dela”, ele explicou. “Era apenas para impressionar”.

A vida em casa também foi transformada. Vicelana cujo amor e paciência foram dolorosamente testados, começou a florescer. E o que eles haviam esperado por longa data, aconteceu. Vicelana deu à luz uma menina. Os felizes pais queriam batizá-la, mas Francisco não era batizado e o casal não tinha contraído matrimônio. Eles foram ver o bispo, que ficou tão impressionado com a transformação de Francisco, que decidiu arranjar para que os três sacramentos fossem celebrados na mesma cerimônia.

Francisco de Souza nunca aprendeu a ler, mas tinha uma memória incrível. Sua história surpreendeu a todos que a ouviram, não menos do que aqueles membros da

Sociedade dos Filósofos Católicos em 1974. Depois dele ter falado, eles pediram para que ele ficasse um dia mais. Ele tinha que pegar o ônibus à noite para o Rio de Janeiro para estar no trabalho na manhã seguinte. Imediatamente, eles ligaram para o chefe de Francisco e ratearam uma passagem aérea para que ele voltasse de avião, deste modo eles poderiam mantê-lo por mais algumas horas. Dom Paulo Evaristo finalizou a reunião dizendo: “Senhores, vocês discutiam filosofia nos últimos dias, mas o que vocês acabaram de ouvir foi um relato da vida real. É isto que vocês vão levar daqui para as lutas que os esperam lá fora”.

Este é um caso extremo, um homem analfabeto, violento, sem escrúpulo, um escravo da bebida, encontrando uma razão para viver e se tornando um exemplo de esperança para aqueles ao seu redor? Sim, sem dúvida! Mas não é só isto. A história de Francisco de Souza é típica daqueles contadas nas páginas seguintes e que aconteceram, todas, na América Latina, na segunda metade do século XX. As pessoas encontraram novas perspectivas para suas vidas e para o mundo ao seu redor. Porque eles aceitaram as mudanças que isto implicava em seu próprio comportamento, eles ensinaram aos outros, grupos e comunidades inteiras, a assumir responsabilidade e redirecionar seu futuro. Como um incêndio florestal se espalha, eles transmitiram uma visão, de um para outro, próximo e distante, em seus próprios países e por todo um continente.

CAPÍTULO 1

Três chamas acesas – Brasil, América Central e Uruguai

Brasil

São Vivente, 1948 – duas mulheres se encontram e se tornam amigas

A primeira, Leonor Villares descendente de alemães, morou em São Paulo com uma segunda casa na praia em São Vicente, próximo à Santos, o grande porto de exportação de café. Seu avô havia sido um dos mais bem sucedidos cafeicultores, seu pai um industrial da indústria têxtil. Seu marido, Luiz, iniciou, a partir de pequenos começos, a importar e reparar elevadores e se tornou CEO de uma das mais importantes indústrias privadas.

A outra, Helena Londahi, era norueguesa e major no Exército da Salvação, uma organização internacional cristã do bem-estar. As autoridades brasileiras valorizavam tanto seu trabalho de bem-estar social que quando o quartel general do Exército da Salvação, em Londres, quis transferi-la para a América do Sul, o governador do Estado de São Paulo interveio oficialmente para prolongar sua estadia no Brasil.

Helena e Leonor tinha muito o que conversar. A Villares deu suporte financeiro ao trabalho do Exército da Salvação e Leonor estava preocupada com o crescimento da prostituição em São Vicente, um flagelo que Helena entendia por ter lutado contra ele por muito tempo.

No curso da conversa, Leonor falou de um sonho que ela sempre teve – aquele de ver pessoas de diferentes regiões trabalhando juntas ao invés de separadas. “Isto não era apenas um sonho”, Helena respondeu, e contou como dois anos antes, durante uma viagem para a Europa, ela tinha visitado o centro de conferência em Caux na Suíça acima de Montreal e do lago de Geneva. Este centro, ela explicou, tinha acabado de ser aberto por um movimento denominado “Rearmamento Moral e Espiritual”, lançado em 1938, em uma época em que todos falavam em rearmamento militar. Ela encontrou o fundador, Frank Buchman, na Noruega antes da Segunda Guerra Mundial, pouco antes dela ir para América do Sul. Em Caux ela viu cristãos de diferentes credos, pessoas de outras doutrinas religiosas e agnósticos, todos resolvidos a viver sem desavenças de acordo com sua fé ou sua consciência, trabalhando juntos por uma causa comum.

Leonor estava fascinada e impaciente para aprender mais.

Em 1949 Luiz teve que ir à Europa a negócios e ela perguntou se eles podiam aproveitar esta oportunidade para visitar Caux. Eles foram com seus dois filhos mais velhos.

A visita foi tanto um choque quanto uma revelação. Ela percebeu que a imagem que ela tinha de si mesma tinha que ser questionada. Ela acreditava ser a mãe perfeita. Agora ela sabia que isto não era verdade, que ela havia se colocado em um pedestal com suas crianças, e que isto tinha que mudar. Ela estava completamente confusa. Descendo uma rua da Suíça ela ganhou novo ânimo ao ver duas frases em alemão, sua língua mãe, na janela de uma loja.:

‘Immer wenn du meinst es geht nicht mehr, Kommt von irgendwo ein Lichtlein her’.

‘Sempre que você acha que não pode mais continuar, um feixe de luz vem de algum lugar’

Em Caux Leonor e Luiz ficaram chocados ao ver que pessoas de todas as classes sociais, raça e continente podiam se unir com um propósito comum baseado em um compromisso pessoal alinhado à perspectiva mundial. Eles viram que um clima de escuta, transparência, humildade sincera e simples estava transpondo barreiras que não se podia imaginar serem transpostas tão rápido, como aquelas que dividiam os franceses e os alemães no pós-guerra. Helena estava certa: o que Leonor tinha procurado tão confusamente desde sua juventude ela podia ver acontecendo agora. Ela queria trazer isto para o Brasil. Ela e o marido voltaram para casa convencidos.

Em casa, fazendo o tempo de silêncio toda manhã, uma prática que ela havia aprendido em Caux, Leonor foi surpreendida por um pensamento insistente e preciso de comprar uma casa nova. Ela se perguntava por que, já que ela era muito feliz na casa confortável da Rua dos Franceses que Luiz tinha reformado recentemente com muito carinho. Mas ela seguiu sua intuição e, sem uma ideia muito clara, começou a procurar. Um dia, visitando uma casa que inicialmente não a atraiu, ela foi surpreendida, quando abrindo uma porta, ela viu uma réplica exata de um pátio com três janelas que ela tinha visto muito claramente em um sonho. Ela sentiu uma voz dizendo, “Aqui está a casa que eu quero que você compre para o Meu serviço”. Ela iniciou o processo de compra, grata pela aquiescência de seu marido.

No dia em que Luiz assinou o ato de compra um outro pensamento ocorreu a Leonor. A casa na Rua dos Franceses não deveria ser vendida, mas se tornar um centro de onde o trabalho que eles experimentaram na Suíça se espalharia por São Paulo, Brasil e por todo continente. Luiz novamente concordou com a ideia de sua esposa e imediatamente telegrafou a Frank Buchman dizendo a ele que a casa estava disponível como uma base em São Paulo para o seu movimento na América do Sul. Assim permaneceu por muitos anos.

Em 1950 Caux recebeu o irmão e a cunhada de Leonor, Ernesto e Maria Antonieta Diederichsen que, no retorno para casa, decidiram rever seu estilo de vida. No ano seguinte uma delegação inteira de gestores e trabalhadores da Companhia Têxtil Argos, da qual Ernesto era diretor, viajou para Caux (veja capítulo 2).

Em dezembro, 1951, Franck Buchman enviou três pessoas para um tour pela América do Sul. Uma Assembleia estava sendo marcada em Miami no mês seguinte para reunir representantes das Américas do Norte e do Sul. O tour foi para informar lideranças políticas, industriais, religiosas, acadêmicas e sindicais sobre este evento e convidá-los a comparecer. Os três enviados visitaram Peru, Chile, Argentina, Brasil, Venezuela, Costa Rica, e Guatemala.

Franck Buchman havia visitado a América do Sul uns 20 anos antes durante a Grande Depressão. A vista o deixou com impressões duradouras. Como muitos outros, ele tinha ficado consternado ao saber que enormes quantidades de café estavam sendo jogadas no mar ao invés de vendidas a fim de segurar a queda de preço, enquanto

muitas pessoas passavam fome. O materialismo dos privilegiados, sua Cristandade morna e aparente rejeição a todas as exigências morais mostrou a ele os conflitos por vir. O fermento da subversão era óbvio, especialmente entre estudantes. “Estas terras estão espiritualmente falidas” comentou em suas notas (Frank Buchman a life p. 147 edição com capa dura).

Quando o trio chegou ao Brasil foi recebido por um pequeno grupo que o levou para um passeio. Havia um programa inteiro de visitas. A Villares deu uma grande recepção para a qual um amplo grupo de políticos, industriais e intelectuais mundiais foram convidados, e Luiz Villares organizou uma viagem para Santos, a região do porto, do seu ponto de vista estrategicamente importante. Se São Paulo é o coração do Brasil, disse ele, Santos é o pulmão. Os comunistas, bem-organizados e conduzidos por homens hábeis, estavam travando uma luta feroz contra os empregadores frequentemente rígidos que eram fechados a qualquer ideia de mudança. O rio fez contato com os portuários e seus líderes, assim como com a gerência do porto.

Na conferência em Miami, no mês seguinte, estava presente um francês de 26 anos chamado Louis Laure. Ele havia começado recentemente a viajar em tempo integral com as equipes de Buchman. Seu entusiasmo juvenil era acompanhado por um temperamento que podia rapidamente se exaltar e rebelar. Durante a guerra ele foi torturado pelos alemães que ocuparam seu país e por seus aliados franceses. Ele sobreviveu, embora em estado precário. Ele também havia feito negócios no mercado negro. Apesar do novo sentido que encontrou para sua vida, havia reclamações daqueles que trabalhavam com ele. Alguns achavam que ele era mais obstáculo que ajuda quando se tratava de dirigir uma conferência como a de Miami. Eles queriam que ele fosse enviado para longe.

A reação de Buchman, observando seu talento, foi confiar nele e dar a ele um desafio com um grande alcance para ação. Ele o enviou para o Brasil para iniciar um trabalho na América Latina. Um outro francês, um suíço e um americano foram enviados com ele. O último, Vince Verkuski, o mais velho dos quatro, foi um membro do pequeno grupo que tinha, em outra ocasião, ido para Miami com os convites. Ele era o único que já havia colocado os pés na América do Sul antes.

De certo modo excitados com a missão confiada a eles, os quatro perguntaram a Frank Buchman o que ele esperava que fizessem em sua chegada no Sul. “Quando vocês chegarem lá, vocês coloquem uma estaca no piso do aeroporto e outra a uma certa distância dele. Então vocês predam uma corda entre as estacas e se suspendam a partir da corda. Vão, qualquer que seja o modo que o Espírito Santo sobre para você. “Eles não receberam nenhuma outra instrução! (Frank Buchman life p. 471 edição com capa dura)

Eles encontraram um valioso ponto de início ficando com as famílias Villares e Diederichsens em São Paulo e Santos. Logo eles conseguiram outra ajuda. Graças as cortinas e mobília doadas a casa na Rua dos Franceses se tornou útil. Helena Londahl, pouco antes de sair do país pela última vez, os presenteou com sua mais preciosa posse, um carro Ford.

Que bem este grupo pequeno, inexperiente e muito heterogêneo poderia fazer, não conhecendo a língua? Como um francês como Louis, caloroso, temperamental, um líder nato ia trabalhar com seu compatriota, um aristocrata distinto e culto, ou com o

jovem suíço, com apenas 20 anos de idade, ou com o americano corpulento, direto, de 40 anos de idade que parecia ter saído de uma estória em quadrinhos? Este era um grupo estranhamente forjado.

A seleção abou estranhamente bem. Cinco meses depois eles chegaram, eles aterrissaram em um avião lotado com 50 pessoas: sindicalistas, industriais, militares, homens decididos a participar da Assembleia na ilha de Mackinac, Michigan, que deu continuidade a conferência de Miami. Eles sequer tinham levantado todo dinheiro para financiar a jornada.

América Central

Em 1948, o mesmo ano em que Leonor Villares e Helena Londahl estavam se conhecendo no Brasil, um jovem sindicalista da Costa Rica, Luiz Alberto Monge Alvarez, participou da conferência da Organização Internacional do Trabalho (OIT) em São Francisco. Seu país, destinado a ser tornar um oásis da paz em uma região turbulenta, tinha acabado de sair do período mais turbulento de sua história. A eleição presidencial vencida pelo candidato da oposição foi anulada pelo governo em exercício. Seguiu-se uma insurreição liderada por um jovem engenheiro, José Figueres Ferrer, bem conhecido por sua oposição ferrenha à política e à corrupção do partido no poder.

Após dois meses, Figueres criou uma junta provincial com ele mesmo na presidência. Ele estava determinado a devolver o poder ao presidente devidamente eleito. Notavelmente, em poucos meses, a junta tomou algumas medidas surpreendentes, dissolvendo o exército, nacionalizando os bancos, e proibindo o partido comunista.

Na conferência em São Francisco, Monge havia feito contatos, que foram renovados quando ele foi designado para o escritório central da IOT em Geneva. Enquanto esteve lá ele visitou Caux diversas vezes. Em 1950, após alguns meses em Geneva, José Figueres e dois compatriotas viajaram para ver Monge e discutir as necessidades e a situação política da Costa Rica. Monge levou os três para Caux aquele setembro. Mais tarde ele disse: “Nós pensamos sobre nossas responsabilidades e fomos guiados a formar um novo movimento político. Isto se concretizou um ano mais tarde, em outubro de 1951, com a criação de um novo partido político democrático.”. Em Caux, os quatro homens também conversaram sobre o que era preciso para libertar a América Latina dos flagelos que afligiam tantos dos seus países: ditadura, exploração dos indígenas, divisão entre a população trabalhadora...

Todos os quatro homens, por sua vez, tornaram-se Presidentes da Costa Rica, sendo que Figueres ocupou o cargo nada menos que três vezes.

Em dezembro de 1951, Figueres recebeu em San José, capital da Costa Rica, os três homens enviados por Frank Buchman para divulgar e preparar a assembleia de janeiro de 1952 em Miami. Figueres participou deste evento, que, ele disse, deu a ele "um estímulo aguçado não pelo medo coletivo da guerra, mas sim pela esperança comum pela paz".

Uma característica marcante da reunião em Miami foi o relato de membros de três companhias aéreas americanas sobre eventos recentes. As empresas, National

Airlines, Eastern Airlines e Pan American World Airlines, estavam envolvidas em uma disputa prolongada e socialmente prejudicial. Isto foi resolvido com uma rapidez surpreendente pela intervenção de um punhado de homens trabalhando uma pessoa após a outra para criar um espírito e uma abordagem diferentes para o problema. Os membros da equipe da Pan American ficaram tão gratos pelo que havia acontecido que eles decidiram espalhar a notícia desta experiência positiva para as cidades da América do Sul atendidas por sua rede.

Entre os locais visitados pelos funcionários da PanAm estava a Guatemala. O gerente local da PanAm ficou impressionado com o que lhe foi dito sobre a resolução do conflito que afetava a empresa nos Estados Unidos. Ele convidou um grupo de funcionários sindicalizados para participar da próxima conferência em Mackinac, juntamente com o chefe local de pessoal da empresa. Ninguém se interessou. No entanto, a oposição violenta ao convite, especialmente por parte de elementos comunistas, parecia estranha. Um dos que ficaram intrigados foi o Luis Puig, especialista em rádio, militante, e secretário de conflitos para o Partido e Ação Revolucionária. Em nome de alguns de seus camaradas ele propôs enviar uma delegação. Com sua abordagem radical, ele estava curioso para descobrir o que causou a hostilidade. Sua iniciativa foi recebida com uma enxurrada de protestos, então ele foi rotulado traidor e acabou sendo eliminado. Um objeto rígido foi pressionado contra ele lateralmente – ele nunca soube se foi ou não um revólver. Então ele recebeu uma página em branco e lhe disseram “assine!” “O que eu devo assinar?” “Sua renúncia!” Ele assinou.

Apesar de tudo, ele foi à Mackinac com outros cuja curiosidade, como a dele, tinha sido despertada. Lá ele encontrou uma multidão de pessoas vindas de toda parte do mundo e de formações muito variadas unidas em um desejo de trabalhar juntas por um futuro melhor para o mundo. Isto poderia realmente levar à uma mudança autêntica e durável?

Logo após a chegada de Puig ele foi convidado a encontrar Frank Buchman. Ele achou que esta seria sua chance de esclarecer as coisas, perguntar ‘ao grande chefe’ algumas boas questões dialéticas e ver como elas seriam tratadas.

“Posso apresentar Luis Puig da Guatemala?” disse seu acompanhante. “Você já recebeu chá?” perguntou Buchman. “Não.” “Francis, dê a ele uma xícara de chá”, respondeu Buchman, “e traga-o para a preparação da reunião desta tarde”.

Um tanto desconcertado por não ter conseguido fazer suas perguntas, Puig disse a si mesmo que talvez fosse melhor assim. De uma só vez ele ia encontrar toda liderança do movimento e observar seus modos desonestos.

Na reunião de preparação, Frank Buchman sentou-se no meio de um grupo perguntando sobre esta ou aquela pessoa, indagando sobre sua saúde e dando a impressão de estar em um bate-papo com amigos ao invés de traçando um plano para batalhas. Virando para um dos presentes, Buchman perguntou:

“Você lidou com a doença que falamos outro dia?”

“Sim eu mudei em relação a este assunto”.

“Então você vai conduzir a reunião desta tarde?”

Risada.

“Qual deveria ser o tema?” o homem perguntou.

“As companhias aéreas vão mostrar o caminho”, respondeu Frank Buchman, adicionando, “Você levará Luis Puig à plataforma com você e o deixará falar”.

Na reunião alguns pilotos americanos contaram como suas companhias haviam resolvido longas disputas que as estavam separando. Luis Puig não lembra o que ele mesmo disse.

No dia seguinte, Puig encontrou um militante comunista italiano, Angelo Pasetto. Aqui, finalmente, Puig pensou que encontraria alguém que o entenderia. Mas Pasetto começou a falar de Deus. Puig pulou. “Como você pode falar comigo sobre Deus, você foi treinado em materialismo dialético como eu?”

“Você trabalha com eletrônica, não trabalha? Quando você entra numa sala, acende a luz e ela não funciona, o que isto diz a você?”

“Talvez que o filamento ou um fusível esteja queimado.”

“Então, você liga o interruptor dentro de você. Você não vê nenhuma luz e conclui que Deus não existe ao invés de procurar o curto-circuito em sua vida”.

Pasetto rachou de rir. Puig saiu furioso.

Um pouco mais tarde, um inglês sugeriu que ele e Puig passassem algum tempo juntos em silêncio e que cada um deles escrevesse o mais profundo pensamento que lhes ocorresse. Puig tentou fugir da ideia. O homem insistiu e conseguiu um acordo relutante para um encontro um pouco mais tarde, às 18:00 horas daquela noite. Eles se separaram e Puig encontrou seus companheiros da Guatemala, sugerindo que eles saíssem para jantar e voltassem somente no horário da peça no teatro de conferências no final da noite.

Retornando próximo das 20:00 horas, ele combinou com seus amigos de dar uma passada na sala onde ele deveria ter encontrado o inglês. Ele poderia então dizer que ele tinha ido à sala conforme combinado, sem dizer a que horas exatamente, e que ele não havia encontrado ninguém lá. Abrindo a porta, lá estava o inglês, ainda esperando por ele. “Ah”. Disse ele com um sorriso largo e sem uma palavra de censura. “Você trouxe os membros da sua delegação. Vamos todos sentar juntos e fazer um tempo de silêncio”. “Assim, desarmados, eles se sentaram. Na mente de cada convidado, incluindo a do diretor de pessoal do escritório da PanAm na Guatemala, vieram pensamentos que tocaram em pontos sensíveis de suas vidas.

Luis Puig pensou em três coisas que ele precisava fazer: devolver mercadorias das quais ele se serviu sornateiramente; acertar sua relação com uma garota; e pedir perdão à sua mãe pelo seu ressentimento com ela. Seus pais se divorciaram quando ele tinha seis anos de idade. Na época, o juiz decidiu que sua irmã deveria ficar com a mãe e ele com o pai. Ninguém explicou nada e por muito tempo ele acreditou que sua mãe o tinha abandonado. Quando seus amigos na escola perguntavam sobre sua mãe, ele não sabia o que responder. Ele acabaria dizendo que não tinha mãe. O rancor contra sua mãe eventualmente se transformava em ódio por toda sociedade.

Em junho de 1944 quando Luis tinha dezessete anos de idade, o presidente da Guatemala, no poder desde 1931, foi forçado a renunciar por conta da inquietação social, dando lugar a uma junta (comitê governamental). O jovem Luis tinha então tomado parte

na revolta popular que derrubou a junta em outubro do mesmo ano. Dois meses mais tarde as eleições conduziram triunfantemente à presidência um acadêmico exilado, Juan José Arevelo. Isto proporcionou um período de governo reformista democrático.

Puig tinha vindo à Mackinac com preocupações sociais e políticas. Ele foi para casa com decisões pessoais que teriam amplas repercussões. Ele foi à procura de sua mãe, se reconciliou com ela e restabeleceu contato com sua irmã e seus meios irmãos e irmãs. Ele se empenhou, onde quer que ele tenha machucado pessoas, mentido ou roubado, em acertar as coisas por meio de desculpas honestas e restituição. Ao mesmo tempo evoluía sua visão para os problemas da América Latina. Seria a primeira condição para ação realista que ele agisse de acordo com as novas ideias que tinha tido? As reformas que seus amigos Marxistas queriam pareciam absolutamente corretas, mas seus métodos eram questionáveis. Por outro lado, os cristãos católicos, enquanto proclamando a doutrina social da igreja, estavam sempre unidos em causa comum com latifundiários e os patrões. Luis sentiu que ele tinha que dar a mensagem que ele recebeu a ambos os lados. Nas horas extras ele se envolveu diretamente em muitas das histórias que seguem.

Uruguay

Criado em San Sebastian, José Alonso foi por diversos anos campeão espanhol de tênis, até ser batido por seu irmão Manuel. No início de 1920 os dois irmãos representaram seu país na copa Davis, nos Estados Unidos, derrotados pelos australianos. José permaneceu nos Estados Unidos, conhecendo e se casando com Irene, uma garota de Ohio. Eles tiveram um menino e uma menina. Por ser engenheiro civil José e sua família estavam sempre se mudando – em 1948 para Buenos Aires e dois anos mais tarde para Montevideo.

Irene tinha um forte caráter com ideias definidas sobre como sua filha, Jeanette, deveria se comportar, o que ela deveria ou não fazer. Suas ideias não coincidiam com as ideias de Jeanette que era uma adolescente! Havia altas discussões, batidas de portas e dias de silêncio glacial. A situação piorou quando uns jovens entraram em cena. Um deles, Carlos, estava decidido a conquistar o coração de Jeanette. Ele era bonito, dançava tango brilhantemente e tinha uma personalidade marcante. Jeanette se orgulhava de caminhar pelas ruas abraçada com ele. O fato de que seus pais eram totalmente contra a relação apenas apimentou a relação. Naquela época, Jeanette estava trabalhando em um jornal onde, entre outras coisas, ela falava sobre a vida da sociedade. Isto dava a ela uma desculpa para sair a maioria das noites com muitas oportunidades de encontrar Carlos. Esta foi uma vida dupla de decepção e mentiras.

Então, do nada, uma bomba – os pais de Jeanette decidiram que havia chegado a hora de ela ir para os Estados Unidos completar seus estudos. A data foi agendada e a passagem comprada. Ela faria um curso de jornalismo na Universidade do Missouri. Na noite anterior a partida, Jeanette e Carlos, com a devida cerimônia romântica, anunciaram seu noivado. Dois anos de estudo seguido por uma troca de correspondência quase diária e a foto de Carlos ocupando o lugar de honra na mesa de

Jeanette. Entretanto, conforme o tempo passava dúvidas começaram a brotar em seu coração.

Um mês antes da entrega dos diplomas Jeanette soube da súbita morte de sua avó em Ohio. Sua mãe viajou para o funeral. Houve um outro confronto vigoroso entre mãe e filha. Jeanette decidiu exatamente o que ela queria fazer da vida. Ela se casaria com Carlos, acontecesse o que acontecesse. Carlos tinha comprado a passagem dela de volta para o Uruguay, estava se preparando para o casamento deles e procurando sua futura casa. Quanto aos pais, eles devem deixar de controlar a vida dela. Irene se viu perdendo a filha assim como sua mãe. Jeanette por sua vez, orgulho e dignidade em primeiro plano, permaneceu inflexível apesar dos momentos em que ela não estava muito segura de si mesma.

Um amigo com quem Irene conversou sobre sua angústia sugeriu que as duas, mãe e filha, fossem para Ilha Mackinac, um centro de conferências no Estado do Michigan similar àquele em Caux, onde uma assembleia estava em andamento. A ideia intrigou Jeanette ainda que o convite tenha vindo de sua mãe irritante. Talvez houvesse cavalos, sua paixão. De qualquer modo alguns dias de descanso e relaxamento no Norte, fugindo do calor do verão, não faria mal algum.

Com certeza foi mais legal, exceto quanto ao descanso e relaxamento, Jeanette, já no segundo dia, se pegou como parte de um grupo cozinhando para duzentas pessoas! O que a surpreendeu mais foi a atmosfera entre as pessoas de todas as idades e crenças que pareciam unidas por um propósito comum. Eles falavam de si com uma franqueza e simplicidade que ela nunca tinha experimentado antes. Eles irradiavam a alegria de pessoas que haviam encontrado direção para suas vidas. Suas ideias não eram tão originais – voltar aos valores fundamentais e começar os aplicando a si mesmos, e tirar um tempo, individualmente, para buscar a vontade do Todo-Poderoso.

Colocar tais ideias em prática era outra coisa.

Jeanette estava atormentada por dúvidas sobre seu futuro com Carlos, os seus planos iminentes de casamento, e orgulho, que a fizeram recuar da ideia de que ela poderia estar errada. Ela estava completamente perdida. Ela sabia que ela precisava resolver as coisas antes de deixar a ilha.

Sozinha, ela se sentou e esperou, esperançosa de que alguma iluminação poderia lhe ocorrer. Ocorreu, mas não exatamente o que ela esperava. Seu primeiro pensamento foi o de pedir perdão a sua mãe pelos anos de revolta, por seu orgulho obstinado e pelas vezes que ela a odiou. O segundo pensamento foi o de admitir à sua mãe as coisas que ela tinha escondido. Estes pensamentos eram desconfortantes e ela os deixou firmemente de lado. Mas, eles continuavam voltando. Após alguns dias de turbulência interna exaustiva, mãe e filha repentinamente se viram juntas e sozinhas. Algo em Jeanette a fez dizer: “Este é o momento”, e ela encontrou coragem para conversar.

Para sua grande surpresa Irene começou a chorar, e em meio a suas lágrimas ela também pediu perdão à Jeanette. “Eu sempre quis te controlar. Eu tinha medo de que você cometesse os mesmos erros que eu cometi quando eu tinha sua idade. Mas agora, se você deixar Deus dirigir sua vida, você não precisará de ninguém para lhe controlar. E se você verdadeiramente acredita que Carlos é o homem com quem deve se

casar, você tem minha benção”. Jeanette não podia acreditar. Elas se abraçaram. A parede de gelo se derreteu.

Jeanette descobriu que sua revolta, afligindo seu espírito, era sem propósito. Ela percebeu, para sua vergonha, que por todos aqueles anos ela tinha inconscientemente usado Carlos como um instrumento de vingança contra seus pais, que ela devia a eles profundas desculpas, e que, com toda honestidade, ela deveria terminar o noivado e deixá-lo livre. O que ela sentiu por ele, agora ela compreendia, não era amor verdadeiro, mas algo de fascínio, e que ela havia explorado os sentimentos dele. Quando ela escreveu isto a ele, ela se sentiu como se tivesse tirado um enorme peso dos ombros.

Assim que as notícias do que tinha acontecido à sua esposa e filha chegaram até José, ele se juntou a elas com seu filho em Mackinac. Aquela foi a reunião familiar mais alegre que eles já haviam experimentado. Dez anos mais tarde, a antiga estudante de jornalismo estava para se casar com um jornalista uruguaio. Omar Ibargoyen, um homem que se dedicou totalmente ao espírito que havia tocado e transformado tanto sua esposa.

CAPÍTULO 2

Nos arredores de São Paulo

Santos, o porto cafeeiro do Brasil

Quando Louis Laure e seus três companheiros vieram para São Paulo em 1952, de longe a questão mais séria que eles encontraram dizia respeito ao porto de Santos, a uma hora e meia de distância. Sua primeira visita a Santos foi difícil, incluindo uma sensação real de medo enquanto eles ficavam do lado de fora dos portões das docas no final do dia de trabalho. Um maremoto de trabalhadores passava, alguns parecendo distintamente sinistros. Mais tarde, homens que haviam estado na conferência de Miami os levaram para dentro do porto. Nas noites eles visitavam líderes dos trabalhadores em suas casas. Aos domingos eles davam as boas-vindas a todos aqueles que vinham, algumas vezes famílias inteiras, e discutiam o que poderia ser feito para melhorar a vida no porto.

O que eles ouviram revelou o enorme abismo entre os trabalhadores e a gestão. “Não é uma questão de remuneração. Seja lá o que pedimos a resposta é sempre ‘não’. Desconfiança, medo e ódio são a base de nossa relação. Nós somos tratados pior do que máquinas”. Mas o espírito revolucionário dos homens fez com que eles rapidamente compreendessem a importância do que estavam vislumbrando por meio das ideias desconhecidas de seus visitantes.

Em 20 de abril, quatrocentas pessoas participaram de uma reunião organizada por Laure e seus colegas no coração do porto. O antigo presidente do sindicato dos trabalhadores do porto convidou seu arqui-inimigo, um vereador que era 30cm mais alto que ele, para se unir a ele na plataforma. O homem do sindicato, então, se desculpou publicamente pelos erros que tinha cometido e houve uma reconciliação espetacular, tipicamente brasileira, com muitas emoções. Esta reunião levou a muitos outros gestos desta natureza substituindo a inimizade pela boa vontade.

Os quatro visitantes jovens estavam também construindo ligações com a gestão. Um deles foi convidado a falar no Rotary Club, o que os levou a serem convidados a se encontrarem com membros da organização dos empregadores do porto. Uma atmosfera melhor começou a se desenvolver entre o presidente do sindicato dos trabalhadores do porto e o diretor de pessoal. Embora não houvesse nenhuma mudança repentina no clima geral, muitos problemas menores foram resolvidos e algumas grandes disputas evitadas.

Em Santos, os armazéns de café eram tão importantes quanto o porto. A equipe de Buchman foi introduzida nesse mundo por um amigo dos Villares, que os levou à Associação Comercial, uma espécie de federação patronal e câmara de comércio, um bastião do capitalismo implacável e puro.

Entre aqueles que tinham participado da assembleia em Miami estava um empresário de ascendência suíça chamado Wysling. Ele era odiado pelos sindicatos. Alguns dos sindicalistas dos armazéns de café também tinham estado em Miami, incluindo Carlos Anselmo, um antigo presidente do sindicato e secretário local do Partido

Socialista. (No Brasil, naquela época, o partido era pequeno – a maioria dos trabalhadores pertencia ao Partido dos Trabalhadores Brasileiro fundado por Getúlio Vargas, um presidente brasileiro radical).

Wysling e Anselmo mal se conheciam, exceto por trocar insultos. Em Miami eles se pegaram trabalhando juntos quando os organizadores da conferência pediram a eles para prepararem café para todos os representantes sindicais. Orgulho patriótico significava que suas diferenças foram superadas no interesse de fornecer o melhor café brasileiro possível. No retorno a Santos eles se encontraram novamente. A nova confiança entre eles começou a se espalhar por suas organizações.

Os líderes sindicais ainda tinham que superar a feroz oposição interna. No início do verão de 1952 enquanto alguns estavam na conferência MRA em Mackinac, um grupo extremista, determinado a dismantelar as coisas, reuniram uma série de exigências exorbitantes calculadas para esvaziar previamente qualquer acordo com a gestão. Em seu retorno, aqueles que tinham estado ausentes tiveram que brigar para anular as resoluções aprovadas na sua ausência e convencer seus seguidores a limitar as exigências ao que eles sentiam estar correto. Eles então entraram em negociações que resultaram em alguns notáveis avanços nas condições dos trabalhadores, incluindo o primeiro contrato coletivo de trabalho – a gestão, até então, nunca tinha aceitado isto – e melhorias substanciais no salário dos trabalhadores.

Dois meses mais tarde, o Presidente da União Clerical soltou uma bomba, exigindo um aumento salarial de 50%. Sua contraparte, o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores, foi até ele e contou sobre as novas relações com a gestão e os novos contratos, prontos para serem assinados, que representava o melhor já obtido para os trabalhadores. Como resultado uma carta inteiramente diferente foi enviada da União Clerical para os trabalhadores. Louis Laure ajudou a reunir as partes em litígio. Não só a greve foi evitada, mas a criação de uma atmosfera completamente nova levou a rápida conclusão de um acordo.

Como em outros lugares, mudanças sociais estavam ocorrendo a partir da mudança individual das pessoas. Para Carlos Anselmo, uma das primeiras decisões que ele se sentiu impelido a tomar não tinha nada a ver com as relações entre empregados e patrões. O homem tinha ido devolver um violino "emprestado" que não tinha intenção de devolver ao proprietário. Este difícil militante trabalhador do porto era também um apaixonado por música clássica. Sua esposa, enquanto isso, foi ver um gerente de uma grande loja para apresentar a ele alguns itens que ela havia roubado e pagar por eles. O gerente não via como o dinheiro poderia ser lançado nos livros contábeis.

“Dê o dinheiro à uma boa causa”. Disse ele.

“Dê você”. Respondeu a esposa, deixando o dinheiro nas mãos dele.

Os Anselmos eram negros. Na teoria, preconceito racial não existia no Brasil. Entretanto, ninguém se surpreendeu durante uma reunião numa casa de campo de Diederichsens, “Sítio das Figueiras”, em ver a senhora Anselmo se derramar em lágrimas ao expressar sentimentos de inferioridade por ser uma mulher de cor e de pouca educação, e seu medo de encontrar “grã-finos”, pessoas sofisticadas da alta sociedade. Seus filhos, 19 e 17, não queriam que ela aceitasse o convite, com medo de que ela fosse humilhada.

Ao contrário, o casal retornou a Santos emocionado por ter passado dois dias no coração de uma sociedade sem raça e sem classes.

No ano seguinte quando ele estava longe na conferência em Caux, Suíça, pessoas que queriam causar problemas começaram a intimidar o filho de Carlos para ver se eles poderiam desenterrar quaisquer delitos passados. Isto fez Carlos, em seu retorno, conversar mais honestamente do que nunca com sua família. A união familiar e o casamento foram fortalecidos. Ele decidiu dar um dia de salário todo mês para apoiar o pequeno grupo do Rearmamento Moral que tinham vindo trabalhar em Santos sem salário, voluntariamente.

Carlos então teve convicção em promover uma reparação mais custosa. Ele decidiu devolver, com juros, o que ele havia desviado dos fundos sindicais alguns anos atrás, e se retratar publicamente as suas expensas em um conhecido jornal de Santos (A Tribuna, 12 de junho 1955). Ele se declarou pronto a enfrentar quaisquer consequências que esta atitude pudesse suscitar. Ele mencionou ainda que ele não foi motivado pelo medo ou pelo remorso, e que ele entendia o prejuízo que sua decisão poderia causar a sua reputação. O que o preocupava eram as consequências mais amplas do seu modo de pensar e de viver. Ele não queria ser parte da doença no mundo, mas parte da cura, e por esta razão ele decidiu corrigir tudo o que podia de seu passado.

A carta de Carlos gerou muitos comentários. Alguns viram isso como uma manobra. Acusaram-no de inventar a história, que, ao pagar a sua penalidade, ele poderia assumir uma imagem de honestidade e, assim, aumentar as suas chances de ser eleito para o conselho municipal. Numa reunião de domingo do sindicato, o caso foi discutido por uma hora. Foi proposto que ele fosse entregue à polícia: "É assim que um ladrão deve ser tratado, não importa o quão eminente". Carlos decidiu simplesmente reconhecer o que tinha feito e não tentar se defender. Para surpresa de todos, a defesa dele foi assumida por um antigo oponente. "Vocês não entendem nada do que aconteceu. Carlos teve a coragem de fazer o que eu nunca poderia ter feito. Carlos nasceu em um novo espírito." Ele concluiu: "Aquele que estiver sem pecado, que atire a primeira pedra". Uma grande votação a favor de Carlos encerrou o assunto.

Carlos e seus companheiros sentiam que tinham que compartilhar o que eles estavam aprendendo o mais amplamente possível e passar aos outros a nova visão que os guiava. Um dia em março de 1953 alguns deles foram convidados a participar de uma reunião da Associação Comercial. Eles se desculparam pelo viés frequentemente agressivo de suas atividades e conversaram sobre o caminho com o qual eles se comprometeram, indo além das questões do capitalismo e da luta de classes. Seus ouvintes podiam sentir a atitude tensa e séria deles, como atletas antes da competição, e eles prestaram bastante atenção em como estes homens, conhecidos agitadores, expressavam suas convicções.

Mais tarde, o presidente da Federação Nacional dos Trabalhadores do Transporte e secretário do Partido Socialista recentemente eleito, ao invés de culpar os capitalistas por tudo que estava errado, falou a representantes de 18 sindicatos: "O Brasil está afundando na desonestidade, não somente entre os tubarões nos altos escalões, mas

muito mais o tipo de desonestidade que, multiplicada por milhões, produz o estado de caos no qual nos encontramos.

Durante uma onda de greves surgida na indústria da região naquele momento, foram tomadas algumas iniciativas, como panfletos e discursos, para organizar uma greve solidária pelos trabalhadores do porto de Santos, a ‘vanguarda do proletariado brasileiro’. Na ausência do presidente, que estava no exterior, o secretário do sindicato dos trabalhadores do porto, um homem que tinha estado em Mackinac, teve que lidar com a situação. A greve nunca ocorreu. “Nós não aderimos”, um de seus tenentes explicou, “porque nós encontramos o que para nós parece a melhor solução e nós queremos experimentá-la”.

No meio desta agitação, os presidentes de 29 dos 37 sindicatos de trabalhadores em Santos prepararam e assinaram uma Declaração de Princípios, que foi enviada ao Governador de São Paulo. “Nós estamos convencidos”, lia-se, “que o objetivo dos sindicatos não é somente ser um instrumento para a proteção dos interesses econômicos dos trabalhadores e uma arma para lutar contra o capitalismo. Por meio dos sindicatos nós queremos trabalhar para criar uma força moral e espiritual, organizada e capaz, através de suas ações, de exercer uma influência no país, e promover a paz dentro e nos arredores de nossa nação”. Esta profunda mudança de atitude não pôde deixar de impressionar muitos empresários e logo capturou a atenção dos principais jornais diários de São Paulo. O Governador do Estado em pessoa, oportunamente, visitou a casa na Rua dos Franceses.

CAPÍTULO 3

Com os portuários do Rio de Janeiro

Muito deste material foi retirado do relato de Damásio Cardoso no livro “Fresh Hope for the World”, (Un Changement d’Esperance) editado por Gabriel Marcel.

Da luta fratricida...

O que tinha começado ao redor de São Paulo não demorou muito para chegar ao Rio de Janeiro. Um dos afetados foi ninguém mais que Nelson Marcellino de Carvalho, quem tornou possível a recuperação de Francisco de Souza.

Nelson era de uma família carioca pobre. Seu pai era um carvoeiro (trabalhava nas caldeiras do navio) da Marinha Mercante Brasileira e morreu cedo de tuberculose. Nelson foi trabalhar no porto com catorze anos, usando calças compridas pela primeira vez na vida. No almoço ele comia bananas passadas que os feirantes iam jogar fora. Em grande parte, autodidata, Nelson construiu sua trajetória no porto, encarregado de crescentes responsabilidades, eventualmente tornando-se chefe do depósito de bagagem com a responsabilidade de lidar com a bagagem pessoal do navio de passageiros. Este era um trabalho muito cobiçado. O responsável antes de Nelson aposentou com uma fortuna graças à inúmeros subornos recebidos para garantir que os itens escapassem do controle alfandegário.

Nelson queria escapar a todo custo de sua infância pobre. Ele amava os carros mais recentes, era um apostador nas corridas e nas cartas, e um conhecedor de uísque que poderia reconhecer um uísque doze anos pelo aroma e sabor. Ele era casado e tinha uma filha pequena, mas como muitos outros mantinha diversas amantes.

Naquele tempo, questões sociais como hospitais, enfermagem, plano de saúde, e a inspeção das condições de trabalho eram todas tratadas separadamente por organizações comerciais ou profissionais. Para trabalhos marítimos, marinheiros, estivadores etc., a organização relevante era o Instituto dos Marítimos. Nelson era membro do comitê nacional e deste modo participou de inspeções em diferentes lugares. Durante uma destas inspeções, uma visita oficial a Santos, ele se encontrou com estivadores e trabalhadores do armazém, que disseram a ele o que estava acontecendo. Eles convidaram a ele e a um de seus colegas para se juntarem a eles em um fim de semana no Sítio das Figueiras, a residência de campo de Diederichsen. Lá eles se juntaram a alguns trabalhadores de Diederichsen de Santo André. No decorrer do final de semana alguns deles falaram sobre ir além dos interesses egoístas e deixar de lado a ambição em favor da resolução de conflitos.

Nelson conteve sua respiração. No decorrer do final de semana ele encontrou Vincent Verkuski, um do grupo dos quatro que tinham vindo para São Paulo após a Conferência de Miami em janeiro de 1951. Nelson o convidou para vir e passar um tempo no Rio. Entretanto, ninguém se prontificou a pagar o hotel por uma estada prolongada e no Rio não havia apartamento disponível, como em São Paulo. No fim, o

presidente do Sindicato dos Marinheiros, que havia passado algumas horas em Caux durante a conferência da Organização Internacional do Trabalho (OIT) em Geneva, ofereceu como alternativa um amplo escritório próximo ao dele. Quando Vincent foi ao Rio um divã foi instalado lá e algum espaço foi liberado próximo a um armário cheio de literatura sindical e panfletos antiamericanos. O local era ideal para reuniões, o conforto, rudimentar. Nelson ficou perplexo ao ver este Yankee aceitar se acomodar em um arranjo tão básico. Ele notou que este homem deveria mesmo acreditar no que estava fazendo. Para Nelson, todos os homens que ele havia encontrado naquele final de semana pareciam estar trazendo mudanças reais, de um tipo muito necessária no porto do Rio.

O porto do Rio estava envolvido em constantes conflitos e desordem endêmica. Muitos trabalhadores carregavam ou uma pistola ou uma faca. Os roubos e as greves causaram tamanha perda de mercadorias que as companhias de seguro impuseram uma sobretaxa a todas as cargas que passavam pelo Rio.

No ano anterior, uma paralização fechou o porto por cinquenta e cinco dias. Damásio Cardoso era um dos líderes da paralização, um motorista de guindaste duro e orgulhoso, nascido no Amazonas e de descendência indígena. A greve foi deflagrada em razão da suspensão que recebeu do gerente do porto. Seus colegas exigiram e obtiveram sua reintegração e, encorajado pelo êxito, Damásio condicionou o retorno ao trabalho à remoção do diretor do porto. Seguiu-se um impasse. Até onde a vista alcançava havia filas de barco na imensa Baía de Guanabara. As frutas e verduras estragaram a bordo dos navios e no cais. Em desespero, as autoridades finalmente se deram por vencidas e o Diretor do Porto teve que deixar o cargo. (veja *Fresh Hope for the World* by Gabriel Marcel, traduzido do francês)

O sindicato ao qual Damásio pertencia e do qual era vice-presidente, o Sindicato dos Servidores do Porto do Rio, foi fundado em 1952 por um homem apaixonado e carismático, cujo passado era tudo, menos respeitável. Ele veio de Pernambuco, nordeste, e era conhecido pelo nome de Duque de Assis. Sua ascensão foi facilitada em razão das leis brasileiras. Servidores públicos e agentes de empresas estatais – como do porto do Rio – foram proibidos de formar sindicatos independentes. A União dos Portuários do Brasil era a organização que, oficialmente, representava o interesse dos trabalhadores do porto. Ela era um ramo da administração federal, portanto, não um sindicato de verdade. Ela foi acusada de envolvimento com os burocratas ligados à gestão portuária.

Ao criar este sindicato não oficial, o “Duque” procurou estabelecer-se como o verdadeiro porta-voz dos trabalhadores. Ele rapidamente ganhou status e logo assumiu o papel de mediador com poder efetivo para intervir nos assuntos que estava acima das competências do diretor do porto. Ele foi assessorado por, aproximadamente, quarenta homens confiáveis que mantiveram a paralização a partir da coerção e violência, usando métodos que poderiam ter sido tirados de filmes de gângster. Damásio era um destes homens.

Desta vez o sindicato não oficial convocou uma nova greve. O alvo não era apenas o diretor do porto. A greve era também contra o chefe do depósito de bagagem,

Nelson Marcelino. Ele era um dos líderes do sindicato oficial União dos Portuários do Brasil e seu sindicato estava desafiando a greve.

Apesar da ordem de paralização do trabalho, Nelson anunciou que pretendia abrir o depósito. “Dois navios estavam chegando naquele dia com diplomatas estrangeiros a bordo,” explicou Damásio “e era aparentemente essencial para a reputação do Brasil que eles recebessem permissão de desembarque com toda sua bagagem.” Ele foi em frente, “Eu alertei Nelson que se ele tentasse trabalhar, isto custaria sua vida. Ajustar contas desta maneira era comum no porto. Eu vim preparado para problema. Eu adicionei um segundo revólver ao que eu permanentemente carregava, além de uma faca. Eu levei um grupo de camaradas bem armados ao depósito. Chegando lá eu fui até o Nelson: qualquer movimento da parte dele e eu atiraria.

“Eu esperava uma reação violenta. Para minha surpresa, ele falou calmamente. Ele me contou o quanto ele se lamentava por sermos inimigos já que na verdade ambos estávamos do lado dos nossos colegas de trabalho. Mas nós estávamos indo para luta de maneira errada. Ele conversou comigo acerca de uma nova tarefa que aguardava todos os portuários, necessitando da sua união. Para meu espanto, ele chegou a admitir que ele próprio havia cometido erros e que a União dos Portuários do Brasil não era irrepreensível”.

“Damásio não podia acreditar no que estava ouvindo, se perguntando o tempo todo o que estava por trás desta covardia”? Era um truque? E se viu contendo seu ataque planejado. Ele deixou Nelson falar e concordou em encontrá-lo no dia seguinte. “Sem o qual” continuou Damásio, “a esposa de um de nós estaria hoje viúva e a outra na prisão.”

No dia seguinte, Nelson explicou sua atitude do dia anterior. Indo para o porto ele decidira lutar até o fim, mas quando ele viu Damásio e seus ajudantes vindo em sua direção, ele se lembrou do que tinha ouvido em Diederichsens. Naquele momento ele sentiu todo seu medo, ódio, e arrogância deixá-lo, para serem substituídos pelo desejo de ganhar a confiança de seu inimigo. Ele sugeriu à Damásio que alguns militantes de cada um dos sindicatos fossem juntos a um evento que estava sendo organizado próximo a São Paulo pelos líderes sindicais do porto de Santos. Contra todas as expectativas, Damásio aceitou.

No sábado seguinte, um coach trouxe quarenta afiliados do Rio para São Paulo. Isto já foi uma conquista. Membros dos dois sindicatos rivais, após protestos e desculpas iniciais, concordaram em viajar juntos. Durante a viagem, um olhava para o outro com desconfiança. As boas-vindas na opulenta segunda casa dos Diederichsen foi muito acolhedora. Em complemento ao que os colegas de Santos tinham que dizer, alguma outra coisa impressionou enormemente Damásio. Seu anfitrião, como um empregador, tinha decidido parar de pagar propinas a servidores públicos responsáveis pelos contratos. Damásio também ficou chocado ao saber do manifesto dirigido ao governador do Estado (veja o capítulo anterior), assinado por 29 presidentes sindicais de Santos, garantindo seu suporte para criação de um espírito que pudesse colocar um fim as divisões sem recorrer à violência. Após dois dias passados nesta atmosfera amigável, as barreiras

entre os dois grupos do Rio começaram a cair. Quando eles retornaram haviam se tornado amigos com um objetivo comum.

Um pouco mais tarde, em agosto de 1954, Nelson e Damásio voaram para Caux, com oitenta e quatro membros do Rio, Santos, e São Paulo, num avião especialmente fretado pelos Villares e outros industriais. Eles foram com o apoio de diversos ministros de governo, que assumiram a responsabilidade pelos custos da viagem dos delegados de cada um de seus respectivos departamentos, (o Ministro dos Transportes, por exemplo, com relação aos portuários). Esta viagem ajudou a criar novas atitudes, as quais Damásio relatou ao Ministro dos Transportes. Ele também falou sobre isto com o chefe de Estado, Getúlio Vargas, durante uma reunião concedida a uma delegação de trabalhadores portuários. Bem diretamente, Damásio disse ao presidente como, embora no passado ele tivesse caminhado cegamente, ele havia agora decidido sem dúvidas conduzir sua vida livre de compromissos, buscando somente aquilo que estivesse de acordo com padrões morais que ele acreditasse. Ele disse, então, que pretendia lutar para que os estadistas baseassem sua política nos mesmos fundamentos.

Mas o retorno de Damásio e Nelson foi difícil. Todos no porto sabiam da viagem que eles fizeram juntos e de seus pronunciamentos públicos, comprometendo-se a lutar lado a lado para promover estas novas ideias. Isto causou dissensão. Além disso, o custo de vida estava subindo rápido e aquele ano em particular, 1953, terminou sem que os portuários obtivessem qualquer aumento salarial. Eles pediram um aumento de 50%, aceito pela companhia, desde que lhe fosse permitido aumentar seus próprios encargos. Os trabalhadores concordaram em esperar pela decisão governamental. Mas o governo atrasou deliberadamente sua resposta, enquanto o Ministro do Trabalho, João Goulart, persuadia o Duque de Assis e sua equipe, com quem ele tinha conexões, a iniciar uma greve em protesto à atitude da companhia. Parecia à Damásio, ainda vice-presidente daquele sindicato, que esta era uma proposta com fins puramente políticos e que ele não poderia deixá-la passar sem contestá-la.

“Eu decidi,” ele disse, “fazer um passeio pelo porto com uma locomotiva de manobra na qual colocamos uma bandeira brasileira com a inscrição” “Boicote à Greve”. Indo de armazém em armazém, nós explicamos os fatos da situação. Quando nós chegamos no galpão 7, a locomotiva foi cercada por um grupo de homens que já estavam esperando e um briga estourou. Eu fui agarrado e imobilizado enquanto um deles me batia com uma garrafa. Eu acordei no hospital com onze pontos na cabeça, com sorte de estar vivo. Vendo-me cair, um de meus amigos que tinha se afastado, sacou sua arma e gritou, ‘eu atirarei no primeiro que tocar no Damásio novamente’. Infelizmente, alguém correu à minha casa e disse a minha esposa Nair que eu tinha sido morto. Nair, grávida na época, entrou em estado de choque e deu à luz dois meses antes, prematuramente, ao nosso sexto filho. Nossa pequena garota, Angelina, nasceu com as pernas deformadas.”

Dominado pela raiva, Damásio ainda assim se conteve. Se Deus o queria vivo, seria por alguma razão. Ele teria que escolher a obediência, não a revolta. Ele não deveria tentar vingar-se de seu agressor, mas, tão logo ele se recuperasse, fazer dele seu amigo. Isto levou tempo. A cada momento que seu agressor o via, fugia. Por fim, eles se encontraram e se reconciliaram.

Damásio foi, no entanto, expulso do sindicato pelo ‘Duque’. O homem, mais ou menos, tomou o controle do porto. Gangues de homens armados impuseram sua própria lei. A corrupção e o roubo se espalharam tanto no Rio que o comércio mudou para Santos.

No entanto, os olhos começaram a se abrir, Nelson, Damásio, e seus amigos passaram a se encontrar mais frequentemente e a refletir mais profundamente. Eles viram que eles próprios não estavam isentos das coisas das quais acusavam os políticos obscuros. Por exemplo, havia o costume generalizado entre os portuários de levantar mercadorias, particularmente, produtos alimentícios, supostamente para as necessidades de suas famílias, mas, algumas vezes, exigindo caminhões! Um dos grupos queria racionalizar esta prática, reduzindo-a a um nível mais razoável. Ele percebeu que nada mudaria a menos que ele abandonasse todas as práticas juntas, e não demorou muito para que seu exemplo fosse seguido. Nelson, por sua vez, viu aquilo, enquanto ele estava lutando para melhorar as condições dos trabalhadores, sua maior meta era comprar para si próprio um apartamento na área da moda em Copacabana. Ele decidiu largar sua paixão por corrida de cavalos, o que consumia grande parte de seu salário. E, um dia, ele recusou “um envelope marrom” que lhe foi oferecido para induzi-lo a fazer vistas grossas a uma carga de contrabando; isto, apesar de ele precisar desesperadamente de dinheiro para pagar uma grande dívida. Ele também colocou um fim as suas relações extraconjugais. Foi esta decisão, acima de tudo, que consolidou sua permanência com aqueles que trabalhavam no porto.

Os hábitos não mudam da noite para o dia. Um hábito era nunca sair desarmado. Do momento em que se descobriu que as diferenças poderiam ser resolvidas sem recorrer à violência, estar constantemente armado não era mais uma necessidade. Entretanto, renunciar as armas exigia coragem. “Eu levei algum tempo” lembrou Damásio. “Eu disse a mim mesmo, venda seus dois revólveres. Uma faca será suficiente. Um incidente que poderia ter terminado tragicamente, me levou a renunciar a minha faca também. Um dia, alguns amigos me abordaram fazendo todos os tipos e observações pessoais ofensivas. No início eu consegui me controlar, mas então um deles se tornou tão insultante que eu esqueci todas as minhas boas resoluções, puxei minha faca e cravei no ombro dele.”

Até então, as mulheres haviam sido mantidas distantes das atividades e reuniões de seus maridos. Agora elas se viram envolvidas. Damásio vivia há vinte anos com Nair e eles tinham sete filhos. Mas o seu senso de compromisso nunca tinha ido tão longe a ponto de torná-la sua esposa. Este pensamento lhe ocorreu em uma manhã, regularizar a situação da família perante Deus e o mundo. O casamento aconteceu em 29 de dezembro de 1956. Antes da cerimônia, ele e Nair foram se confessar, ela pela primeira vez em muitos anos, ele pela primeira vez. Ele estava um tanto ansioso. O padre havia permitido um tempo limitado. Como, com o passado dele, ele iria contar tudo? As crianças estavam presentes e de branco no casamento dos pais, todas em fila, de dois a quinze anos de idade, adoráveis. Angelina estava lá, suas pernas se fortaleceram o suficiente a permitir que ela caminhasse com os outros.

Na cerimônia civil, Luiz e Leonor Villares foram convidadas como testemunhas. O almoço após a cerimônia foi a primeira vez que os Villares tinham comido na casa de um portuário, o pequeno apartamento era tão apertado que os convidados precisaram ser divididos em três turnos. Damásio e Nair quiseram aproveitar a ocasião para mostrar as famílias na Vila Portuária, o complexo de apartamentos dos portuários onde eles moravam. Naquela noite, na celebração no salão local, acompanhada por centenas de trabalhadores e suas famílias, Damásio falou brevemente sobre o significado que o evento tinha para ele. A ele se seguiu Nelson, seu antigo inimigo, e depois o Secretário Geral da União dos Portuários do Brasil que descreveu como ele tinha, até recentemente, odiado Damásio sem nunca o ter encontrado, apenas porque ele pertencia a uma organização rival. Então um jovem industrial falou, um homem cujo espírito revolucionário desafiou Damásio. Alguns dias depois o assistente social do porto disse ao casal: “Vocês estão trazendo trabalho para mim. Agora que vocês são casados, outros querem copiá-los.

Um novo espírito gradualmente se espalhou entre os trabalhadores no porto. O sindicato não oficial perdeu sua influência e, mais tarde em 1954, sua dissolução foi anunciada pelo governo. Damásio foi reintegrado ao sindicato oficialmente reconhecido e os líderes de seu sindicato anterior se uniram a ele, um após o outro. Tendo caído para 150 membros em 1953, o sindicato oficial agora se viu, três anos mais tarde, com 4.000 membros dos 7.000 trabalhadores.

Ainda era necessário à unidade recém-criada traduzir-se em mudanças práticas. O sindicato oficial adotou novos estatutos e em 1957 pela primeira vez organizou, genuinamente, eleições livres. “O modo das eleições é tão importante quanto o resultado” declarou seu presidente. Isto contrastou com a antiga União dos Portuários do Brasil, cuja eleição havia sido decidida por uma dúzia de homens deliberando sobre como coletar as sessenta assinaturas necessárias para um quórum. Isto também contrastou com o antigo sindicato do Damásio onde votava-se levantando as mãos e era aconselhável seguir as ordens do líder. Desta vez foi uma votação secreta sob o escrutínio do presidente do Tribunal Eleitoral estadual. Catorze cabines de votação foram espalhadas pelas docas de modo que todos pudessem votar no seu próprio local de trabalho.

Alguns dias antes da eleição o chefe de polícia do porto convocou os líderes do sindicato legal. Ele os informou sobre os arranjos que os comunistas estavam fazendo para vencer as eleições. Ele insistiu que eles fizessem as mesmas promessas feitas pelos comunistas, como três refeições diárias grátis no porto, uma pensão após vinte e cinco anos de serviço etc. Nelson respondeu, “Nós queremos provar ao governo que é possível ser honesto na política. Nós não faremos nenhuma promessa que não possamos cumprir.”

Três listas foram lançadas, para a eleição: a do comitê gestor em exercício, a segunda apoiada pelo partido socialista e conduzida pelos homens que apoiaram as recentes mudanças no porto, e uma terceira liderada por um funcionário do escritório e favorecida, curiosamente, tanto pela administração portuária quanto pelos comunistas. Os comunistas não queriam absolutamente nada com os líderes das duas primeiras listas que, segundo eles, não fariam concessões ideológicas. A votação aconteceu em 29 de março de

1957 sem complicações. A primeira lista foi eleita por 997 votos contra 675 da segunda lista e 587 da terceira. O líder da lista que ficou em segundo lugar mostrou-se um bom perdedor ao parabenizar o vencedor. No dia seguinte, a imprensa maravilhou-se com o evento e o grande diário “Correio da Manhã”, dedicou três colunas à eleição, dizendo: “Pela primeira vez no Brasil um grupo de servidores públicos conduziram eleições que respeitaram a legislação.”

Por isso, entre 1954 e 1957, uma profunda transformação aconteceu no porto do Rio. Não houve uma única greve. A unidade entre os sindicatos tinha sido restabelecida. Isto aconteceu dentro de uma estrutura legal, respeitando regras democráticas. A corrupção estava diminuindo e o comitê gestor da União dos Portuários do Brasil decidiu que ela não mais defenderia, automaticamente, trabalhadores acusados de desonestidade.

Não contentes com o que eles haviam alcançado em casa, os portuários do Rio sentiram necessidade de contar a outros sobre suas conquistas, e eles não se limitaram às fronteiras do Brasil. Começando em 1956, seis deles incluindo Damásio foram a Buenos Aires a convite do Ministro do Trabalho da Argentina. A gerência do porto se responsabilizou por parte dos custos da viagem deles, que chegaria até o gabinete do presidente argentino Aramburú.

Um pouco mais tarde Damásio, Nelson e outros voaram para os Estados Unidos. Eles nunca poderiam ter imaginado que eles teriam reuniões em Washington com senadores e com altos oficiais do Departamento de Estado. Eles também encontraram pessoas de outros níveis sociais como Anastasio, anunciado como um figurão da máfia e que, com seu grupo, controlava os portuários do Brooklyng. Ele ficou intrigado com estes brasileiros, os respeitando ao nível de não opor obstáculos ao contato deles com os portuários de lá que, por sua vez, os colocaram em contato com os portuários de Nova Iorque e Baltimore. E então a fama deles se espalhou.

Em 1959, eles lançaram um novo empreendimento. Fizeram o filme “Homens do Brasil”. Isso permitiu que compartilhassem suas experiências muito mais amplamente. Não aconteceu sem sacrifício. Várias vezes, cem homens renunciaram ao salário de um dia para participar das filmagens. E não foi sem oposição. Membros dos clãs que até recentemente controlavam o porto e nunca aceitaram a mudança em seus amigos não ficaram felizes em ver as câmeras rodando no cais. Várias sequências tiveram que ser regravadas várias vezes, tal foi a evolução dos eventos que tiveram que ser levados em conta.

Uma vez concluído, o longa-metragem foi exibido em todo o país - nos portos, é claro, mas também em fábricas, em áreas rurais problemáticas do Nordeste, nas favelas das grandes cidades e no serviço postal, onde o furto era comum. Nos anos seguintes, o filme foi dublado em mais de vinte idiomas e apresentado, muitas vezes pelos próprios trabalhadores portuários que fizeram o filme, em portos de todo o mundo e em pontos críticos em todos os continentes.

A versão francesa foi exibida pela primeira vez na França em 23 de março de 1961 em Blanc-Mesnil, um subúrbio industrial do norte de Paris, na presença de Bernard Hardion, recém-retornado de um mandato de sete anos como embaixador no

Brasil. Em suas observações introdutórias, o diplomata lembrou as condições desastrosas sob as quais o porto do Rio operava quando ele chegou ao país. Então ele ouviu falar da mudança criada pelos trabalhadores portuários. "Um dia", disse ele, "conheci os protagonistas do filme que vocês estão prestes a ver. Posso afirmar um ponto em particular que é tão extraordinário quanto a própria história. É uma história verdadeira; sem atores, sem ficção; um drama humano vivido por homens que são nossos irmãos. Esses brasileiros, que conheci e amei, encontraram um caminho para a sabedoria e fraternidade. Eles concluíram que suas experiências carregavam uma mensagem que interessaria a outras nações".

Nada dura para sempre. No início dos anos 1960, a situação no porto novamente se deteriorou. Em 1962, a renúncia repentina do presidente Jânio Quadros trouxe o vice-presidente, João Goulart, ao cargo supremo. Os homens que haviam sido os arquitetos das mudanças que ocorreram no porto se viram frustrados ou impedidos de participar da administração da União dos Portuários do Brasil. Os velhos hábitos de corrupção e violência voltaram com força. Será que a ligação entre o novo presidente e o Duque de Assis teve algo a ver com isso? Essa deterioração se refletiu em uma mudança mais geral, em que uma atmosfera pré-revolucionária estava sendo criada. Empresários cederam às demandas feitas a eles ou então fecharam seus negócios, liquidaram seus bens e deixaram o país.

A tomada de poder pelos militares em abril de 1964 e a ascensão do General Humberto Castelo Branco à Presidência marcou um ponto de virada, pelo menos por um tempo, no país e no porto. Um dos protagonistas da espetacular reviravolta no porto foi Otton Barbosa, um dos membros da equipe de Nelson Marcellino. O diretor do porto notou suas qualidades e o promoveu ao cargo de Inspetor-Chefe em uma parte chave do porto que lidava com a maioria do tráfego de café. Aqui, Barbosa mobilizou seus homens, eliminou o contrabando e reorganizou o trabalho de tal forma que vinte e sete guindastes poderiam trabalhar simultaneamente. Anteriormente, se mais de quinze estivessem trabalhando, mão de obra extra tinha que ser temporariamente contratada. Outras partes do porto foram afetadas por esta atitude. Barbosa foi promovido novamente, tornando-se gerente de todo o tráfego portuário. Nos velhos tempos, quando um navio entrava no porto, a empresa de navegação tinha que pagar subornos aos administradores do porto e aos trabalhadores-chave. Essa prática foi totalmente eliminada, bem como a de pagar subornos para acelerar o carregamento ou descarregamento. "A coisa mais difícil foi dizer não aos meus amigos", disse este ex-trabalhador que se tornou gerente. Logo, o Ministro dos Transportes pôde anunciar que a receita do porto havia mais do que dobrado em um ano, com redução nos custos administrativos sem aumento perceptível nos custos de investimento, tudo isso apesar da inflação.

Sítio São Luiz

Por volta da mesma época, os estivadores do Rio novamente mostraram seu dinamismo e senso de responsabilidade com o país. A diferença de classe não era uma questão. Eles apoiaram um novo empreendimento iniciado por Leonor Villares, que em

1965 teve a ideia de procurar uma propriedade vazia perto do Rio pronta para ser usada como centro de reuniões e treinamentos. Um corretor de imóveis os levou para ver uma bela propriedade perto de Petrópolis, o Sítio São Luiz. A localização era ideal, no alto de uma montanha a sessenta quilômetros do Rio. Petrópolis, construída ao longo de vales de montanhas, foi fundada em 1843 pelo Imperador Pedro II. Até a época em que Brasília foi construída, o governo ia para lá durante o verão.

A propriedade oferecida era encantadora, com duas casas e três pequenas casas de hóspedes, rodeadas por uma considerável quantidade de encosta e floresta, mas Leonor considerou que era grande e cara demais. Ela voltou cinco vezes ao Rio com amigos para procurar algo mais. No final, chegaram à conclusão conjunta de que o primeiro lugar visitado poderia ser o certo. Alguns membros das "equipes" que se formaram no Rio e em São Paulo se encontraram e ficaram convencidos de que não só deveriam ir para o Sítio, mas também oferecer aos proprietários, dois irmãos, metade do preço pedido a ser pago em cinco parcelas.

Enquanto isso, o irmão mais velho, um industrial, havia deixado o Brasil para começar uma nova vida na Austrália. Ele havia passado os anos da guerra na Alemanha. A situação no Brasil agora parecia muito instável e ele não queria sofrer novas convulsões caso as forças subversivas ganhassem poder. Ele imediatamente mandou um telegrama dizendo que, tendo em vista o objetivo que Leonor e os outros tinham em mente para a propriedade, concordava com o preço e aceitaria o pagamento em três parcelas ao longo de um ano. O irmão mais novo, que havia permanecido no Brasil e morava no local, concordou.

Assim, a venda do Sítio São Luiz foi assinada, mas o dinheiro ainda tinha que ser encontrado.

Os estivadores lançaram a campanha financeira. Eles decidiram organizar um enorme churrasco para quinhentas pessoas no novo lugar. Três de suas esposas visitaram o prefeito de Petrópolis, que também era gerente dos matadouros da cidade. Elas explicaram a situação e pediram-lhe que desse um boi para assar. O prefeito deu o que pediram, e elas e seus maridos passaram a noite cortando a carne. Enquanto isso, outros estivadores pegaram emprestadas mesas compridas, bancos e tendas do exército. Um deles trouxe laranjas de sua pequena fazenda. Na noite da festa, a meta estabelecida pelos estivadores não tinha sido alcançada. Alguns dos convidados sugeriram passar um chapéu. A esposa de um alto oficial do exército tirou dois lindos colares de pérolas que estava usando e colocou-os no chapéu. Eles haviam sido um presente de seu marido em seu noivado. No final da noite, a meta foi alcançada.

Com outras duas senhoras, Leonor foi visitar o presidente do Banco Bradesco, um dos maiores bancos privados, para falar sobre sua iniciativa e pedir seu apoio, além de perguntar se o banco faria uma doação em dinheiro equivalente a um quarto do preço da propriedade já comprada. O presidente era um homem de fé, além de ser um gerente rigoroso que gostava de falar claramente. Ele pediu três dias para dar sua resposta. A resposta foi "Sim". Outras instituições financeiras seguiram seu exemplo, em um nível inferior. Um ano depois, graças a múltiplas contribuições, muitas vezes extremamente modestas, todo o dinheiro foi arrecadado. Quarenta anos depois, o Sítio

ainda está sendo usado e tem recebido uma ampla variedade de visitantes, do Brasil e do exterior, desde senadores e generais até trabalhadores e moradores de favelas.

Estes visitantes não eram apenas das grandes cidades. Cerca de três mil pessoas viviam bem ao lado da propriedade no Morro da Neila. Eles eram frequentemente vinte em uma única cabana e constantemente ameaçados de expulsão. De tempos em tempos, alguns vinham visitar a equipe no Sítio. Eles estavam ansiosos para melhorar as condições miseráveis e precárias de sua comunidade. Durante uma visita, um deles mencionou um fardo particular que pesava muito sobre as mulheres. Elas tinham que descer a colina depois que seus maridos saíam para trabalhar para buscar água no córrego lá embaixo. "Mas é Deus quem dá a água", acrescentou ela, e continuou dizendo: "Não nos faltam braços fortes em nossa comunidade. A prefeitura poderia nos fornecer os materiais necessários para um abastecimento de água. Nós poderíamos encontrar uma solução". Pouco tempo depois, o prefeito foi convidado a visitar. Algumas semanas depois, os habitantes do Morro da Neila construíram uma pequena barragem na terra do Sítio e organizaram uma complexa cadeia de tubos de plástico. Em breve, a água chegou a quatrocentas casas e um espírito comunitário nasceu. Então vieram a iluminação pública, um campo de jogos e uma creche.

Mas os moradores das favelas não estão interessados apenas em melhorias materiais. Eles também vêm ver seus vizinhos no Sítio para descobrir como se proteger do egoísmo e da violência que constantemente ameaçam sua comunidade. Tão importante quanto esgoto e abastecimento de água é a tranquilidade de uma mãe sabendo que seu filho pode descer a colina em segurança e o espírito comunitário que pode acabar com o poder das gangues criminosas.

CAPÍTULO 4

Instabilidade entre os coronéis da Guatemala

Depois de participar do movimento popular em 1944 (veja capítulo 2 - América Central), o jovem Luis Puig trabalhou em radiodifusão. Ele se aproximou de José Monteros, proprietário da Radio Internacional. Monteros era um homem de opiniões fortemente de direita e gostava de discutir com um marxista, como Puig era na época. Um dia, ele disse a Puig: "Você não vai me convencer, nem eu a você. Poderia haver uma terceira maneira, algo com o qual ambos concordássemos, você e eu, pelo bem do país?" "Não conheço nada assim", respondeu Puig.

Algum tempo depois, após sua viagem a Mackinac, Puig voltou a ver Monteros e lembrou-lhe da conversa deles. "Agora eu encontrei o que você estava procurando", disse ele. "Isso me deixa de cabelo em pé", respondeu Monteros, depois de ouvir Puig contar o que acabara de descobrir. "Vou lhe dar tempo no ar na minha estação de rádio para falar sobre isso". Eles imediatamente começaram a preparar um folheto para os ouvintes que fariam perguntas ao final das transmissões planejadas. Os programas aconteciam duas vezes por semana, com duração de quinze minutos. Entre 1952 e 1954, houve no total cerca de 120 transmissões. Uma pequena equipe foi rapidamente montada para preparar e ensaiar os roteiros. Extraídos de livros e revistas trazidos de Mackinac, histórias de experiências em outros lugares do mundo foram dramatizadas e lidas por um elenco de pessoas diferentes.

As transmissões de Puig enfureceram os apoiadores do governo. O presidente Arévalo havia sido substituído ao final de seu mandato, em 1951, pelo jovem coronel Jacobo Arbenz Guzmán, um dos líderes do movimento que havia derrubado a ditadura anterior em duas etapas, junho e outubro de 1944. Arbenz se comprometeu a continuar e ampliar o processo de reforma, trazendo novas leis sociais, fortalecendo o movimento sindical e instituindo a reforma agrária, tudo com o objetivo de enfrentar as raízes da estrutura arcaica do país. Os objetivos propostos não poderiam ser rotulados como extremos. Em seu discurso inaugural (15 de março de 1951), o novo presidente afirmou que seu objetivo era "transformar a Guatemala de um país atrasado, com uma economia essencialmente feudal, em um país capitalista moderno".

A política de reforma agrária não era radical, seu alvo era limitado a terras não utilizadas em grandes propriedades. No entanto, isso afetaria seriamente a United Fruit Company da América do Norte. Essa empresa tinha à sua disposição vastas áreas de terras não cultivadas que havia subvalorizado em declarações para calcular a responsabilidade fiscal. As autoridades americanas acreditavam que precisavam defender a empresa e acusaram o governo de Arbenz de levar o país em direção ao comunismo. Não havia fundamentos para tal acusação. Havia, por exemplo, completa liberdade de imprensa. O partido comunista era o menor da coalizão governamental, embora fosse de fato o mais bem organizado e o único partido com uma ideologia séria. Também era verdade que vários líderes de outros grupos que apoiavam o governo fizeram visitas por trás da Cortina de Ferro em 1953.

A desconfiança de Washington foi alimentada principalmente pela linguagem inflamada usada pelos membros do governo, que celebravam liricamente sua "revolução de outubro" e desfilavam nas ruas para denunciar a "guerra imperialista na Coreia" e a "guerra suja na Indochina". Esses arroubos verbais, combinados com a pressão americana, aumentaram o descontentamento daqueles que se sentiam prejudicados pelas reformas.

As tensões foram dramaticamente ilustradas no estúdio da Rádio Internacional. Um dos homens que trabalhava lá mostrou sinais de grande agitação e pediu a um de seus colegas para substituí-lo temporariamente. Ele precisava de um pouco de ar fresco. Quando ele voltou em um estado mais calmo, explicou ao seu colega que havia recebido um sinal de um grupo de extrema direita instruindo-o a transmitir uma música específica em um determinado horário. Este era um sinal acordado para um grupo de cúmplices assassinar simultaneamente vinte e três comunistas. "Eu odeio os comunistas", disse ele, "mas simplesmente não pude fazer isso".

Sentindo-se ameaçado pelos Estados Unidos, o presidente Arbenz procurou comprar armas, algumas das quais conseguiu obter do leste europeu. A chegada de um navio carregado de suprimentos militares acelerou os eventos. Armados pelos americanos, alguns exilados guatemaltecos haviam se reagrupado em Honduras ao redor do coronel Castillo Armas. Em 17 de junho de 1954, eles cruzaram a fronteira. Dez dias depois, o presidente foi deposto. Seus apoiadores, no entanto, tiveram tempo de agir contra a Rádio Internacional. Eles prenderam Puig por dois dias, apreenderam os roteiros de todas as suas transmissões e o ameaçaram, dizendo: "Você está pervertendo o espírito revolucionário do nosso povo. Nunca vamos perdô-lo".

Puig ficou especialmente chocado com a atitude dos novos líderes em relação aos sindicatos, cuja liberdade de operação eles buscaram calar. Eles acusaram os sindicatos de serem infiltrados por comunistas. Ele também ficou revoltado com o referendo organizado por Castillo Armas. Os eleitores tinham que escrever seu nome e endereço na cédula. Os funcionários públicos que votaram "Não" sabiam que perderiam seus empregos.

Tendo aprendido a basear suas decisões ouvindo sua voz interior, Puig sentiu que deveria votar de acordo com sua consciência, então votou contra o novo governo. Mais tarde, descobriu que, em todo o país, apenas um pequeno número havia votado "Não". Os comunistas se abstiveram. No entanto, ele acreditava que deveria declarar sua posição e, na coluna intitulada 'Comentários', escreveu: "Minha consciência não me permite votar neste governo".

Puig permaneceu ativo em seu sindicato. Outros líderes sindicais, alguns dos quais haviam sido recentemente opositos a ele, vieram e pediram que ele se juntasse a eles na reorganização do movimento dos trabalhadores. Isso inevitavelmente entraria em conflito com os desejos do governo. Também provocou oposição da polícia. Puig sugeriu a seus colegas que cada um, individualmente, tirasse um tempo para pensar sobre a melhor maneira de proceder, após o que trocariam suas ideias. O pensamento comum que surgiu foi que eles deveriam pedir uma reunião com o Chefe de Estado e falar francamente com ele. Não seria fácil - muitas coisas ele não gostaria de ouvir.

O presidente os recebeu em seu escritório na presença de guardas armados. Seus visitantes expressaram o que haviam planejado dizer, em resumo: "Você está abrindo caminho para a pior opressão que os trabalhadores deste país já conheceram. Acreditamos que você é sincero. Faça algo para mudar esse resultado."

"Um de vocês não colaborou com os comunistas?" perguntou o presidente.

"Eu", respondeu Puig, "mas também aprendi a amar meu país como ele é e trabalhar para que ele se torne o que deveria ser, não para ver quem está certo, mas o que é certo."

O coronel Armas pediu que se sentassem e ordenou que seus guardas deixassem a sala. "Vocês me fazem confiar em vocês porque são honestos. Muitos dos que dizem ser meus amigos só me adulam. Acho que podemos fazer negócios. Leis para os trabalhadores não são minha especialidade. Sou um homem militar. Meu objetivo era tirar os comunistas do poder."

Para surpresa geral, ele confirmou as leis sociais anteriores, apenas introduzindo medidas apropriadas para impedir que extremistas notórios assumissem a liderança dos sindicatos.

Um pouco mais tarde, ele chamou Puig de volta. "Me diga o que mudou você", perguntou. Puig contou a ele e sugeriu que ele conhecesse alguns de seus amigos. O presidente os recebeu no Palácio Presidencial. Ele fez Puig voltar novamente. Ele estava claramente procurando por uma filosofia sólida para orientar sua política. "Uma nova conferência está acontecendo em Mackinac", disse Puig. "Por que você não envia alguém em quem confie?" "Vou enviar um representante da oposição", respondeu Armas, e assim o fez.

Em 1954, Luis Puig foi um dos fundadores do Congresso Sindical da Guatemala e, em 1956, foi enviado como delegado para a Organização Internacional do Trabalho em Genebra. Puig estava procurando que sentido poderia dar a essa relação com um ditador, um homem que, ao mesmo tempo, estava genuinamente buscando o caminho a seguir e que havia começado a tomar medidas para eliminar a corrupção dentro do governo.

Em 23 de julho de 1957, Castillo Armas foi assassinado por um de seus guarda-costas, que depois se matou. Nenhum motivo para o crime foi descoberto. A Guatemala foi jogada em um longo período de instabilidade. Puig sentiu que, no momento, não poderia fazer mais em seu próprio país para seguir o curso que havia definido para si mesmo e ao qual, a partir de agora, desejava dedicar todas as suas energias. Ele emigrou para o Brasil.

CAPÍTULO 5

Às margens do Rio da Prata

De uma família à indústria

Quando os Alonsos voltaram para o Uruguai, agradecidos pela transformação de sua filha rebelde através da visita a Mackinac, eles desejavam espalhar o espírito que haviam encontrado. Eles enviaram vários de seus amigos para Mackinac, incluindo Oscar Braúlio Alaniz, diretor administrativo da Ferrosphalt, uma fábrica de engenharia pesada. Alaniz também era o representante do sindicato dos trabalhadores de escritório. Um homem orgulhoso com um temperamento violento, ele era igualmente odiado tanto pelos diretores quanto pelos trabalhadores e em guerra aberta com o secretário do sindicato dos trabalhadores de colarinho azul, Armando Perdomo, que chegou a jogar potes de tinta contra a parede de sua casa. O clima de conflito gerava muita agitação. Os negócios estavam indo cada vez pior, ameaçados de fechamento, e o preço das ações havia caído de 100 pesos para 37 pesos.

As reações iniciais de Alaniz em Mackinac foram em grande parte negativas. "Isso nunca vai funcionar", declarou ele com firmeza durante uma refeição. Seu companheiro de mesa então lembrou-o da passagem na primeira carta de São Paulo aos Coríntios que lista todos os pecados que impedem alguém de entrar no reino de Deus. Alaniz bateu na mesa. "Não vou permitir que me insultem!" ele disse, e foi para o quarto com a intenção de fazer as malas. Mas então, sem motivo aparente, ele olhou no espelho e notou seu bigode. "Por que eu tenho um bigode", ele se perguntou. "Sim, é isso! É parte da minha vaidade. Eu quero ser bonito e atrair mulheres." No dia seguinte, seu bigode tinha desaparecido e Alaniz começou a se olhar com outros olhos. "Tudo o que foi dito à mesa ontem se aplica a mim", refletiu ele. Ele havia planejado ficar em Mackinac por apenas alguns dias. Ele ficou um mês.

Ele voltou para Montevideo completamente diferente. Foi "uma transformação surpreendente", disse um amigo. Sua esposa Sara tinha problemas cardíacos e os sintomas desapareceram. Um fluxo constante de funcionários da fábrica passou por sua casa. A paz foi restaurada entre Alaniz e Perdomo e entre os trabalhadores de colarinho azul e branco. Com a aprovação da maioria da força de trabalho, Perdomo criou um novo sindicato com regras democráticas. Não houve mais greves. O gerente da fábrica ficou surpreso um dia ao ter Alaniz e Perdomo chegando juntos em seu escritório. Um segundo passo foi ver renascer a confiança entre funcionários e diretores. O preço das ações subiu para 135 pesos.

No ano seguinte, em 1957, Oscar Alaniz foi convidado a voltar para Mackinac com Sara e Perdomo. O Gerente Geral não queria que ele fosse; argumentando que sua presença era indispensável. Alaniz insistiu. "Bem, então vá", retrucou o gerente com raiva. Alaniz agravou as coisas ainda mais ficando mais tempo do que as duas semanas que havia solicitado originalmente. Quando voltou, descobriu que havia sido removido do cargo e recebido uma posição muito subordinada. Quando, contra todas as expectativas, ele aceitou, foi demitido. Como aconteceu, o Gerente também foi logo

demitido. Alaniz teve que passar por um período difícil, eventualmente encontrando um emprego de meio período que lhe permitiu sobreviver. Mais tarde, foi contratado pela Organização dos Estados Americanos, cujo diretor em Montevideu era Juan Bautista Schroeder Otero. Schroeder conhecia Alaniz e o convidou para trabalhar em seu escritório. A colaboração entre os dois teve resultados importantes posteriormente. (veja o capítulo 16).

No final de sua primeira visita a Mackinac, Alaniz visitou Detroit, onde foi levado para ver Bomarito, um líder sindical na indústria de borracha. Enquanto ele contava tudo o que havia acontecido com ele, Bomarito escutava incrédulo. "Gostaria de ver o que resta de tudo isso daqui a um ano", disse ele. "Tudo bem, vou voltar aqui em um ano com minha esposa e meu pior inimigo", respondeu Alaniz.

Bomarito levou isso a sério. Ele fez uma ligação de longa distância para lembrar Alaniz de sua promessa. Uma reunião foi marcada. Os viajantes saíram de Mackinac em três carros separados. O carro que trazia Alaniz chegou primeiro. "E sua esposa?" exigiu Bomarito. A porta se abriu e entrou Sara, que então lhe contou sobre sua surpresa quando seu marido havia retornado no ano anterior. Um pouco surpreso, mas não desanimado, Bomarito se virou para Alaniz. "Você também me falou sobre o seu pior inimigo". Às vezes, o acaso faz coisas estranhas, ou talvez seja a providência divina. O terceiro carro chegou e, no momento preciso em que Bomarito falou, Perdomo bateu na porta. "Não posso acreditar!", disse o americano.

Alaniz e Perdomo adquiriram uma influência significativa no movimento sindical do Uruguai, bem além da engenharia pesada. Ao ouvir o que havia acontecido na Ferrosalt, Victorino González, um funcionário do porto de Montevideu, foi procurar Alaniz. González logo começou a trabalhar com alguns de seus camaradas no porto. Em 1965, os estivadores do Rio de Janeiro foram convidados a vir e compartilhar suas experiências. Seu exemplo não criou uma mudança tão grande quanto a que havia ocorrido no Rio, mas houve, no entanto, um vento fresco de honestidade. Por exemplo, Atilio de Bon, um operador de guindaste, descarregava os carros cuidadosamente se tivesse recebido um suborno esperado. Caso contrário, o veículo seria jogado com força no cais e teria que ir para reparos. Atilio sempre tinha uma explicação pronta. "Os guindastes estão desatualizados." Ele mudou.

Victorino González sentiu que deveria unir seus companheiros em torno de um objetivo comum. Ele teve a ideia de criar uma cooperativa de construção para fornecer melhores moradias para os trabalhadores do porto. Ele começou conversando com alguns deles à noite depois do trabalho. Embora fossem pouco instruídos, ele conseguiu despertar neles a ambição de fazer algo por suas famílias e pelo país. Um assistente social do porto ficou entusiasmado com o projeto e ajudou. Em 1991, após quatro anos de trabalho elaborando planos e levantando financiamento, a cooperativa foi criada e o terreno adquirido. Era um terreno baldio, coberto de árvores que tiveram que ser arrancadas amarrando cordas em seus troncos, cinco ou seis homens puxando-os pelas raízes. Para economizar, em vez de contratar profissionais, os membros da cooperativa fizeram o trabalho eles mesmos.

Apesar de ter cinquenta e oito anos, González se levantava todas as manhãs às quatro horas e trabalhava no porto até a uma. Então ele ia direto para o canteiro de obras, voltando para casa às seis ou oito da noite. "Minha força", disse ele ao lembrar esse período, "vinha de tirar uma hora de silêncio todas as manhãs diante de Deus. Eu costumava chegar ao porto às seis horas e começar a trabalhar às sete. Por uma hora, eu me sentava na cabine do guindaste e lá em cima, anotava as ideias que me ocorriam. Foi um momento em que muitas coisas ficaram claras."

Além dos problemas no porto e na cooperativa, Victorino teve problemas familiares. Seu filho estudante estava em rebelião contra as injustiças que via ao seu redor. Como muitos jovens, ele ouvia mais a um de seus professores que tinha ligações com o violento movimento Tupamaros do que a seu pai, que só tinha estudado por três anos. Mas a disciplina e constância de Victorino acabaram convencendo seu filho, assim como sua esposa Carlucha. Ela havia recebido as novas ideias de seu marido com frieza, assim como o exaustivo trabalho que ele havia iniciado. "Ela sempre colocava um obstáculo em meu caminho", disse Victorino, "porque ela não acreditava nisso. Ela sempre dizia: 'Casas para os pobres. Elas não existem'". Então ele acrescentou, com lágrimas nos olhos: "Uma vez, em nossa nova casa, ela me disse: 'Tendo visto você pedalando noite após noite em sua bicicleta para construir nossa casa, eu sei que você me amava'". No dia oficial de conclusão das novas casas, todos ficaram profundamente emocionados, com Carlucha chorando mais que todos os outros.

Quando José Alonso foi designado para os Estados Unidos por um ano, ele e sua esposa decidiram, durante sua ausência, disponibilizar seu apartamento em Montevideu para um casal escocês, Angus e Ruth Lamond. Os Lamonds eram apaixonados pela América Latina e queriam usar sua energia e modestos recursos para servir essa parte do mundo. Sua nova casa se tornou o centro ao redor do qual uma pequena equipe uruguaia se formou. Entre aqueles que os Alonsos tiveram tempo de apresentar aos Lamonds antes de partir, estava um estudante de direito, Omar Ibarгойen. Alguns anos depois, ele se tornaria marido de Jeanette. Embora fosse filho de uma família com propriedades, ele nunca teve dinheiro. Sua família o considerava um idealista sem senso de realidade e o mantinha afastado da administração da herança familiar.

Omar tinha uma mente constantemente inquisitiva e um temperamento militante. Ele participava com paixão dos debates ideológicos que às vezes duravam a noite toda no campus universitário. Ele estava tentando ser jornalista e conseguiu uma oportunidade no jornal *El País* para escrever uma coluna intitulada "A voz livre da juventude". Ele fez isso com um grupo de estudantes que ele havia reunido ao seu redor.

Um dia, ele encontrou um artigo no mesmo jornal sobre reuniões em que três homens que estavam passando pelo Uruguai estavam falando. O artigo falava de algumas das ideias que estavam sendo desenvolvidas por esses visitantes. Omar ficou encantado. Ele tinha, absolutamente, tinha que encontrá-los. Ninguém no jornal sabia onde os homens estavam hospedados, então ele pegou a lista telefônica e ligou para um hotel após o outro até descobri-los. Ele saiu imediatamente e encontrou Vincent Vercuski, que tinha vindo do Brasil com um trabalhador de São Paulo, um homem que tinha sido chefe de uma célula comunista em uma empresa de engenharia. Depois de visitar Caux

ao mesmo tempo que o filho do gerente, os dois se tornaram os principais arquitetos das mudanças naquele negócio.

A discussão com os visitantes continuou por tanto tempo que eles finalmente tiveram que pedir a Oscar para sair. Ele respondeu que voltaria na manhã seguinte com um grupo de amigos, o que fez. Depois de várias outras reuniões, chegou a hora em que os viajantes tiveram que deixar Montevideú. Eles disseram a Omar que ele seria bem-vindo, se quisesse, para ir à próxima conferência em Caux. Mas eles não se comprometeram muito com esse estudante jovem e sem dinheiro!

Omar era tenaz e um belo dia de 1954 - o mesmo verão em que Jeanette Alonso se reconciliou com sua mãe em Mackinac - ele apareceu em Caux. Ele havia usado um bilhete de ida e volta que havia recebido para representar uma instituição cultural uruguaia em uma conferência internacional contra o totalitarismo. O que ele viu em Caux abriu completamente novos horizontes para ele. Um homem (ou mulher) poderia mudar e essa mudança poderia ter grandes repercussões. Omar deixou o simpósio um pouco desiludido. Ele estava considerando a futilidade de lutar contra ideias e seus protagonistas e buscando como ajudar as pessoas a encontrar seu verdadeiro papel. Durante sua estadia em Caux, ele realizou uma revisão completa de sua vida. Isso mostrou a ele um caminho fundamental para o futuro. Ele escreveu cartas de desculpas ao segundo marido de sua mãe e outros membros de sua família. Isso iniciou uma transformação completa nos relacionamentos familiares e permitiu que ele, quando voltou para casa, resolvesse rapidamente um conflito familiar amargo sobre uma herança que durou quinze anos.

Ele também conheceu a família Alonso e através deles, os Lamonds, com quem começou a trabalhar. Para eles, ele foi um valioso companheiro de equipe. Não havia literatura sobre o Movimento de Rearmamento Moral em espanhol, então ele começou ajudando Angus a traduzir um pequeno livreto ilustrado chamado "Para onde vamos a partir daqui?". Ele tinha um amplo círculo de amigos e apresentou os Lamonds a muitos deles. Depois de terminar seus estudos, Omar continuou com esse trabalho em muitos países. Jeanette também estava envolvida. Eles se casaram em 1964. Mais tarde, juntamente com dois amigos franceses, criaram um movimento de treinamento moral chamado Viva la Gente (Viva as Pessoas). Este movimento alistou jovens latino-americanos por um ou dois anos, viajando por toda a América Latina usando drama, música e dança para ajudá-los a encontrar um propósito em suas vidas. O movimento seguiu no século XXI com o nome de Gente que Avanza (Gente que avança). Ao longo de quarenta anos, cerca de mil pessoas participaram, muitas das quais mantêm contato com sua base em Montevideo.

De Montevideo à Buenos Aires

O apartamento colocado à disposição dos Lamonds pelos Alonsos era excelente. Com vista para o Rio da Prata, era atendido por dois empregados, luxuosamente mobiliado e havia dois carros na garagem do subsolo. Mas os Lamonds enfrentavam um grande problema. Como poderiam sobreviver financeiramente sem uma renda regular? Ao vê-los em tais condições, ninguém, exceto os Alonsos, imaginava que

eles estavam com pouco dinheiro. Na verdade, foi Jeanette, ainda não casada, quem vendeu seus brincos de diamante nos Estados Unidos e enviou o dinheiro para os hóspedes de seus pais. Logo, outros presentes chegaram, mas tiveram que ser usados com frugalidade. Então, Angus não recebeu parabéns quando um dia saiu com a maior parte do dinheiro disponível da casa e voltou com um peru comprado a um preço imbatível! Como um bom escocês, como ele poderia resistir a uma pechincha?

No entanto, os eventos não foram lentos em justificar a compra, e o peru foi bem utilizado. Angus recebeu uma ligação de Raúl Migone, um amigo dos Alonsos a quem ele tinha sido apresentado antes de partirem. Diplomata argentino, ele era contra o presidente Perón, então no poder, e havia entrado em exílio voluntário no Uruguai. Um grupo de cadetes navais que haviam sido implicados em uma tentativa de golpe contra Perón acabara de chegar como refugiados em Montevideú. Migone perguntou aos Lamonds se eles poderiam dar-lhes jantar e mostrar-lhes um curta-metragem "Uma Ideia Toma Asas", que retratava a resolução do conflito entre as companhias aéreas americanas em 1951.

Raul Migone havia sido treinado como advogado. Durante a década de 1930, ele havia trabalhado na sede da Organização Internacional do Trabalho em Genebra. Mais tarde, ocupou vários cargos diplomáticos. Durante o tempo em Genebra, ele conheceu Frank Buchman e, a convite dele, participou de várias reuniões, uma das quais, em Saint-Cergues, o afetou profundamente. Ele estava muito feliz por ter encontrado o mesmo espírito durante as visitas ao apartamento emprestado pelos Alonsos.

Um dia, enquanto almoçava lá, ciente de que não era imediatamente possível, ele convidou seus anfitriões para virem à Argentina assim que a situação permitisse. Enquanto se sentavam juntos depois da refeição, ele teve a sensação de que deveria estar preparado para desempenhar um papel na reorganização de seu país, especialmente em relação ao mundo do trabalho. Compartilhando esse pensamento com seus amigos, ele não tinha ideia de que uma missão iminente e perigosa estaria logo à frente. Em setembro de 1955, Perón foi derrubado. Algum tempo depois, Migone foi chamado de volta à Argentina para ser nomeado Ministro na embaixada em Londres. Isso aparentemente não tinha relação com problemas trabalhistas. Enquanto se despedia em Montevideú no início de novembro, uma mensagem do novo presidente chegou, o General Aramburu, que havia substituído o General Leonardi. Ele era necessário em Buenos Aires imediatamente e um avião militar estava a caminho para buscá-lo.

Durante o voo de vinte minutos, Migoni sentiu que seria solicitado a ser Ministro do Trabalho. Ele rezou pela força e inspiração de que precisaria. Ao chegar na Casa Rosada, a sede da presidência, Aramburu disse a ele que o recém-estabelecido regime democrático estava ameaçado por uma greve geral convocada pelos sindicatos peronistas. Ele foi confrontado com a opção de chamar o exército e arriscar uma guerra civil. Como Migone havia previsto, o presidente havia decidido dar a ele a pasta do Trabalho.

O presidente havia arranjado para que Migone fosse com uma escolta armada para assumir o Ministério do Trabalho. Migone respondeu que iria a pé, acompanhado por apenas dois guarda-costas. "Você tem carta branca, desde que a greve

seja evitada", respondeu o presidente. Ao chegar no ministério, Migone encontrou os representantes sindicais reunidos. Ele disse a eles que poderia fazer com que o exército se opusesse à greve, mas preferiria apelar ao amor deles pelo país e pediu-lhes que desistissem da greve. Os sindicalistas ficaram surpresos e um pouco submissos ao verem o ministro chegar assim. Seguiu-se uma discussão ordenada e a greve nunca aconteceu.

Uma mensagem chegou aos Lamonds: "A Argentina precisa de vocês. Venham imediatamente".

Transmitida a eles por um representante do novo ministro, isso confirmou o convite anterior de Raul Migone. Os Lamonds concluíram que deveriam agir imediatamente e, com três companheiros, pegaram a balsa noturna para Buenos Aires. Sua chegada foi desconcertante. Seus companheiros de viagem estavam, estranhamente, todos correndo para sair do barco. As formalidades subsequentes foram intermináveis. Depois de finalmente passarem pela imigração, pela polícia e pela alfândega, o pequeno grupo ficou sozinho com suas malas do lado de fora, sem sinal de um táxi para levá-los até a cidade. Agora eles entendiam a pressa indecorosa da multidão um pouco antes. Casualmente, uma pequena caminhonete apareceu. "Vocês estão presos?" perguntou o motorista, e ele os carregou todos sob a cobertura de lona.

Chegando ao hotel, foi impossível entrar em contato com Migone. O ministro estava ocupado e eles não conseguiram contatá-lo por seis dias. O que fazer enquanto isso? Tudo o que os Lamonds tinham com eles eram os endereços de alguns assinantes de um pequeno boletim informativo que seu movimento editava em Londres. Mas as chamadas telefônicas foram em vão. Com um, não houve resposta; com outro, a pessoa havia morrido e, com o terceiro, a pessoa havia se mudado para o interior do país. Finalmente, eles receberam uma resposta de Ellinor Salmon, uma senhora originalmente da Noruega que havia conhecido um dos amigos dos Lamonds em um avião na Índia. "Vocês estão aqui?"

"Isso é fantástico! Estarei com você em quinze minutos", disse ela. Através dela, contatos foram rapidamente feitos. Pouco a pouco, um pequeno núcleo se reuniu em Buenos Aires, como havia acontecido em Montevideú.

Quando o novo Ministro do Trabalho finalmente viu Angus, ele tomou duas decisões. A primeira foi distribuir para todos os sindicalistas responsáveis o livrinho, agora em espanhol, "Para onde vamos a partir daqui?". A segunda foi convidar uma delegação dos trabalhadores portuários do Rio para vir e conhecer os sindicalistas argentinos.

Foi uma chance para os trabalhadores portuários do Rio ampliarem seus contatos. Eles tiveram uma visita memorável ao Mgr. de Andrea, Bispo de Palermo, parte de Buenos Aires. Damásio Cardoso falou sobre seu plano de se casar com sua parceira, mãe de seus filhos. "Algo há muito esperado é abençoado em dobro", disse o Bispo a ele, e seu encorajamento confirmou as intenções de Damásio. Sob o regime de Perón, o Bispo, ao contrário da maioria da hierarquia católica, havia permanecido franco. Por isso, foi perseguido pelos peronistas, que incendiaram sua igreja, assim como fizeram com várias outras. Ele e seu secretário, mais tarde, tornaram-se sacerdotes seniores da catedral, e mantiveram contato próximo e constante com Lamond e seus colegas. "Suas dificuldades

são nossas", disseram eles. "As igrejas estão cheias, mas ninguém é deixado quando se trata de assumir responsabilidades. Continue a semear a boa semente. Rezaremos por vocês. Por favor, rezem por nós."

Tendo ouvido falar do trabalho que havia começado na Argentina, José e Irène Alonso, ainda nos Estados Unidos, mais uma vez enviaram ajuda generosa para cobrir os custos da estadia de seus amigos em Buenos Aires. Desde que os Alonsos haviam vivido na Argentina, eles sentiam preocupação pelo país. Oscar Alaniz e Luis Puig, quando este veio ao Brasil, de vez em quando se juntavam aos Lamonds e ao pequeno grupo que crescia ao redor deles.

Esse grupo viveu novas aventuras. Um dia um homem bateu à porta do apartamento deles. Ele se apresentou como Werner Pohlmann, engenheiro da Cristalux Glassworks. O negócio ficava em Avellaneda, uma área industrial nos arredores da capital. Antes da guerra, Pohlmann havia conhecido pessoas na Alemanha que conheciam Frank Buchman. "Aprendi com eles que, em tempos de calma, se pode pensar em coisas pelas quais ser grato no passado, em coisas a fazer naquele dia e na direção a seguir para o futuro. Eu não encontrei motivos para ser grato pelo passado e não via nada a fazer no presente, nem no futuro. Mas esta manhã lembrei-me que um amigo me deu o endereço de vocês e me ocorreu a ideia de convidar dois de vocês para vir morar comigo ao lado da fábrica onde trabalho." Apesar de uma apresentação tão incomum do assunto, Luis Puig e Oscar Alaniz decidiram ir lá. Não demorou muito para que começassem a se perguntar se deveriam ficar. O lugar ficava a uma hora do centro da cidade. A casa de Pohlmann ficava dentro do complexo da fábrica. Para chegar lá, eles tinham que subir escadas e depois atravessar um pátio interno onde havia dois cães de guarda ferozes. A família consistia em quatro meninos e uma esposa que mantinha todos em ordem com uma vara. Os trabalhadores da fábrica eram sem expressão e hostis.

Uma manhã, Werner foi até eles muito agitado. "Um de nossos trabalhadores militantes quer conhecê-los", disse ele. Eles acabaram de ter uma discussão. Albornoz, o trabalhador, havia acusado o engenheiro: "Você nunca entenderá um revolucionário como eu".

"Eu tenho dois amigos mais revolucionários do que você", respondeu Werner.

Albornoz tinha rido muito. "Eu gostaria de ver isso!"

Puig e Alaniz o acharam um sujeito rústico e impressionante, com o rosto marcado por cicatrizes.

"Então," disse Albornoz, em tom de boas-vindas, "parece que vocês são mais revolucionários do que eu!"

"O pior reacionário", respondeu Alaniz, "é aquele que quer que o mundo seja diferente, mas não está pronto para mudar a si mesmo."

"Um pouco desconcertado, Albornoz adiou o debate para mais tarde. "Venham ao escritório do sindicato esta noite", disse ele.

Naquela noite, o tesoureiro do sindicato foi particularmente duro nas discussões e nunca parou de invejar os patrões.

"Suas ideias nunca vão se firmar, são lixo", disse ele aos visitantes.

"Você realmente quer ver um novo mundo surgir?" eles lhe perguntaram.

"Claro!"

"Então eu lhe digo que você tem tanto veneno em você que nunca será capaz de ajudar quem quer construir uma nova sociedade."

"Bem, se você quer saber", respondeu o tesoureiro, "eu sou um soprador de vidro, um artista. Um dia, o chefe de pessoal veio, me deu um tapinha no ombro e disse: 'Você está transferido para o escritório.' Nunca me deixaram voltar à oficina de sopro de vidro. Eu odeio esse homem, sua classe e todos os capitalistas.

"No dia seguinte, Luis e Oscar combinaram com Werner para se encontrarem com o chefe de pessoal.

"Você conhece esse homem?" eles lhe perguntaram, tomando um café.

"Sim, ele é um dos meus melhores trabalhadores, eu tenho muita estima por ele."

"Por que você o transferiu?"

"O médico me disse que, se ele continuasse como soprador de vidro, seus pulmões não sobreviveriam." "Você alguma vez lhe disse isso?"

"Não, é meu trabalho dar ordens, marcar compromissos."

Ao ouvir a história da conversa anterior, o chefe de pessoal chorou. "Nunca pensei nisso", disse ele.

Durante sua estadia na Argentina, os estivadores do Rio foram recebidos na fábrica Cristalux. Enquanto Damásio Cardoso contava sua história, Pablo, um soprador de vidro, ficava cada vez mais agitado, olhando constantemente para o relógio. Depois ele se acalmou. Mais tarde, ele contou a Puig que havia se encontrado com uma célula terrorista que ele queria se juntar. Eles queriam testá-lo e disseram para colocar um bastão de dinamite sob o carro do diretor da fábrica antes de determinado horário. A história de Damásio era tão envolvente que Pablo não queria perder nada. Mas a história continuou e a hora chegou. Então era tarde demais.

"Vá e conte ao diretor", disse Puig a ele.

"Jamais! Ele me jogará na prisão."

Mas ele deve finalmente ter decidido contar, porque Luis Puig mais tarde recebeu um cartão de boas-vindas do diretor, no qual ele havia escrito: "Com minha eterna gratidão."

Este incidente causou uma impressão em Pablo. Ele se tornou um dos que contribuíram para mudar a atmosfera na empresa. Quando os Peronistas recuperaram o poder, ele se tornou um conselheiro municipal em Avellaneda. Depois de outra mudança de regime, os partidários de Perón foram alvo de investigação pelos militares. Eles visitaram Pablo em casa e, ao sair, concluíram: "Esse homem é incorruptível".

Assim como na Ferrosalt no Uruguai, o que aconteceu na Cristalux teve um eco no mundo sindical argentino além das paredes da fábrica.

Do Oceano Atlântico ao Pacífico

Para escapar do calor do verão, muitos argentinos buscavam a brisa do mar na costa do vizinho Uruguai. Um ano, enquanto moravam em Buenos Aires, Angus e Ruth Lamond fizeram o mesmo. Eles alugaram uma casa em Atlântida, um pouco grande para eles, mas dando-lhes a chance de renovar amizades feitas alguns anos antes em Montevideú. Um jovem alemão, Hilmar von Campe, que estava trabalhando com eles, foi também. Seu tio era o embaixador alemão no Chile. No ano anterior, ele havia perdido tanto a esposa quanto a única filha para o câncer. Ele teria passado um triste Natal sozinho em Santiago. Os Lamond sugeriram a Hilmar que ele poderia convidar seu tio para passar o Natal com ele na casa de férias deles, um convite que o embaixador aceitou com entusiasmo. Na noite de sua chegada, a geladeira quebrou! Omar Ibargoyen salvou a situação trazendo a sua de Montevideú.

O embaixador e seu sobrinho iam nadar todos os dias enquanto os Lamond faziam o melhor para tornar sua estadia agradável. Ruth lembra que eles nunca falaram do trabalho que ela e Angus estavam fazendo. No entanto, Hilmar deve ter feito isso porque assim que ele voltou para Santiago, o embaixador convidou os Lamond para passar três semanas com Hilmar para lançar no Chile o trabalho que eles haviam empreendido na Argentina. Ele os incluiu em todos os almoços e jantares na Embaixada e organizou uma recepção especial para uma amostra transversal de líderes chilenos, membros do corpo diplomático e da colônia alemã, para ouvir dos Lamond.

A única introdução que os Lamond haviam trazido com eles para o Chile foi para uma certa Mary Posse. Alguns anos antes, depois de ser envenenada por frutos do mar, o que quase lhe custou a vida, ela havia sido cuidada em uma clínica situada acima de Montreux, tinha subido até Caux e deixado seu endereço, pedindo que se alguém visitasse o Chile, que viesse vê-la. Angus foi ao endereço, mas não encontrou vestígios de seu nome. Uma manhã, ele acordou com o pensamento insistente de que ele deveria sair e não voltar sem encontrar Mary Posse. Ele voltou seis horas depois, missão cumprida.

Angus não tinha levado em conta os costumes locais. Na América Latina, uma mulher mantém seu próprio nome após o casamento, simplesmente adicionando o do marido. E no Chile, ela é sempre conhecida pelo nome de solteira. Angus finalmente encontrou uma senhora chamada Mary Errazuriz de Posse, de uma antiga família aristocrática do país. Ela era incapacitada e acamada, apoiada por montanhas de travesseiros cor de rosa. Sua vida inteira girava em torno dela e de sua condição.

Conforme ela foi conhecendo os Lamonds, apresentando-os a sua família e amigos, Mary recuperou progressivamente a força. Tanto assim que as pessoas que moravam com ela e sua família perguntaram o que estava causando essa ressurreição progressiva. Ela começou a recuperar um propósito na vida, uma vida que para ela tinha sido muito mimada e protegida, tornada opaca e insípida por sua preocupação com sua saúde. Ela começou a pensar em mais pessoas para apresentar aos Lamonds, pessoas que prefeririam sua visita do que ir ao pé de sua cama. Ela descobriu que podia ser útil traduzindo para o espanhol documentos que os Lamonds só tinham em inglês. Mais tarde,

uma de suas sobrinhas foi para Mackinac e outra para uma conferência em Miami. Uma bisneta passou algum tempo com os Lamonds para ajudar no trabalho na Argentina. Mary mesma se recuperou o suficiente para viajar e foi ao Brasil, onde conheceu homens e mulheres cujas vidas haviam sido renovadas e que podiam contar as mudanças resultantes nas fábricas e docas. O que ela viu, lhe deu nova energia. Ela ficou com os Lamonds em Buenos Aires e participou de seu trabalho. Para coroar tudo, alguns anos depois ela foi com eles em uma turnê pela Europa.

CAPÍTULO 6

Atravessando a divisão social – BRASIL

O novo espírito que havia sido transmitido pelos trabalhadores portuários de Santos para seus colegas no Rio se espalhou em outras direções.

Os trabalhadores dos bondes:

José Lopes Veras nasceu no Piauí, um estado no pobre nordeste do Brasil, e morava com seu pai. Seus pais se separaram quando ele tinha dois anos. Um dia, aos oito anos, ele foi com uma tia cega tomar banho no rio. Uma mulher em um pequeno barco se aproximou da margem e falou com ele. "Eu sou sua mãe. Venha comigo para conversarmos." Ele entrou no barco ao lado dela e ela o empurrou, cruzando para a margem oposta. Mas ela havia sido vista na cidade e o pai de José, imaginando o que havia acontecido, foi à polícia. Mãe e filho foram casualmente encontrados. Vestindo apenas sua roupa de banho, José foi trancado em um quarto escuro por três dias. Reunidos e tremendo de febre, ele abraçou o pescoço do pai.

Até que seu pai se casasse novamente dois anos depois, José nunca soube como era uma verdadeira casa. Ele se casou quando tinha vinte e dois anos e recebeu seu pai, que havia perdido sua segunda esposa, em sua nova casa. José era, naquela época, um motorista de bonde que ganhava tão pouco que não podia pagar pelos remédios de seu pai, e por falta deles, seu pai morreu.

A morte do pai e a difícil juventude de José o deixaram amargo, com uma paixão para lutar contra a miserável pobreza de seu país. A base de uma fé herdada de seu pai o impediu de se juntar aos comunistas. Ele se juntou aos socialistas que estavam começando a se organizar, associando-se à ala trotskista que parecia a ele a mais disciplinada e revolucionária. Sem nunca ter concluído nenhum estudo, ele fez um curso de organização sindical oferecido pela Igreja Católica.

Depois de um tempo, os trabalhadores dos bondes do Rio queriam nomear José como chefe de seu sindicato. Um requisito legal na época era que os candidatos a esses cargos tinham que obter uma declaração de boa conduta da polícia. Após uma minuciosa investigação e pesquisa sobre a história política do candidato, esta declaração deveria confirmar que não havia nada comprometedor em suas ligações com outros indivíduos ou grupos - em outras palavras, que ele não era um comunista. José recusou-se por princípio a cumprir este requisito. Ele fez campanha e foi eleito por aclamação. Então, ele foi para o tribunal e ganhou uma decisão judicial reconhecendo a validade de sua eleição. No entanto, o Ministro do Interior se recusou a aceitar isso, então houve uma nova eleição que Veras ganhou novamente, sem a aprovação policial. O governo ficou muito constrangido. Finalmente, um senador socialista resolveu o impasse ao ir ao encontro do presidente brasileiro, Getúlio Vargas, acompanhado por todos os novos sindicalistas eleitos. O senador deu uma garantia firme de que José Veras era membro de seu partido e não era comunista.

Em 1954, nas eleições para o parlamento federal, José Veras concorreu como candidato pelo Partido Socialista. Ele aumentou as apostas ao organizar uma greve dos trabalhadores de bonde, apesar de os trabalhadores do setor público não terem o direito legal de fazer greve. Em certo momento, quando ele estava falando com seus seguidores na sede do sindicato, a polícia cercou e selou o prédio. As coisas estavam parecendo ruins. Trezentos homens, todos armados, estavam presos em uma armadilha. José encorajou-os a se entregarem voluntariamente às vans da polícia que os aguardavam, sem resistir. Ele mesmo permaneceu em liberdade, protegido pela imunidade concedida a todos os candidatos durante os vinte dias que antecedem a votação. Ele telefonou para a sede de seu partido e para alguns de seus amigos políticos, para que a opinião pública fosse despertada. Os trabalhadores do bonde acabaram sendo liberados com algumas de suas demandas atendidas. A confrontação, se não tivesse sido evitada, poderia ter tido um efeito calamitoso na época das eleições. Nas eleições, os socialistas ganharam um assento. O vencedor do assento conseguiu posteriormente revogar o regulamento relativo à declaração policial obrigatória, que Veras havia recusado duas vezes.

Embora não tenha sido eleito, a atitude de José Veras em antecipar uma confrontação potencialmente sangrenta foi notada pelos líderes sindicais de Santos (veja capítulo 2). Eles convidaram Veras para uma reunião que organizaram em junho de 1955. Eles também convidaram José Garcia, ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Hidrelétricos de São Paulo e na época delegado do Conselho da Federação Nacional dos Trabalhadores da Indústria.

Durante vários meses, encorajado por amigos em Santos, Garcia havia iniciado conversas com patrões e trabalhadores no coração da poderosa Light and Power Company of Brazil, de origem americana-canadense. Aconteceu que os trabalhadores de bonde do Rio dependiam dessa empresa e que Veras e Garcia haviam se confrontado antes. Agora, os dois homens se encontravam juntos em São Paulo, onde Veras passou a noite a caminho de Santos. Pela manhã, para surpresa de Veras, Garcia o procurou e pediu desculpas por suas disputas passadas e expressou sua disposição para trabalhar juntos no futuro. Veras se perguntou o que diabos havia permitido às pessoas em Santos provocar uma mudança em um homem como Garcia. Mas o que talvez o tenha afetado mais aconteceu durante a viagem de trem de sete horas para casa, durante a qual ele devorou um livro que seus anfitriões lhe haviam dado. Nele eram relatadas as batalhas travadas por pessoas que descobriram que a sociedade não pode ser mudada sem antes mudar as atitudes das pessoas. Alguns dos descritos no livro eram socialistas como ele. Ele ficou abalado. E ele mesmo? Ao iniciar a greve dos trabalhadores do bonde, ele estava pensando nos interesses de seus camaradas ou em sua própria candidatura eleitoral para o parlamento?

No verão seguinte, dois de seus novos amigos convidaram José para acompanhá-los a Caux. José respondeu inicialmente dizendo que não tinha o dinheiro necessário e não queria que outros cobrissem seus custos. Eles finalmente o convenceram, explicando como conseguiram levantar o dinheiro para sua viagem de várias fontes. Enquanto isso, José não tinha ideia de como seria afetado pela visita. O mundo com o qual ele havia sonhado e pelo qual estava pronto para dedicar sua vida, um mundo onde

as barreiras de classe tinham desaparecido, estava bem ali diante de seus olhos! Quase simultaneamente, ele se viu confrontado com o desafio de medir sua própria vida contra padrões morais absolutos. Ele falava como socialista, mas não estava vivendo como um burguês? Ele não havia explorado os trabalhadores, assim como os capitalistas faziam, para ganhar seus votos? Ele não merecia as reprovações dos trabalhadores sobre sua sede de poder, suas práticas financeiras duvidosas, sua vida privada, tudo isso muito distante dos princípios que ele proclamava?

Veras não era um crente religioso, mas aceitava a ideia de ouvir sua consciência. Agora ele queria fugir dos pensamentos que o assaltaram repentinamente. Eles eram tão dolorosos, tão fortes e tão insistentes que ele sentiu que não poderiam estar vindo dele. Será que ele realmente tinha que seguir por esse caminho? Ele ficou doente, sua língua e suas gengivas lhe causaram grande desconforto. Ele consultou um médico que lhe disse: "Eu vou te dar algo para aliviar a dor, mas não posso prescrever nada para te curar. Sua doença é psicológica. Vai passar quando você tomar as decisões que precisa tomar." Certamente, o problema desapareceu alguns dias depois.

Ao retornar, José foi honesto com sua esposa sobre todas as coisas que havia cuidadosamente escondido dela. Seu mundo desmoronou. Ela havia suspeitado que havia outra mulher na vida de seu marido, mas não havia ousado abordar o assunto. Eles tinham dez filhos e ela temia acima de tudo que pudesse ficar sozinha com eles. Por três dias ela nada disse. Finalmente, ela também decidiu dar o passo, dizendo: "Se você quiser um novo relacionamento comigo, um relacionamento de total honestidade, eu te perdoo". Assim, o pacto foi concluído, e mantido. As crianças também se beneficiaram. Os dois mais velhos, Daniel e Lydia, com dezesseis e quatorze anos, não falavam com seu pai há dois anos. José decidiu deixar o orgulho de lado e contar a eles a verdade sobre si mesmo. Ele arriscou sua autoridade como pai. O sentimento de distância que havia impedido seus filhos de confiar nele desapareceu da noite para o dia.

Veras organizou uma grande reunião com os trabalhadores do bonde, para a qual convidou vários líderes sindicais de diferentes profissões que foram afetados pelas novas ideias de Caux, do Rio, São Paulo, Santos e Porto Alegre. Ele pediu a José Garcia para liderar a reunião. Garcia estava em grande forma e havia resolvido muitas coisas em sua vida, abandonando a bebida e adotando a disciplina de um tempo diário de meditação tranquila pela manhã. Veras falou e foi totalmente honesto, enfrentando o fato de que havia aproveitado as demandas dos trabalhadores para seus próprios fins políticos.

Nas semanas seguintes, houve reuniões entre representantes sindicais e a administração dos bondes. Os trabalhadores conquistaram benefícios pelos quais haviam esperado por muito tempo, incluindo férias remuneradas e pagamento do "décimo terceiro" (muito antes de tais benefícios se tornarem obrigatórios por lei), além de melhores condições de trabalho e redução da carga horária. Ainda surgiram questões, mas com boa vontade foram encontradas soluções. Em uma ocasião, quando a liquidez estava baixa, foi providenciado crédito do Banco Central para que a empresa pudesse cumprir prontamente os compromissos financeiros pendentes com os funcionários. Em outra ocasião, para atender a uma demanda dos funcionários sem ter que aumentar as tarifas de bonde, eletricidade ou telefone (a mesma empresa controlava os três serviços), poderia significar a transferência

fictícia de benefícios acordados para uma conta temporariamente bloqueada. Esse dinheiro poderia estar disponível mais tarde, por exemplo, para criar acampamentos de férias para os trabalhadores.

Honestidade nos negócios

A nova onda de honestidade e responsabilidade demonstrada pelos estivadores, trabalhadores de bondes e outros líderes sindicais provocou uma reconsideração da conduta de negócios dos gerentes e proprietários. Um exemplo disso foi a decisão corajosa e dispendiosa de Ernesto Diederichsen de parar de subornar militares na compra de suprimentos do exército (descrito no capítulo 2). Ele não estava sozinho. Elza de Araújo, prima de sua esposa, sempre mantinha um envelope pronto para o inspetor fiscal quando ele vinha examinar as contas de sua gráfica. Ela acabou com essa prática.

Guilherme Berghoff era presidente de uma empresa importante, iniciada por seu pai, que importava peças de automóveis. Ele era presidente tanto da Associação Nacional de Engenheiros Mecânicos quanto da Associação Brasileira de Importadores. Ele ficou impressionado com a experiência da American Airlines (descrita no capítulo 4). "Aqui está o tipo de ajuda que o Brasil precisa receber dos Estados Unidos", declarou, quando ouviu os pilotos contarem sua história. Ele começou a questionar sua gestão dos negócios da família. Ele e seu irmão haviam afastado seu pai da administração da empresa que o pai havia criado. Eles achavam que ele não era dinâmico o suficiente. O resultado foi uma dolorosa divisão entre as gerações. Guilherme decidiu corrigir isso, com o resultado de que as relações normais foram restabelecidas na família.

Ele então começou a aplicar honestidade nos negócios da empresa. Ele parou a prática de manter dois conjuntos de livros contábeis: um para si mesmo e outro para as autoridades. No âmbito de suas maiores responsabilidades nacionais, ele teve que decidir sobre a alocação de tratores importados subsidiados pelo estado. Muitos licitantes ansiosos estavam prontos para lhe dar grandes subornos por debaixo do pano. Berghoff providenciou que a distribuição não seria mais decidida dessa maneira corrupta. Os tratores seriam compartilhados com aqueles que realmente precisavam deles. Alguns anos depois, Carlos Lacerda, governador do estado da Guanabara (do qual o Rio de Janeiro era então a capital), o nomeou para presidir uma agência de desenvolvimento para agricultura e indústria, e depois para dirigir as finanças do estado. O estado estava muito endividado e muitos funcionários recebiam salários baixos e faziam trabalhos secundários. Em dois anos, Berghoff reverteu essa situação desastrosa, conseguindo gerar um espírito de dedicação dentro do serviço. Mais tarde, sob a presidência nacional do General Castelo Branco (1964-67), ele foi chamado a presidir o controle de um sistema equitativo de distribuição de alimentos, onde havia ampla oportunidade para corrupção. Sob sua autoridade, o serviço foi administrado com completa proibição. Ele nomeou Nelson Marcellino (veja capítulo 3) gerente de sua divisão de transportes.

Erwin Zimmermann, outro empresário, ficou impressionado com a mudança nos estivadores do Rio. Criado na Suíça e familiarizado com princípios cristãos,

ele considerava que a honestidade nos negócios deveria seguir naturalmente. Para ele, bastava ter a consciência tranquila. Em 1928, após se formar na escola comercial na Suíça, ele começou a trabalhar em uma empresa têxtil e foi enviado ao Brasil. Sete anos depois, aos vinte e cinco anos, ele montou seu próprio negócio no Rio de Janeiro, importando máquinas de contabilidade. Amigos lhe disseram que para ter sucesso, ele precisaria se conformar com a prática geral de "molhar as mãos" dos compradores de seus clientes. Ele decidiu seguir suas próprias convicções, acreditando que teria sucesso pela qualidade de seu serviço. No começo, houve uma série de contratos perdidos, mas ao final de três anos, o negócio estava se desenvolvendo de forma constante. O progresso foi interrompido pelo início da Segunda Guerra Mundial, quando as importações da Europa foram bloqueadas, mas após o fim das hostilidades, a empresa se tornou realmente bem-sucedida, com novas filiais abrindo em todo o país, uma gráfica sendo adicionada ao lado da parte comercial do negócio e o número de funcionários aumentando para seiscentos. No entanto, as preocupações e tensões pessoais aumentaram, e ele desenvolveu uma úlcera.

Grande parte de suas preocupações decorreu do caos no porto do Rio. Juntamente com outros importadores, Zimmermann acabou roteando seu estoque via Santos. Mais tarde, quando ele percebeu a mudança surpreendente que ocorria entre os estivadores no Rio, tentou descobrir o que havia acontecido. Ele foi levado a ver a ligação entre as experiências dos estivadores e sua própria herança cristã. Não poderia Deus ajudá-lo também a encontrar, dia após dia, as decisões certas em seus negócios e para sua vida pessoal e familiar?

O primeiro ponto que o impressionou teve a ver com o inspetor fiscal. A cada ano, o inspetor estimava um valor fixo de imposto a ser pago. Zimmermann empregava um agente, sendo o costume que o agente recebesse "um envelope" para ser passado adiante. Zimmermann decidiu ter uma reunião pessoal com o inspetor. Ele disse a ele que sua política era absoluta honestidade e pediu-lhe, em boa consciência, para definir o valor correto do imposto a ser pago. Poucos dias depois, o inspetor ligou para informar a quantia devida. Zimmermann prontamente respondeu. O aumento para o ano foi menor do que o suborno que ele esperava pagar.

O tempo matinal de tranquilidade se tornou a fonte de outras decisões. Zimmermann passou a se interessar mais por seus funcionários. Algumas vezes ajudou a resolver problemas em suas vidas pessoais. Seu próprio estresse desapareceu e sua saúde melhorou. Embora percebesse que tinha medo de dar aumentos salariais, aprendeu a importância de seguir em frente com confiança de que os custos adicionais seriam cobertos.

Em 1962, a famosa fabricante suíça de máquinas de escrever Hermes consultou-o sobre o estabelecimento de uma fábrica no Brasil. Isso foi durante um período de muita turbulência política e ameaças de revolta armada e revolução. Muitos empresários foram forçados a deixar o Brasil e tentar recomeçar em outro lugar. A resposta racional de Zimmermann teria sido "não agora", mas ele decidiu que deveria dizer "sim". A fábrica foi construída em São Paulo, criando oitocentos empregos. Seus produtos foram exportados do Brasil para o restante da América Latina e além.

Com o tempo, surgiram outros problemas. Um colaborador próximo morreu enquanto outros foram substituídos por uma nova geração, alguns dos quais só se preocupavam com o lucro imediato. Uma solução foi encontrada para a dificuldade por meio de uma separação amigável. Zimmermann ficou com a gráfica enquanto o lado de equipamentos de escritório do negócio foi assumido pelos outros sócios. Mais tarde, surgiram outras dificuldades. Durante uma longa crise, que afetou especialmente a indústria gráfica, os concorrentes baixaram seus preços por meio de evasão fiscal. Zimmermann recusou-se a jogar esse jogo. Ele já estava se aproximando dos oitenta anos, ajudado profissionalmente por sua filha. Ele se sentia no fim de sua força, mas a resposta de sua voz interior era clara: "Até agora, você já esteve sem boa saúde e tudo o que precisava? Continue lutando".

Somente alguns anos depois, ele sentiu que chegara a hora de se aposentar - mas onde encontrar um comprador em um momento de crise aguda? Deveria vender o negócio como um todo ou cada uma das valiosas máquinas separadamente? E, se fosse o último, o que aconteceria com os cento e vinte funcionários? Mais tarde, olhando para trás, Zimmerman pôde ver que de fato havia sido o momento certo. Em quatro meses, duas das principais máquinas encontraram compradores, pagos à vista. Depois de alguns meses, as outras foram vendidas, com o comprador assumindo toda a força de trabalho.

Depois de uma longa carreira em um país onde muitas práticas empresariais eram altamente equivocadas, Erwin Zimmermann estava convencido de que todo indivíduo envolvido no comércio, indústria ou finanças pode encontrar a solução para problemas profissionais ao colocá-los diante de Deus e mantendo padrões morais e integridade. Livre da ganância e do medo, avaliando o sucesso em seus negócios não como um fim em si mesmo, mas como um meio de servir à comunidade, ele considerou que havia contribuído para a prosperidade de seu país natal e também do país adotado. Ele não havia feito fortuna, nem lhe faltara nada. Tudo isso, como ele explicou com grande simplicidade aos colegas mais jovens, foi sem medo de desprezo ou ridicularização.

Erwin Zimmermann passou sua vida profissional na América Latina, onde construiu diversos negócios, criou empregos e enraizou sua família. Em contrapartida, seu compatriota Hellmut Dachler era representante de vendas de uma empresa suíça fabricante de maquinaria elétrica e exportadora para a América Latina. Assim como no caso de Zimmermann e contrariando a sabedoria convencional, Dachler descobriu que a corrupção não era indispensável para os negócios nessa parte do mundo.¹

Foi no final de 1955 que o presidente da empresa de Dachler abriu sua reunião semanal com a notícia de um telegrama: "Licitante de usina elétrica bem-sucedido". Isso foi para o fornecimento de turbinas a vapor para o México para a nova estação de energia elétrica de Laguna - o primeiro grande sucesso da empresa suíça naquele país. Mas a notícia se espalhou. O agente de vendas no México havia prometido uma comissão "por baixo dos panos". Será que isso era verdade? E quem se beneficiaria?

¹ Dachler descreveu o que aconteceu na revista "Changer" (outubro de 1977).

Em janeiro de 1956, Dachler foi enviado para o México com uma quantia apropriada em dinheiro vivo. Era sua primeira visita ao país, bem como o primeiro contato direto da empresa com o agente local e o novo cliente. Dachler achou o agente frio e distante. O que ele deveria fazer? Quem era o importante industrial, o cunhado do cliente, que havia organizado os pagamentos não oficiais? Dachler encontrou o cliente e foi apresentado a esse homem em seu clube, um lugar muito sofisticado. Como ele poderia levantar o assunto delicado? Ele esperou. Depois de uma refeição servida em pratos de ouro, seguida por uma xícara de café excelente, o mexicano apresentou seu cartão. Ele esperaria Dachler em sua casa naquela mesma noite, por volta das 9 horas. Dachler voltou para o hotel, pegou o dinheiro do cofre onde havia sido depositado e contou-o novamente. Então ele parou. Ele deveria estar pagando esse suborno? Impossível, ele pensou! Ele colocou o dinheiro de volta no cofre e foi à visita de mãos vazias. A vila do homem era em Chapultepec, a parte mais próspera da Cidade do México. Dachler foi esperado e disse o que tinha em mente: "Eu não trouxe nenhum dinheiro. Por que essa 'comissão' extra? O preço acordado entre nós não envolvia nada disso para você ou para qualquer outra pessoa. Você percebe que estaríamos fazendo algo que não é certo? Por favor, pense no que estou dizendo."

"O dinheiro vai para o meu cunhado."

O homem insistiu, balançando o dedo. "Se você não cumprir sua palavra, estará quebrando um acordo de cavalheiros e perderá inúmeros outros contratos."

Dachler foi conduzido para fora pela porta do jardim, que foi fechada com força atrás dele. O que ele deveria fazer?

Ele se lembrou de uma visita de um consultor mexicano de engenharia à sua empresa em Zurique, o Sr. Mora de Palomino y Mora, agora superintendente de obras na usina de energia de Laguna. O Sr. Mora havia vindo com sua esposa e eles haviam feito visitas pela Suíça juntos. Dachler tinha boas lembranças deles - cultos, abertos e diretos - e em poucos dias eles se tornaram verdadeiros amigos, discutindo todo tipo de coisa: a decadência das igrejas, as deficiências dos cristãos, ouvir a orientação divina e o espírito de responsabilidade tão necessário na indústria.

No dia seguinte, Helmut Dachler saiu e encontrou estes amigos na porta da casa deles cercada por árvores tropicais e com vista para a silhueta coberta de neve do impressionante vulcão vizinho da Cidade do México, Popocatepetl. Depois de um café da manhã mexicano, eles relaxaram na grande sala de estar e Dachler contou a seus anfitriões o que estava em seu coração. O acordo de cavalheiros deveria ser respeitado? Depois de uma pausa, o Sr. Mora disse: "É uma lei não escrita conosco que se paga a comissão prometida. Dê a parte de cada um daqueles a quem foi prometido alguma coisa, mas ajude-os a entender que não é certo receber dinheiro que não foi ganho, que não deve haver pagamentos secretos e que ninguém deve viver com medo de exposição. Diga que esta é sua última comissão desse tipo. Seja aberto e franco conosco mexicanos - eles vão entendê-lo". Depois de uma pausa, os três oraram juntos para que Dachler encontrasse as palavras apropriadas e a coragem necessária.

Nos dias seguintes, Dachler fazia suas visitas com um maço de dólares no bolso. A secretária, com o poder de abrir ou fechar a porta para seu chefe, receberia um

envelope, que era pego por ela com ar de indiferença e sem agradecimentos. Dachler entraria para encontrar o chefe dela levando consigo um romance policial em que havia sido inserido algum dinheiro, e que ele esquecia ao sair. Um homem mais jovem, chefe do Departamento de Pesquisa, que estudara na Europa, convidou-o para jantar. Ele recusou os dólares, dizendo: "Eu sei que essa é a prática aqui e as pessoas me censuram por não seguir o exemplo, mas eu decidi não o fazer." Aqui estava uma pessoa resoluta e honesta pronta para se levantar.

Na noite anterior à sua partida, Dachler visitou o industrial de Chapultepec, que aguardava uma resposta e o dinheiro para seu cunhado. O envelope com o maço de notas foi recebido sem comentários e colocado em um armário.

"Eu cumpri um compromisso", disse Dachler, "mas é a última vez. Continuaremos a fazer ofertas e tentaremos obter seu negócio, mas será feito de maneira honesta. Está combinado?"

O homem pensou por um momento. "OK! Você fez um amigo. Tenha uma boa viagem!"

Um pouco depois, o mesmo cliente mexicano procurou um segundo conjunto de turbinas. O fabricante suíço competia com outros de outros países. Após estudos técnicos, o preço foi calculado sem a inclusão de comissão. Dachler voltou ao México para encontrar o cliente. Quando se encontraram, vários especialistas estavam reunidos em volta da mesa, fazendo perguntas, exigindo concessões e ameaçando recorrer a concorrentes. Finalmente, chegaram ao preço. Dachler hesitou por um segundo - ele iria comprometer-se com o que havia sido decidido para não perder o negócio? Uma voz interior o deteve e ele se manteve firme. Depois de discutir os detalhes, o diretor perguntou: "Seu preço inclui alguma comissão?" "Não." "Este é o seu preço final?" Depois de uma pausa silenciosa e com uma rápida oração, Dachler respondeu: "É o meu preço final". "Você ganhou o contrato. Parabéns!"

Também no exército

As ideias que penetraram no Brasil por meio dos portos e das fábricas também afetaram as forças armadas, as universidades e a política. Em 1952, uma delegação da Força Aérea Brasileira liderada pelo Major Deoclecio Lima de Siqueira participou da conferência de Mackinac. No relatório subsequente do Major ao estado-maior da Força Aérea, repassado ao corpo de oficiais, o Major descreveu a impressão que Ernesto Diederichsen causou nele, descrevendo sua conduta honesta com o governo, apesar do custo financeiro para si mesmo. Ele também falou sobre o que foi aprendido sobre o efeito, em suas respectivas forças armadas, de um novo espírito entre os oficiais de todos os graus, representando diferentes países. Esse espírito, ele apontou, dá aos militares valores positivos a defender, não apenas um inimigo para combater. Ele aumenta a disciplina militar com um senso interno de responsabilidade. Facilita o trabalho em equipe e a criação de espírito de equipe, dentro e entre as unidades, por meio de uma lealdade maior e um desejo de servir. Suas exigências morais dão uma visão mais clara, o que, por sua vez, pode ajudar a detectar evidências de subversão. Também aumenta a

preocupação e habilidade do soldado em conquistar a confiança da população civil. E em tempos de paz, cria um conceito novo do que as forças armadas podem ser como um *framework* (modelo) para ação cívica e um pilar para uma nação.

Dois anos depois, oficiais superiores do estado-maior da Marinha começaram a se interessar por esse movimento de ideias. O chefe da Guarda Presidencial do Presidente Vargas, em um discurso de rádio no dia do exército, deu uma apreciação vívida do que estava sendo aprendido. Guilherme Borghoff já havia feito uma apresentação na principal instituição de treinamento militar dedicada a estudos superiores para defesa nacional, onde oficiais superiores e executivos civis brilhantes estudavam juntos grandes problemas enfrentados pelo país - um terreno fértil para líderes e um laboratório de ideias.

O diretor de estudos desta instituição era o General Castelo Branco, futuro Chefe de Estado. Ele recebeu os estivadores do Rio, vindos de um ambiente social e econômico muito diferente, que até recentemente estiveram em confronto com as forças da lei e da ordem. A experiência desses sindicalistas desafiou os oficiais das três forças armadas, que estavam constantemente envolvidos em rivalidade.

Luiz Villares há muito tempo pensava que deveria fazer contato com o General Macedo Soares, um amigo pessoal, criador da nova cidade siderúrgica de Volta Redonda e presidente da Companhia Nacional de Ferro e Aço. Volta Redonda era o orgulho do Brasil. A conferência que aconteceu lá de 21 a 25 de abril de 1955 foi um evento significativo. O General veio e ficou encantado com tudo o que ouviu. As companhias aéreas dos Estados Unidos, onde quatro anos antes conflitos destrutivos haviam sido resolvidos, enviaram delegados. Os portos do Rio e de Santos estavam solidamente representados. O encontro de pessoas de origens tão diferentes em busca da construção de um novo tipo de mundo foi o gatilho para decisões tanto entre a administração quanto entre os trabalhadores militantes.

Um daqueles para quem este dia marcou um ponto de virada foi Luiz Antônio Leite, presidente do sindicato dos trabalhadores do ferro e do aço de Volta Redonda. Leite era o "bête noire" de Macedo Soares. No entanto, além da administração, Leite estava em discordância dentro do sindicato e em sua casa, que estava perto do rompimento. Ele acabara de perder um filho que havia se afogado. Uma senhora europeia, parte de um grupo de visitantes, ficou vários dias na casa de Leite. Durante a visita, sua esposa não estava bem. Ver uma senhora branca de alta classe do exterior, enquanto os Leites eram negros, colocando espontaneamente um avental e lavando a cozinha, impressionou o casal. Como resultado de conhecer essas pessoas, a atitude de Leite mudou completamente, tanto no trabalho quanto na família. Nos anos seguintes, Leite inspirou um espírito construtivo dentro de seu sindicato e, até sua morte em 1994, permaneceu fiel a essa linha de ação e às amizades que fez durante aqueles dias.

Um número daqueles que tinham participado da conferência continuaram a se encontrar, refletir juntos e compartilhar as decisões tomadas, muitas vezes muito simples, mas que iam ao cerne das coisas. Por exemplo, um trabalhador que mal sabia escrever pediria a sua filha para anotar em bom português em um caderno os pensamentos que lhe vinham à mente. Uma necessidade que esse homem reconheceu e decidiu corrigir

foi colocar um telhado adequado na casa da família. Outra decisão foi parar de fumar e dar para essa nova revolução o dinheiro economizado com a não compra de tabaco. O General Soares se encontrava com um ou outro desses grupos. Mais tarde, ele se tornou membro do governo e mostrou-se especialmente atento às condições dos trabalhadores. Ele estava pronto para participar da conferência de verão de Mackinac, mas o Presidente Café Filho vetou a viagem, revelando que a hostilidade às novas formas havia penetrado até a liderança do país (2).

Isso não impediu novos avanços entre os chefes militares brasileiros. O General Hugo Bethlem, enquanto servia no exterior como embaixador, ficou impressionado com o filme dos estivadores do Rio. "Esses homens são nossos verdadeiros embaixadores", disse ele. No final de abril de 1961, ele foi convidado para uma assembleia em Miami para participantes das Américas. Uma noite, uma peça chamada "A Escada" foi encenada no teatro. O personagem principal, possuído pela ambição e pelo interesse próprio, finalmente chega ao topo da escada, apenas para perceber que contribuiu para a crucificação de Cristo. Como católico, Bethlem saiu do teatro abalado. "Esse homem sou eu". Ele tinha visto no palco um retrato de si mesmo, um homem usando toda situação e todo relacionamento para subir mais alto. Uma memória austera veio à mente. Ele tinha ido à inauguração da nova capital federal, Brasília, pelo presidente da república. Sua esposa estava prestes a dar à luz. Ele a abandonou para se juntar às pessoas mais importantes do regime, exibindo todas as suas condecorações.

O impacto que a reunião em Miami teve sobre ele o levou a mudar seus planos. Após a assembleia, ele esperava seguir sua viagem rumo ao norte, levando sua esposa de férias e incluindo compras em Nova York. Em vez disso, ele retornou ao Brasil, fechou seu escritório e deu o dinheiro reservado para as férias para apoiar a ação que agora empreendia. Para isso, ele mobilizou a ajuda da comunidade empresarial e foi ver o Chefe de Estado, Presidente Jânio Quadros, para obter sua concordância e apoio para convidar uma missão itinerante para cruzar o Brasil². Isso ocorreu entre abril e dezembro de 1961, também percorrendo outros países latino-americanos e completando sua campanha com uma reunião em Petrópolis, nas montanhas acima do Rio.

² Foi Café Filho quem assegurou a transição na Presidência após o suicídio de Vargas (24 de agosto de 1954) até a posse de Kubitschek (31 de janeiro de 1956).

CAPÍTULO 7

Levando uma mensagem

Para entender a escala surpreendentemente alta da resposta despertada pela Missão Itinerante de 1961, vale a pena lembrar os eventos da época. A Assembleia em Miami teve sua abertura poucos dias após a tentativa dos Estados Unidos de desembarcar em Cuba, a base avançada para a penetração da União Soviética no Novo Mundo – pouco tempo depois seria a crise dos mísseis cubanos. A Guerra Fria estava em seu auge, o Ocidente em toda parte na defensiva e o Comunismo tomando a iniciativa em um país em desenvolvimento após outro. Sua propaganda era intensa, especialmente na América Latina, e na esfera das ideias a luta parecia totalmente desigual. Para muitos países no Sul em desenvolvimento, assim como para muitos trabalhadores no Norte desenvolvido, a alternativa parecia ser: aceitar o triunfo do Comunismo ou resignar-se ao mundo como ele é. Mas agora apareceram muitos comunistas que deixaram o Partido, não por frustração ou repugnância, nem porque foram expulsos, mas porque encontraram uma causa maior à qual dedicar sua paixão por mudança. Isso levou a uma interpretação errônea que circulou, de que o Rearmamento Moral era anticomunista. "Nem comunismo nem anticomunismo", declarou o convite de Miami. "Ambos são muito pequenos". Ao dar realidade a um conceito capaz de conquistar comunistas comprometidos, um conceito que se baseia em uma herança cristã, mas livre de qualquer confissão imposta, o movimento deu uma resposta à falsa dicotomia do Gulag ou da Bomba. Ele procurou vencer os inimigos, não os destruir. Em meio à Guerra Fria, sua atitude poderia ser resumida como: vencer o Oriente mudando o Ocidente.

Das cidades do Sul para o caldeirão do Nordeste.

Ao amanhecer de 27 de abril, a Missão decolou de Miami em aviões fretados. Com mais de 150 pessoas, incluía uma peça de teatro intitulada "The Tiger", escrita e interpretada por estudantes japoneses do Zengakuren, um grupo militante da extrema esquerda. A peça dramatizava em parte os distúrbios que os estudantes ajudaram a provocar em Tóquio e que haviam forçado o cancelamento da visita do presidente Eisenhower ao Japão no ano anterior. Membros do grupo fizeram manchetes nos jornais norte-americanos quando se desculparam com o presidente Eisenhower por sua participação nessas violentas manifestações.

A estreia sul-americana de "The Tiger" aconteceu em São Paulo em 1º de maio. No mesmo dia, milhares de trabalhadores marcharam pelas ruas atrás de bandeiras vermelhas para marcar a abertura de uma grande conferência sino-soviética no México, planejando a penetração na América Latina. O grito dos trabalhadores era: "Cuba, nosso modelo!" A manifestação não impediu uma enchente de pessoas que invadiu o teatro naquela noite, bloqueando o trânsito. O mesmo aconteceu no dia seguinte e nos dias seguintes. Dez dias após a abertura, trechos da peça foram transmitidos pela televisão e houve entrevistas com alguns dos atores. Um telegrama do primeiro-ministro japonês

trouxe seu apoio ao elenco, saudando "seu fogo e paixão por um caminho que não segue nem para a direita nem para a esquerda, mas segue em frente". Membros da Missão foram recebidos pelo governador do estado. Uma influência duradoura foi deixada em muitos.

Um exemplo foi Armando Magri, um homem que lidava com imigração em São Paulo e nos estados do sul. Um oficial em sua posição estava exposto à tentação. Viajantes com visto de turista que pretendiam trabalhar precisavam de sua assinatura, pela qual ele poderia receber dinheiro. Artistas que chegavam tinham a intenção de realizar seus shows durante sua estadia. Outros, cujo visto de visitante havia expirado, ofereciam-lhe algo para obter uma prorrogação. Suplicantes inclusive o seguiam até sua casa.

Em uma ocasião, Magri recebeu um pacote de passaportes de uma agência de viagens, cada um contendo cinco dólares. Nesse caso particular, os vistos solicitados eram perfeitamente regulares e não exigiam nenhum privilégio especial. Magri perguntou aos colegas o motivo desse pagamento. "Seu antecessor cobrava cinco dólares por visto", foi a resposta deles. Ele chamou o chefe da agência, que inicialmente achou que cinco dólares não eram suficientes. O homem ficou surpreso quando os dólares foram devolvidos juntamente com os vistos, juntamente com uma instrução severa de Magri de que tal tentativa de suborno nunca mais deveria ser repetida. Magri, por causa de seu encontro com o elenco de 'The Tiger', não era um homem rico quando se aposentou, o que era incomum para alguém em sua posição. Mas em seu próprio coração, ele estava em paz e livre para instigar e encorajar seus clientes em direção a uma maior honestidade e espírito público.

Com uma agitação social semelhante à de São Paulo, a peça estreou em 15 de maio no grande Teatro Municipal do Rio. Além dos shows, houve reuniões ao ar livre, visitas a escolas e exhibições do filme 'Homens do Brasil'. Uma apresentação memorável ocorreu em 6 de junho em Niterói, uma grande cidade do outro lado da baía do Rio. Uma greve de ônibus acabara de ser resolvida com dificuldade, mas outra greve estava sendo lançada, desta vez no serviço de água. Em tal atmosfera turbulenta, nem todos ficaram satisfeitos com a chegada da peça. Quando o veículo que iria divulgar a peça por alto-falante não apareceu, membros da trupe começaram a suspeitar de sabotagem, que poderia ser resolvida a tempo. Enquanto isso, funcionários do grande hospital, San Pedro Antônio, pararam de trabalhar. Eles não haviam recebido salários há dois meses. Nenhuma refeição foi servida aos doentes naquele dia e uma reunião estava marcada para a mesma noite para discutir os próximos movimentos na crescente onda de agitação. No entanto, a peça já havia despertado uma resposta tão grande na região que os líderes dos trabalhadores do hospital decidiram adiar sua reunião até a meia-noite para que pudessem assistir à peça. Após a apresentação, os homens seguiram para sua reunião. A pedido do presidente do Sindicato dos Trabalhadores do Hospital, a reunião começou com uma exibição de 'Homens do Brasil'. No dia seguinte, ele convidou alguns dos membros da Missão que viajavam com a peça para falar com os membros do sindicato. Pouco depois, veio a notícia de um acordo com as autoridades do hospital, concentrando-se principalmente no pagamento dos salários atrasados.

As próximas paradas da turnê foram Petrópolis e Brasília. Na capital, pessoas vieram de até 50 quilômetros de distância de ônibus, caminhão e bicicleta para ver a peça, e membros da Missão foram recebidos pelas autoridades federais. Pouco depois, o presidente Jânio Quadros e sua esposa receberam vários representantes da Missão, liderados pelo marechal Távora e pelo general Bethlem. Entre o grupo estava uma ex-enfermeira francesa, Irene Laure, que havia feito parte da resistência contra a ocupação alemã durante a guerra. Após a libertação, ela foi eleita membro da Assembleia Constituinte, criada para estabelecer a nova constituição da Quinta República Francesa. Após uma visita a Caux em 1947, ela se dedicou de corpo e alma à reconciliação entre França e Alemanha. Ela contou ao presidente Quadros como foi levada a pedir perdão aos alemães pelo ódio que nutria por eles e pela maneira como havia se alegrado ao ouvir aviões aliados passando a caminho de bombardear a Alemanha, e como ela levou essa mensagem aos habitantes das cidades arruinadas cuja destruição havia comemorado.

Ao ouvir isso, Quadros declarou: "Precisamos levar essa mensagem para o Brasil. Do que vocês precisam?"

"Bem, precisaríamos de transporte, acomodação e teatros para a peça."

O presidente ordenou aos chefes dos três serviços armados que dessem seu apoio para atender a essas necessidades.

Esse apoio veio justo quando a Missão foi convidada para o extremo Nordeste. A notícia de sua turnê no Sul foi divulgada antes da ida deles ao Nordeste e houve grandes multidões, de forma que mais de uma vez os teatros tiveram que ser complementados ou substituídos por estádios.

O Nordeste é uma das regiões mais pobres do Brasil. No interior oeste, secas periódicas traziam catástrofes, forçando ondas de migrantes a inundar as grandes cidades do sul. Na área costeira, toda a agricultura era baseada em cana-de-açúcar, cultivada em grandes propriedades onde "o camponês é esmagado pelas rodas do destino, assim como a cana é esmagada pelo engenho da usina". Para Josué de Castro, esse sistema de grandes propriedades caracterizadas por práticas de trabalho arcaicas tornava todo o Nordeste "novecentos mil quilômetros quadrados de sofrimento". A miséria e a fome lá levaram à preocupação de que haveria explosões "ligadas mais à estrutura social do que a acidentes naturais".

Quando a Missão desembarcou em Recife, a universidade da cidade estava em tumulto. Alguns dias antes, os estudantes haviam se revoltado e trancado seus professores para fora. Organizações camponesas militantes estavam prontas para marchar na cidade e todo o trabalho no porto estava ameaçado de paralisação. O governo havia convocado os militares, tanques haviam ocupado posições em cruzamentos estratégicos e navios de guerra estavam ancorados no porto. Enquanto isso, os manifestantes estavam se preparando para afundar um barco e bloquear o acesso, impedindo que a ajuda norte-americana fosse descarregada. No meio dessa turbulência, a notícia da chegada do marechal Távora como uma figura proeminente da Missão causou bastante agitação. O marechal havia crescido no Nordeste e, no final dos anos 1920 e início dos anos 1930, ele e outro jovem oficial, Luiz Carlos Prestes, haviam participado juntos das grandes agitações sociais e militares que marcaram aquele período. Os dois homens então se

separaram, sendo que Prestes foi atraído cada vez mais pelos comunistas, eventualmente tornando-se seu líder, enquanto Távora permaneceu ligado à sua fé católica.

A peça dos estudantes japoneses foi apresentada no Teatro Santa Isabella, oferecido pelo prefeito à trupe itinerante. Longe de desencorajar o público, o clima de agitação provocou curiosidade. Para a apresentação de estreia, além do governador do Estado de Pernambuco, sua família e seus apoiadores, estavam presentes patrões, trabalhadores, estivadores, padres, oficiais do exército e até mesmo estudantes, incluindo alguns cujas ações haviam provocado a proclamação da lei marcial na semana anterior. Nos dias seguintes, a peça foi exibida na televisão e depois apresentada em um evento no estádio de futebol, um evento que alguns tentaram impedir, anunciando seu cancelamento no rádio e nos jornais. Na verdade, no evento, centenas de estudantes conviveram com os soldados que foram enviados para controlá-los. O presidente da União Estudantil, então, convidou a Missão para a Universidade de Recife.

A peça então foi para o subúrbio industrial de Jaboatão, onde a multidão esperava pacientemente sob chuva forte para que as portas se abrissem. Apesar do mau tempo, aqueles que não conseguiram entrar permaneceram em pé do lado de fora e assistiram ao filme 'Homens do Brasil'. Em Vasco da Gama, outro bairro empobrecido, oitenta e duas famílias concordaram em ficar sem eletricidade por uma noite para que o padre da paróquia pudesse exibir o filme. O governador militar da região enviou quinhentos e cinquenta oficiais e sargentos para assistir à peça.

A Missão cruzou a região por um mês. Entre vários lugares visitados nas áreas urbanas ao redor de Recife estava Catende, um centro da indústria da cana-de-açúcar onde guerrilheiros haviam recentemente incendiado duas fábricas. Em seguida, eles foram mais ao Norte, visitando Natal e depois Fortaleza, cidade natal de Juarez Távora, onde ele recebeu uma calorosa recepção. Depois foram para Belém e finalmente Manaus, no coração da Amazônia. No final de julho, essa foi a última parada na turnê pelo Brasil.

Os militares forneceram valioso suporte logístico e de transporte, ajudando-os a montar o palco rapidamente em campos de futebol e emprestando tendas para usar como vestiários. Escolas forneceram acomodações, assim como quartéis militares e até prisões - elas não estavam todas lotadas! Em Manaus, três dos viajantes, colocados em uma cela com três beliches, ficaram surpresos ao ver que não apenas a porta deles, mas também as das celas vizinhas e até a porta externa da prisão, estavam abertas. O guarda, um índio forte e bronzeado, explicou que os prisioneiros sabiam muito bem que qualquer pessoa tentando escapar seria rastreada na floresta e recapturada por ele sem a menor dificuldade. Seu destino estaria selado. Quanto às mulheres, conventos ofereceram hospitalidade sem tentar converter os japoneses do grupo, nenhum dos quais era católico. O conforto nos dormitórios abafados e nos aviões militares antigos, sentados em duas fileiras de frente para o outro pelos lados da fuselagem, muitas vezes era rudimentar. O mesmo acontecia em pequenas embarcações na Amazônia, com a maioria dos viajantes tendo que permanecer em pé.

Em alguns lugares, a Missão encontrou hostilidade - obstáculos colocados no caminho de uma transmissão de rádio, mensagens não transmitidas, eletricidade

cortada durante uma projeção de filme ou pedras atiradas na tela. Mas isso não os impediu. Eles encheram salas e estádios. Em Manaus, sugeriu-se que a publicidade para um grande evento fosse feita a partir de um barco no rio Amazonas. Apesar de algum ceticismo, o conselho foi seguido. Uma canoa subiu por uma margem do rio e depois desceu pela outra. De pé na proa estava um índio norte-americano completo, inclusive com penacho ou um africano da Nigéria resplandecente em roupas brancas de djellaba. Em cada vila, anúncios foram feitos por alto-falante e um folheto, selado em uma garrafa, foi jogado na água para ser recuperado por um nadador. Em cada vila, pelo menos uma pessoa podia ler. À noite, enxames de barcos chegavam, e 60.000 pessoas da cidade e da floresta se aglomeravam na praça principal. Como em todos os lugares, a Missão foi encorajada pela hierarquia da Igreja. O Arcebispo de Manaus expressou "a grande alegria" trazida pela chegada da Missão. Isso foi destaque na imprensa em uma manchete de oito colunas no jornal *A Crítica*. "Espero", escreveu ele, "que os católicos despertem para suas responsabilidades humanas, sociais e cristãs".

Durante toda a turnê, os viajantes descobriram que as experiências de teste da vida, sobre as quais falavam, eram surpreendentemente semelhantes aos problemas de seus ouvintes. O Ministro Federal da Educação, que havia visto 'The Tiger' logo após uma visita a Recife, então em plena insurreição estudantil pouco antes da visita da Missão, ficou impressionado ao ver como os eventos no Japão retratados na peça espelhavam aqueles que ele acabara de ver. Um membro indiano da Missão contaria à sua audiência sobre as revoltas camponesas no sul da Índia em que ele próprio havia participado e de como ele agora aprendeu o caminho para trazer uma resposta à amargura e injustiça que havia provocado esses tumultos.

Quando, para a surpresa geral, o presidente Quadros renunciou repentinamente em 25 de agosto de 1961, apenas oito meses depois de assumir o cargo, as pessoas temeram que este evento fosse o sinal para uma revolta geral no instável Nordeste. Nada aconteceu. Isso se deveu, em certa medida, aos contatos feitos pela Missão com milhares de pessoas? O Marechal Távora certamente achou que sim, e contou isso ao Papa alguns meses depois, quando foi recebido no Vaticano.

Ao longo da extensão dos Andes

Os aviões atravessaram os Andes e a Missão continuou sem parar. Ela não chegou em solo completamente virgem. O Comandante-em-Chefe do exército peruano havia participado da assembleia em Miami e a Missão foi convidada pelo Presidente Prado para ir ao Peru. As autoridades civis e militares peruanas forneceram as mesmas facilidades que haviam sido dadas no Brasil. Em Iquitos, a primeira parada, depois ao longo da costa até Lima, apresentações, reuniões e debates foram realizados em salões, praças públicas, estádios e no rádio. Conversas pessoais continuaram depois dos eventos e então nas casas de muitas famílias.

Uma ocasião memorável em Lima foi o contato entre estudantes japoneses e os da Universidade de San Marcos, a mais antiga e importante universidade do país. Mais uma vez, para surpresa da Missão, foi a descoberta de pontos de vista em comum.

Como havia acontecido com a Zengakuren no Japão quando eles protestaram contra a visita do presidente Eisenhower, os estudantes da San Marcos haviam dado uma recepção tempestuosa ao vice-presidente Nixon durante sua visita ao Peru, impedindo-lhe o acesso à Universidade. Pouco antes da chegada dos japoneses, seus colegas peruanos haviam brigado com a polícia e mantido uma greve de quarenta e cinco dias na faculdade de medicina. Apaixonados admiradores de Cuba, onde Fidel Castro havia chegado ao poder dois anos e meio antes, eles tomaram como modelo Che Guevara, então no auge de seu prestígio.

Os cartazes divulgando "O Tigre", a ser encenado pelos estudantes japoneses revolucionários, provocaram reações vivas e contrastantes na universidade. Alguns estavam determinados a conhecê-los, especialmente porque vários peruanos eram de origem japonesa. Vários deles foram convidados para participar em cenas de multidão na peça. Outros estudantes eram categoricamente contra permitir a apresentação. Esta era especialmente a convicção do líder dos estudantes marxistas, Campos Lamas, que era amigo pessoal de Fidel Castro. Para resolver suas diferenças, seus companheiros propuseram um debate privado. Campos Lamas terminou dizendo:

“Você nunca me convencerá. Nem eu convencerei você. Vamos deixar assim.”

“O que aconteceu com você? Está com medo?” respondeu um de seus associados próximos. “Essas pessoas estão no caminho certo. Se nós, como marxistas, não buscarmos a verdade, onde quer que ela esteja, somos reacionários.”

“Você é um traidor”, respondeu Campos Lamas, batendo a porta ao sair.

Alguns dias depois, na Rádio Nacional do Peru, um estudante de economia expressou sua opinião de que se os estudantes japoneses e a Missão da qual faziam parte tivessem chegado a San Marcos um pouco mais cedo, os confrontos da semana anterior não teriam ocorrido.

O rádio também deu espaço para Leonard Crane, um chefe indígena do oeste do Canadá e membro da Missão. Falando aos índios dos Andes, ele contou como ele e sua tribo superaram a amargura e a humilhação e encontraram a coragem de lutar por justiça em vez de vingança. Eles também decidiram que, a menos que mudassem seu modo de vida, perderiam os tesouros mais preciosos de sua tradição.

Com a ajuda de um renomado estudioso e linguista, a Missão transmitiu sua mensagem e algumas músicas no rádio em Quechua, a língua dos Incas. Eles foram especialmente para Cusco para conhecer o povo indígena. O sábio havia dito a eles: "Se vocês apresentarem seu show na língua deles, os índios virão de todos os lugares". E foi isso que aconteceu. Em 1º de outubro de 1961, 40.000 pessoas se amontoaram na histórica fortaleza de Sacsayhuaman, cujas paredes foram construídas com blocos de pedra pesando mais de trezentas toneladas, encaixados tão perfeitamente que uma lâmina de faca não poderia ser deslizada entre eles. O povo veio ver 'O Tigre', com os locais falando o texto do show traduzido para o Quechua por alto-falantes.

Em 9 de outubro, após a chegada da Missão à Bolívia, os habitantes de La Paz acordaram com a notícia de um golpe de estado fracassado, esmagado às 5 horas daquela manhã. Às 10 horas, o auditório da Universidade de San Andres encheu para a

apresentação de 'O Tigre', convidados pela União dos Estudantes. Pouco antes da abertura da cortina, um estudante pulou no palco. Sem sucesso, ele tentou adiar o show com o pretexto da morte de um professor que havia morrido em sua tentativa de tomar o poder político.

Na Bolívia, como no Peru, outras apresentações seguiram-se - em um teatro, ao ar livre e em um estádio de futebol - até três vezes no mesmo dia. O presidente Paz Estenssoro recebeu a Missão várias vezes e pediu que ela fosse a todo o país. Ele perguntou o que era necessário, oferecendo ajuda do governo. Um trem especial foi colocado à disposição da Missão para levá-la ao Altiplano, o centro da indústria de mineração de estanho.

Lá, a língua Aymara substituiu o Quechua. Em 24 de outubro, metade da população veio ver e conhecer o elenco de 'O Tigre' no estádio de Catavi, a principal cidade mineradora, dando à Missão uma calorosa recepção. A empresa de mineração providenciou transporte para o estádio. Os mineiros e uma milícia popular organizaram a manutenção da ordem. Os principais sindicalistas, felizes por seus apoiadores assistirem a um show, foram menos unânimes quando perceberam que a mensagem não era de guerra de classes. Alguns atacaram a Missão com discursos antiamericanos violentos.

Assim que a Missão se preparava para partir, seu trem especial foi bloqueado. Os mineiros anunciaram que haviam colocado dinamite sob o trem e só deixariam os 130 passageiros irem embora quando as autoridades públicas atendessem a algumas de suas demandas. Se a polícia se aproximasse, eles disseram que explodiriam o trem. Os membros da Missão não demonstraram medo, recusando-se categoricamente a se envolver, por menor que fosse, nos pontos em questão entre o governo e os mineiros. Eles simplesmente explicaram que corriam o risco de se atrasar para o próximo compromisso em sua turnê. Centenas de pessoas circulavam, incluindo muitas que tinham visto o show na noite anterior, curiosas para ver o que estava acontecendo. Revistas ilustradas foram distribuídas a eles pelos membros da Missão, e eles tiveram tempo para fazer amizades. Enquanto isso, os líderes do sindicato dos mineiros protestavam vigorosamente contra essa tomada arbitrária de reféns. A manhã passou. Então, o líder local dos mineiros chegou à estação, pediu desculpas e permitiu que o trem partisse. Mas um rumor se espalhou de que as juntas dos trilhos haviam sido desparafusadas e explosivos colocados no trajeto. Eles foram forçados a esperar outra locomotiva chegar para então seguir à frente do trem como garantia de segurança.

Na próxima parada, em Oruro, oficiais militares vieram se desculpar em nome das autoridades. Mas Oruro seria palco de outros incidentes. Na noite do espetáculo, uma briga entre mineiros interrompeu o fornecimento de energia elétrica, deixando a cidade no escuro. As forças da lei e da ordem relutavam em intervir. O porte de armas era proibido, então as pessoas usavam dinamite da mina caso precisassem resolver problemas. "Se nos intrometermos", explicaram as autoridades, "eles se unirão contra nós". Esses eventos pareciam confirmar os avisos de um padre que conhecia bem a região: "Se você não gosta de guerra, não venha para cá". A peça foi finalmente apresentada às oito da noite, com quatro horas de atraso. No entanto, o teatro ao ar livre estava lotado. Os vigias, postados nas alturas das arquibancadas para observar os arredores, pareciam

mais interessados em assistir ao espetáculo do que em vigiar qualquer outra coisa. Mais uma vez, a plateia, cujas vidas giravam em torno da mina, se identificou com a missão, encontrando nas vozes dos mineiros do Ruhr alemão pessoas cujos problemas eram semelhantes aos seus.

Após dezenove dias na Bolívia, em 29 de outubro, o trem especial cruzou a fronteira para o Chile. Seu itinerário incluía Chuquicamata, Pedro de Valdivia, Antofagasta... A Missão passou de minas de estanho para minas de cobre e nitrato, mantendo o ritmo - duas apresentações teatrais e quatro projeções de filmes em três dias, sem contar as visitas pessoais. Em seguida, eles se dirigiram ao sul.

Em Santiago, os chilenos foram impressionados por Eudocio Ravines, um membro da Missão. Peruano, ele estava retornando ao país onde havia feito sua casa e trabalhado vinte e cinco anos antes. Ravines nasceu em 1897 em Cajamarca, uma pequena cidade na região montanhosa do norte do Peru. Ele perdeu o pai quando tinha oito anos. Um evento, no início da vida, destacou as realidades sociais de seu país. Sua mãe, uma professora, recebeu algumas ovelhas do pai de um aluno. Como ela não tinha terra, essas ovelhas pastavam na propriedade do proprietário local. Uma noite, as ovelhas foram levadas e só retornaram quando toda a lã havia sido tosquiada de suas costas.

Depois da escola, Ravines começou a trabalhar em um negócio local. Mais tarde, ele conseguiu um emprego em Lima, ao mesmo tempo em que estudava na Universidade de San Marcos. Assim como muitos outros, ele ficou fascinado com a revolução russa de 1917, que havia ocorrido recentemente. Ele participou de uma revolta planejada dentro da universidade. Isso levou à sua prisão como comunista, embora ele ainda não fosse um, e depois ao exílio. Alguns anos depois, em Paris, ele conheceu Henri Barbusse, autor francês, comunista e pacifista, que providenciou para que ele se encontrasse com os líderes soviéticos. Em 1929, durante sua estadia em Moscou, ele se juntou à Terceira Internacional. Ele deixou a Rússia e voltou secretamente a Lima para fundar o Partido Comunista Peruano. Ele foi preso novamente e exilado. Novamente, ele retornou ao Peru como resultado de um golpe de Estado lá, foi posteriormente preso novamente e jogado na prisão. Ele escapou e, em 1934, voltou a Moscou.

Havia um grande debate na Comintern em curso na capital soviética sobre a melhor maneira de estabelecer o comunismo em um país - através de uma rebelião armada ou participação em uma frente popular usando alianças e infiltração. Manuisky, o ucraniano, defendia o primeiro método, apoiado pelos comunistas da Argentina, também pelos do Brasil e seu líder, Luiz Carlos Prestes. A segunda estratégia era favorecida por Dimitrov, o búlgaro, apoiado pelos partidos francês e italiano. Esta última visão era particularmente a de Mao Zedong, também de Ravines, que descreve o debate em seu livro autobiográfico 'O Caminho de Yenan'. Stalin decidiu a questão para a América Latina com um julgamento de Salomão. A insurreição seria o caminho no Brasil, enquanto o método de infiltração seria aplicado no Chile. Ravines recebeu a responsabilidade de trabalhar isso lá. A insurreição encenada por Luiz Carlos Prestes no Brasil foi um fiasco, enquanto as táticas de Ravines no Chile foram um sucesso brilhante.

Falando em uma exibição de 'O Tigre' em Santiago, Ravines disse a seus ouvintes que ele havia chegado ao Chile anteriormente como um homem banido de seu

próprio país. O Chile o havia acolhido, dado refúgio, uma esposa e o primeiro filho deles. Em troca, ele deveria ter sido generoso e leal. Mas ele estava a serviço de Moscou e havia sido encarregado de uma delegação da Comintern que incluía russos, tchecos, italianos... Eles haviam empreendido um trabalho de subversão e divisão.

"É um assunto muito sério quando o espírito de compromisso passa do domínio político para o domínio moral", disse ele. "Para começar, nosso progresso com os trabalhadores e sindicalistas era muito, muito lento. Os partidos de esquerda mantinham suas portas fechadas para nós. Então, decidi organizar cursos sobre o marxismo e sua influência na literatura, filosofia e ideologia. O primeiro grupo se reuniu na casa de um jovem pianista. Depois, uma dama de alta posição social nos ofereceu sua sala de estar. Em menos de seis meses, reunimos dezessete grupos semelhantes, chegando até o topo da escada social. Agora as portas estavam se abrindo para os partidos políticos e - muito importante - para bancos e empresas de crédito, e conseguimos ajuda financeira e adquirimos uma impressora. Publicamos um jornal matutino diário, um jornal vespertino e sete revistas. Até lançamos um jornal da tarde dedicado inteiramente ao esporte. Através do esporte, naturalmente, passamos para outras coisas, especialmente para os jovens.

"Eu não estava usando a pobreza dos trabalhadores nem a miséria dos camponeses. Eu usava a vaidade das mulheres da alta sociedade, a ambição dos políticos que não tinham uma base eleitoral, a determinação dos estudantes que queriam ter sucesso e os talentos de escritores que não sabiam o que escrever. O que fez nossa máquina ter sucesso foi o cheiro de decadência e os detritos da imoralidade na sociedade chilena. É meu dever admitir isso ao povo chileno e pedir perdão pelos danos que lhes causei". Mesmo agora, como Ravines explicou, em toda a América Latina, assim como no Norte, o Partido continuava a infiltrar ideias nas classes abastadas, nas universidades e nas igrejas, usando o medo de armas nucleares, o ódio racial e o materialismo do mundo dos negócios.

"No Chile, foram os chefes do partido que se beneficiaram com a chegada ao poder da Frente Popular", disse Ravines. "Dúvidas começaram a surgir em mim. Parti para a Espanha, onde a guerra civil estava indo mal. Na verdade, já estava perdida. Minhas hesitações começaram a se manifestar". Convocado de volta a Moscou, onde as purgas stalinistas estavam em seu auge, Ravines sentiu-se sob suspeita e vigiado pela polícia. Ele ficou aliviado por ser enviado de volta ao Chile. O pacto germano-soviético e a invasão conjunta e ocupação da Polônia no início da Segunda Guerra Mundial selaram sua ruptura com o Partido.

"Então comecei a fazer campanha com movimentos anticomunistas", continuou Ravines. "Mas descobri que nenhum deles era capaz de lidar com a penetração comunista na América Latina. Ao mesmo tempo, Moscou mal se importava comigo porque eu era ineficaz. Foi nesse ponto que o Rearmamento Moral cruzou meu caminho. Até então, eu havia usado argumentos e lógica para defender o que era bom. 'Este não é o ponto', essas pessoas me disseram. 'O ponto é como você está vivendo? Se é necessário mudança, por que você não começa por si mesmo? Então você verá outros ao seu redor mudarem". Ravines foi forçado a comparar o militantismo que ele conhecia com o que

estava descobrindo agora. "Como comunistas, buscávamos explorar a natureza humana. Vejo que vocês se esforçam para mudá-la. Nós tínhamos estabelecido uma hierarquia; vocês se colocam sob uma autoridade interna invisível, aceitando uma disciplina interna em vez de uma imposta por outros". Ravines agora queria escrever um novo livro. Ele o chamaria de 'O Caminho de Mackinac'. Ele havia começado a trabalhar nele, mas não foi possível. Um dia, em frente à sua casa, ele foi fatalmente atropelado por um caminhão. Ninguém jamais descobriu como isso aconteceu.

O princípio do caminho alternativo que ele desejava explorar é conhecido: nem a lei do mais poderoso nem a aplicação brutal da maioria. Também não é a negociação de compromissos laboriosos entre pontos de vista opostos. Deveria ser uma busca comum por soluções que transcendam interesses aparentemente conflitantes. Acredita-se que seja ouvir juntos uma vontade superior.

Assembleia em Petrópolis

A grande empreitada de 1961 culminou em uma grande assembleia em Petrópolis, no maior hotel da cidade, de 1º a 11 de dezembro. Os membros da Missão foram acompanhados por representantes de todos os continentes que tinham experiências para compartilhar: ex-Mau Mau do Quênia, monges budistas de Mianmar, sindicalistas da Europa, Japão, Austrália e das duas Américas. O principal resultado dessa assembleia foram mudanças significativas na vida dos participantes sul-americanos, por exemplo, dos brasileiros do norte do país.

Cinco meses antes, a visita da Missão acompanhando 'The Tiger' deixou sua marca em Recife e na região circundante. As colinas acima da estreita faixa costeira de Recife eram um foco de agitação pelas "Ligas Camponesas", organizações não oficiais incentivadas e vagamente vinculadas ao Partido Comunista, que buscavam o exemplo de Cuba. Eles promoviam a ocupação de terras de latifundiários ricos e se tornaram um símbolo da reforma agrária. No final de 1961, quando foram dadas ordens para que os militantes das "Ligas" pegassem em armas, houve incerteza e a revolta foi abortada. Aqueles que se recusaram a seguir as ordens afirmaram que havia outro caminho, não violento, pelo qual tinham preferência. O que estava por trás disso? Os líderes do movimento queriam descobrir mais. Eles tiveram a oportunidade de enviar observadores para a assembleia em Petrópolis. Escolheram dois militantes confiáveis em cujo relatório teriam plena confiança.

Um deles era Jarbas Leiros. Seus pais se separaram quando ele era jovem e seu pai se casou novamente. Jarbas odiava a mulher que substituiu sua mãe e evitou seu pai por doze anos, nunca falando com ele quando se encontravam na rua. Um de seus professores apresentou Jarbas ao marxismo, que ele estudou com entusiasmo. Ele ficou horrorizado com o que via na sociedade ao seu redor e não conseguia ver alternativa além da violência para mudar as condições intoleráveis em que as pessoas do Nordeste viviam. Aos 16 anos, ele se juntou aos comunistas e começou a estudar arquitetura, mas foi expulso da faculdade por atividades subversivas. Em 1953, ele conseguiu um emprego no porto, onde incitava problemas e greves. Ele se casou e teve dez filhos, seis dos quais

morreram jovens. A família vivia em três cômodos em um subúrbio operário: um quarto para os pais, um para os quatro filhos sobreviventes e, finalmente, a sala de jantar, onde dois sobrinhos dormiam em poltronas.

Em Petrópolis, Jarbas conheceu homens que desejavam superar a pobreza e construir uma sociedade justa para todos, enfrentando a desonestidade, a desconfiança e a amargura. Ele foi tocado pela história dos estivadores do Rio de Janeiro. Ele percebeu que a pobreza nunca poderia ser resolvida se o ódio fosse o motivo. Mas ele também aprendeu que a mudança ordenada começa consigo mesmo. Como aconteceu com muitos outros, seu primeiro passo foi escrever para sua esposa, Waldetrudes. Ele escreveu para ela de Petrópolis para compartilhar o que estava aprendendo e contar sobre sua nova orientação: "As pessoas que conheci aqui ... pretendem mudar a humanidade com a ajuda de Deus, não com granadas. Sinto-me impelido a me juntar a esse exército para criar um mundo limpo ... Eu sei que me tornarei um homem diferente. Diga a meus filhos que eles terão o lar que tanto desejam". Quando finalmente retornou a Recife, Jarbas pegou o ônibus de longa distância para ver seu pai em Casa Amarela. Abrindo o portão do jardim, ele foi direto para sua madrasta e a abraçou. Seu pai era um homem durão de verdade, capaz de usar a força de seus punhos e carregava faca e revólver, não hesitando em usá-los. Tão emocionado por ver seu filho após vinte anos, ele ficou sem fala por duas horas.

Enquanto isso, os dias passavam. Os que ficaram em Recife estavam preocupados com o que tinha acontecido com os dois observadores enviados a Petrópolis. Antônio Falcão, um dos responsáveis pela criação e treinamento das Ligas Camponesas, foi enviado para ver o que tinha acontecido e trazê-los de volta.

O pai de Antônio, de origem portuguesa, era pedreiro, e sua mãe era afro-indígena. Ele tinha uma pele escura que, mesmo no Brasil, parecia ser um obstáculo para alcançar maiores responsabilidades nos assuntos nacionais. Seu pai havia falecido quando ele tinha oito anos. Para alimentar Antônio e seu irmão, que estava constantemente doente, sua mãe trabalhava como costureira. Mas muitas vezes não havia dinheiro para pagar os remédios do irmão. Como fiel católica, ela dizia a seus filhos: "Você pode perder tudo, mas deve manter sua fé em Deus". Isso era verdade para Antônio até o dia em que sua mãe teve que vender seu meio de subsistência, sua máquina de costura, para comprar comida. A fé de Antônio foi testada e não sobreviveu. Agora ele odiava a Deus, os padres e o sistema econômico. Mais tarde, ele trabalhou em uma fábrica. Um jovem o observava e rapidamente estabeleceu uma ligação com ele. Descobrimo sua amargura, ele explorou o ódio. Antônio logo se tornou membro do Partido Comunista, ao qual dedicou dezoito anos de sua vida, tornando-se um agente recrutador. Quando, em 1947, o Partido foi proibido, Antônio e seus amigos aprenderam a trabalhar clandestinamente. Ele recebia filmes filmados em Moscou ou Cuba, dublando-os para o português. Ele se inspirava nas transmissões de rádio de Cuba.

Então, agora Antônio, por sua vez, foi mergulhado na atmosfera de Petrópolis. Com seus dois companheiros, ele também retornou transformado. "Passei a noite", descreveu ele, "lendo um de dos livros deles e marcando todas as passagens que me pareciam servir aos interesses das pessoas pelas quais eu estava lutando. No dia seguinte, vi que tinha marcado tudo! Então tive que olhar para as evidências. Havia algo

ali que ia além do marxismo". Antônio decidiu ser sincero com sua esposa, uma fervorosa católica, sobre suas atividades comunistas disfarçadas que ele havia descrito como "reuniões sindicais" e suas ações na criação das Ligas Camponesas. Ele admitiu para ela que suas funções oficiais, pelas quais ele era pago, forneciam cobertura para seu trabalho ideológico. Em seguida, ele foi pedir desculpas ao Governador do Estado de Pernambuco, não por sua militância, mas por suas ações subversivas e os sentimentos que tinha guardado contra ele. Esteve também com o Diretor do porto para contar-lhe suas novas decisões. Naturalmente, ele se tornou alvo de ataques, mas, como ele sempre foi pobre e continuava sendo, ficou claro que ele não havia sido comprado com dinheiro.

De todos os eventos que marcaram essa conferência em Petrópolis, o que ficou especialmente marcado na mente de todos os brasileiros foi a surpreendente reconciliação dos Marechais Juarez Távora e Henrique Teixeira Lott. Cada um, em momentos diferentes, havia sido candidato à Presidência da República. Távora havia sido derrotado por uma margem estreita por Juscelino Kubitschek em 1955; Lott havia sido obrigado a ceder a Jânio Quadros na eleição seguinte no final de 1960. Embora não tivessem sido rivais diretos, eles eram completos opostos. O primeiro representava a direita moderada, enquanto o segundo representava a esquerda. Távora era um reformista cristão cujas ideias derivavam da Encíclica Papal "Rerum Novarum"; Lott estava mais próximo dos marxistas. Em alguns momentos, eles haviam se oposto veementemente um ao outro. Lott, que havia sido Ministro da Defesa, chegou a prender Távora em um momento. Alguns temiam que as coisas pudessem degenerar em uma nova confrontação violenta entre os dois homens.

Dois generais seriam instrumentos de sua reconciliação. Separadamente, eles se aproximaram de cada um dos marechais e instaram outros amigos a fazer o mesmo, pressionando os marechais a colocarem o interesse nacional acima de seus sentimentos pessoais. Távora, o primeiro a ser abordado, disse em uma manhã: "Sim, gostaria de ver Lott". Uma mensagem foi transmitida imediatamente. O encontro foi marcado para ocorrer no Hotel Quitandinha, onde a conferência estava sendo realizada. Távora, que fazia parte da Missão viajante, já estava hospedado lá. Ele desceu as escadas externas enquanto Lott subia. A foto do aperto de mãos deles foi uma sensação na imprensa brasileira.

Isso não foi apenas um gesto superficial. Em uma carta datada de fevereiro de 1962, como parte de um relatório da Assembleia de Petrópolis, os dois marechais enfatizaram o desafio representado pelas divisões entre nações e facções rivais, e a onda de esperança representada por um movimento fundamentado na ideia básica de que o homem deve mudar a si mesmo antes de lutar para mudar a sociedade.

CAPÍTULO 8

Sequelas

Como resultado da grande turnê de 1961, vários daqueles que foram influenciados por ela seguiram em frente. Tal era o caso de um grupo de estudantes peruanos, assim como Antônio Falcão e seus colegas.

Estudantes peruanos escrevem uma peça

Entre as delegações em Petrópolis estavam cerca de quinze estudantes peruanos das universidades de San Marcos e Cusco, onde a Missão havia passado. Ao ver a apresentação de "O Tigre" e conhecer os japoneses, esses estudantes ficaram impressionados com a incrível semelhança entre as manifestações antiamericanas em Tóquio e as que acabaram de ocorrer em Lima. Eles também descobriram uma nova compreensão da mudança social. Até então, eles achavam que mudar o regime político seria suficiente para mudar a sociedade. Agora eles viram a importância primordial do fator humano.

Os atores japoneses contaram-lhes sua própria história. Um deles, estudante da Universidade de Waseda, era um anarquista de cabelos compridos que tinha o hábito de levantar-se por volta das três horas da tarde, pegar algo para comer e depois desaparecer pelo resto do dia. Quando ele começou a questionar a si mesmo, anotou: "Como um bom japonês, temo três coisas: fogo, terremotos e meu pai. Preciso ser honesto com meu pai. Preciso dizer a ele que o dinheiro que ele me deu para comprar roupas decentes foi gasto bebendo cerveja com meus amigos". Este foi o começo de uma mudança radical, que começou com uma visita ao barbeiro. Todo o ritmo de seus dias mudou à medida que ele encontrava um novo objetivo na vida, o que o levou eventualmente a participar desta visita à América do Sul.

Os jovens peruanos foram desafiados. Um deles, Enrique Tamashiro, havia escondido seus maus resultados universitários de seus pais. Ele decidiu ser honesto, parar de beber e parar de viver em um mundo de fantasias. Ele e seu amigo, Solon Espinoza, eram revolucionários totalmente comprometidos. Quando começaram a se associar com o elenco de "O Tigre" e a mostrar interesse pelas ideias retratadas na peça, foram atacados. Tamashiro foi acusado de covardia. Espinoza foi convocado para uma sessão de autocrítica. Ele se recusou a se submeter a isso. Sua mudança causou consternação, pois ele era o talentoso editor do jornal estudantil.

Inspirados por "O Tigre" e juntando-se a estudantes da Bolívia, os peruanos em Petrópolis decidiram dramatizar sua própria história. Em duas semanas, eles escreveram e encenaram "El Cóndor". A peça descreve o conflito entre facções rivais de estudantes em meio a corrupção, imoralidade e intrigas políticas, e a luta pelo poder na universidade e no país. Os estudantes confrontam o fato de que eles mesmos merecem o mesmo julgamento daqueles que eles denunciam. Isso os leva a mudar seus próprios estilos de vida.

Por coincidência, a mãe de Richard Nixon estava presente na estreia de "El Cóndor" em Petrópolis. No final da peça, ela subiu ao palco para parabenizar os atores. Eles responderam pedindo desculpas pela forma como seu filho havia sido recebido na Universidade San Marcos dois meses antes.

Depois de levar sua peça para São Paulo, o elenco de "El Cóndor", incentivado pelo Marechal Távora, foi para Recife, convidado pela Universidade Estadual de Pernambuco, pela Universidade Católica e pela Universidade Rural, bem como por representantes do porto. Em 1º de junho de 1962, eles foram levados lá em um avião da Força Aérea Brasileira com uma grande equipe. Isso incluía estudantes brasileiros que, assim como os membros do elenco da peça, interromperam seus estudos para participar da ação, também sindicalistas do Rio de Janeiro e do Uruguai que haviam pedido licença especial de seus empregos, uma família de industriais de São Paulo e vários generais. Em cada parada mais estudantes se juntavam ao grupo de viajantes.

Um ano depois, a história parecia estar se repetindo. No dia em que "El Cóndor" chegou em Recife, os estudantes estavam novamente em greve. Em João Pessoa, capital do Estado vizinho da Paraíba, uma multidão de camponeses enfurecidos havia ocupado a praça central e ameaçado desencadear uma insurreição, obrigando o exército a se mobilizar. "El Cóndor" foi apresentado no Teatro Santa Isabel e transmitido duas vezes na televisão local no horário de maior audiência. Foi organizada uma "Mesa Redonda" com várias personalidades importantes, incluindo o padre Antônio Melo, cujo sindicato rural católico havia sido formado como uma alternativa às Ligas Camponesas.

No final de uma apresentação, um homem comum chegou e quis entrar para conversar com os organizadores. Ele não tinha ingresso, mas era tão insistente que foi deixado entrar e depois ouvido. Ele era o alfaiate de sua aldeia. "Isso é o que acabou de acontecer conosco. As pessoas vieram com armas e munição. Pediram que nos levantássemos. Então eu subi em uma cadeira. Eu disse a eles: 'Nos deixe em paz. Encontramos um caminho melhor'. Os homens foram embora, mas eu queria que vocês soubessem disso." Um velho habitante de Recife acrescentou: "Ele realmente deve ter querido contar isso para vocês. Ele tem uma caminhada de vinte quilômetros para chegar em casa. Não há ônibus tão tarde."

Depois do tempo em Recife, os viajantes foram para cidades e vilas por toda a região. As multidões iam a salas e praças públicas. Às vezes, havia oposição. O líder de um programa de desenvolvimento vital para o Nordeste insistiu que eles fossem para o Estado da Paraíba, um bastião das Ligas Camponesas. O arcebispo de João Pessoa, capital do Estado, estava encantado. "Vocês entrarão em áreas que são totalmente fechadas para nós", disse ele. Quando chegou ao destino a expedição foi realmente com slogans hostis cobrindo as paredes da cidade.

Em Sapé, a tensão era ainda maior. Seis semanas antes, um líder das Ligas havia sido assassinado. Milhões de camponeses haviam se mobilizado e o exército havia sido convocado para impedir uma marcha em direção à capital provincial. Os membros da equipe de viagem foram alertados sobre os riscos que estavam correndo. No entanto, quatro deles foram, armados com um projetor e o filme "Homens do Brasil". Um deles

era brasileiro, Daniel Veras, filho do trabalhador de bonde José Veras. Os outros eram o guatemalteco Luis Puig (veja o capítulo 1), um nigeriano e um americano.

Eles primeiro foram visitar o presidente local da Liga. Ele estava cercado por um grupo de homens ouvindo rádio. "Vocês podem ficar. É notícia de Moscou em português", disse o presidente. Daniel Veras apresentou seus companheiros um por um. "E aqui", terminando com o americano, "é um produto do capitalismo puro, filho de um banqueiro de Wall Street". Os visitantes explicaram que tinham vindo mostrar um filme. Os homens disseram que gostariam de vê-lo, com a condição de que, se o filme defendesse a tese capitalista, eles destruiriam o carro dos visitantes. "Voltem amanhã e mostrem", disseram eles. O secretário da Liga os acompanhou até a porta e depois os convidou para sua casa. Uma multidão havia se reunido. Os visitantes atravessaram a rua principal e entraram em uma casa muito simples, onde o secretário abriu um baú e pegou uma Bíblia no fundo. "Eu costumava ser um catequista evangélico. Hoje sou comunista. Tive que pregar a palavra de Deus, mas havia tanta injustiça", disse o secretário. "Deus pode usá-lo", disse o nigeriano a ele.

Assim que estavam saindo, o prefeito local chegou às pressas após ter sabido de sua presença. "O que vocês estão fazendo aqui? Este é um lugar perigoso". "Estamos preparando uma apresentação", responderam. Isso ocorreu no dia seguinte, conforme acordado e sem incidentes. Não houve objeção do público. Várias conexões foram estabelecidas. Mais tarde, foi a vez dos homens do 15º Regimento de Infantaria, que haviam impedido a marcha dos camponeses em João Pessoa, assistirem ao filme 'Homens do Brasil'.

A turnê desta nova Missão teve seu efeito, especialmente no porto de Recife. No final de 1962, o diretor do porto teve que reconhecer que "resultados fantásticos" tinham sido alcançados durante o mês anterior. Após anos de agitação e violência, a mudança no porto virou assunto na cidade. Uma disputa sobre pagamento de horas extras, que antes teria envenenado o ambiente, foi resolvida sem alarde após consultas com o consultor jurídico do porto. Ele julgou a demanda justificada. O furto e o saque pararam. O alcoolismo foi visivelmente reduzido. O preço dos alimentos básicos na cooperativa dos trabalhadores do porto caiu 30% porque o gerente, que também dirigia o jornal dos trabalhadores portuários Tribuna Portuária, passou a operar com um novo espírito. Pela primeira vez, os fornecedores aceitaram vendas a crédito e o número de membros da cooperativa multiplicou-se.

No início de julho de 1962, após percorrer a região de Recife, a equipe de viagem seguiu mais ao sul para Salvador na Bahia, a capital original do Brasil colonial, convidados pelo governador do estado da Bahia. Ele organizou o programa deles, oferecendo-lhes hospitalidade em hotéis ou casas particulares. A visita coincidiu com as celebrações da independência do estado da Bahia. O governador convidou a equipe de viagem para marchar com ele no desfile até a Praça da Independência. Lá, ele apresentou membros da Missão à multidão, convidando todos para apresentações de "El Condor" ou para assisti-lo na televisão. Vários dias depois, ele aproveitou a presença deles para envolvê-los em ajudar a encontrar uma solução para uma crise menor, uma disputa entre a cidade e o Estado da Bahia.

‘El Condor’ na Itália

Assim como ‘O Tigre’ antes dele, ‘El Condor’ também saiu em turnê pelo mundo. Ele foi convidado para se apresentar na Itália, Suíça, Canadá e Estados Unidos. Em Nápoles, a peça foi apresentada em uma fábrica de geleias em um dia e em uma universidade no outro. Ao ver cem pessoas descendo de ônibus, algumas delas em trajés nacionais, um estudante intrigado questionou um dos motoristas de ônibus.

"Quem são todas essas pessoas? São turistas ou o quê?"

"Não. Essas pessoas estão apresentando uma peça chamada 'El Condor'. Se você está interessado no futuro da Itália e do mundo, deveria vê-la", respondeu o motorista.

O estudante subiu no ônibus, colocou sua pilha de livros de filosofia no chão e se enfiou em um assento da frente para continuar a conversa.

"Ah! Então é ‘El Condor’. Todo mundo na universidade está falando sobre isso. Do que se trata? Você parece bastante convencido sobre isso”.

O motorista riu. “Você vê aquele homem ali, com o bigode preto, aquele vestindo uma jaqueta de couro e boné, distribuindo folhetos. Esse é o Giuseppe. Ele é um dos quatro de nós, dirigindo o grupo há cinquenta dias. Cruzamos a área, dia e noite, até a menor vila. Nos primeiros dias não dissemos muito. Observamos. Então uma coisa engraçada aconteceu com Giuseppe.”

“O que?”

“Ele é um dos líderes de nosso sindicato e um comunista militante, não é de forma alguma uma pessoa fácil. Bem, sem nos dizer nada, pela primeira vez em quinze anos ele perdeu a reunião da célula do partido para poder levar sua esposa e filhos para ver a peça. Desde então ele é um homem mudado.”

“O que significa ‘um homem mudado’”, perguntou o estudante de psicologia?

“Significa o que diz. Ele é completamente diferente. Ontem ele se desculpou conosco por dar uma razão falsa para o nosso atraso no dia anterior. Melhor ainda, além de ser casado, ele tinha uma amante e decidiu romper com ela. Agora ele diz que o comunismo está desatualizado. Curar a desonestidade e o egoísmo que causam tanta injustiça, isso é uma grande revolução. E é algo que os partidos políticos não fazem”.

“O que os outros pensam sobre isso?”

“Estávamos em Sorrento na semana passada. O prefeito organizou uma reunião especial. Nós, os quatro motoristas, subimos no palco e dissemos que essa ideia estava limpando Nápoles e o país. Veja, agora fazemos parte da trupe. Cuidamos do caminhão de alto-falante anunciando a peça onde quer que formos. Distribuímos milhares de folhetos e vendemos livros após o show à noite”.

“Vocês são pagos?”

“Eles não têm nada para nos pagar. Nenhum deles recebe um salário. A autoridade local nos paga para dirigir os ônibus. O resto fazemos porque queremos. Olhe! Veja Miguel ali, que está vendendo um livro para um de seus amigos. Ele não sabe ler,

mas seu filho, que teve poliomielite, leu para ele duas vezes. É por isso que ele é um bom vendedor”.

‘El Condor’ havia começado sua turnê pela Itália nas províncias do sul de Puglia e Campagna. O grupo sentiu que deveria ir à Sicília antes de seguir para o norte, mas não tinha nenhum convite para ir lá.

A estrada para a Sicília foi aberta por Mary Errazuriz de Posse, a senhora chilena cuja saúde parecia estar desaparecendo até que os Lamonds a procuraram obstinadamente em Santiago. Sua força foi renovada ao ponto de que ela foi capaz de se juntar à expedição do "El Cóndor", e enquanto estava na Itália, ela reencontrou amigos de sua juventude, quando seu pai havia sido embaixador no Vaticano. Ela deu aos Lamonds o endereço de uma duquesa siciliana, a quem eles foram visitar em seu nome. A duquesa os encorajou a pedir uma audiência com o Cardeal de Palermo, Monsenhor Ruffini, considerado um dos mais conservadores na hierarquia católica. Ela acreditava que ele não seria contra o projeto. O Cardeal ficou imediatamente interessado em conhecer os estivadores brasileiros que estavam na Itália com o grupo e em ver seu filme (veja capítulo 3). Depois de vê-lo, ele queria ver outros filmes do trabalho e, a cada vez, convidava mais e mais pessoas. Em seguida, pediu ao clero da ilha que desse toda a assistência ao "El Condor". O grupo ficou na Sicília por três meses. A pedido do Cardeal, "Homens do Brasil" foi exibido ao ar livre na grande praça de Corleone, um reduto da máfia. No ano anterior, um número incrível de assassinatos havia sido cometido. No final do espetáculo, o prefeito estendeu a mão para cumprimentar um padre que era seu inimigo mortal.

A perseverança de um trabalhador de Recife.

Meses se passaram e a situação no nordeste do Brasil piorou novamente. As pessoas das áreas rurais e das cidades se culpavam pelo conflito. O exército foi afetado pela amargura entre oficiais e soldados. Enquanto isso, a inflação subia. O Porto de Recife foi novamente bloqueado por conflitos, resultados financeiros ruins e má administração. Em abril de 1963, Antônio Falcão, que permaneceu convencido pelo que aprendeu no encontro em Petrópolis, decidiu com alguns amigos fazer algo. Ele trouxe para a cidade um filme recentemente feito em Mackinac e que havia acabado de ser exibido em uma série de cidades no sul do Brasil. O filme, "The Crowning Experience", propôs um caminho para a unidade entre comunidades rivais, retratando a vida de Mary McLeod Bethune, uma mulher afro-americana no centro do conflito racial nos Estados Unidos. O governador militar local, General Castelo Branco, futuro presidente do Brasil, deu seu patrocínio ao projeto de Antônio.

Como antes, o filme foi exibido para casas lotadas e muitos contatos foram feitos. A estrela do filme, Muriel Smith, veio para o período de exibição. Uma de suas primeiras visitas foi ao governador do estado, Miguel Arraes, e sua família. Um homem de poucas palavras, ele repetiu várias vezes a afirmação: "Você não pode pregar moral para pessoas famintas". A atriz e cantora respondeu: "Não viemos pregar moral, mas transformar os homens para que haja comida e trabalho para todos". Ela disse a ele que

havia sido uma cantora em busca de fama, mas agora havia decidido ser porta-voz de uma ideia revolucionária.

Um dos principais focos de dificuldade no estado de Pernambuco era o conflito entre o governador e os líderes empresariais e proprietários de terras. A Federação dos Empregadores acabara de publicar uma página inteira na imprensa citando casos de problemas nos quais a polícia se recusara a intervir. O governador respondeu com outra página inteira descrevendo atos de violência dos empregadores contra seus trabalhadores. Nesse ponto, o diretor do jornal Diário de Pernambuco, convencido pelo filme e pelo que havia aprendido com ele, publicou uma página inteira sob o título "Há uma solução. - Governos, patrões e o povo podem fazê-la funcionar juntos". Ele persuadiu um jornal rival a publicar a mesma página.

A turnê pelo Nordeste testou inesperadamente a fé dos trabalhadores portuários militantes que lideravam o caminho. "Tínhamos decidido", disse Antônio Falcão, "mostrar 'A Experiência da Coroação' no estado da Paraíba. Tínhamos investido todo o dinheiro que possuíamos na operação, e naquele momento tínhamos juntado o suficiente para que alguns de nós fossem para Campina Grande, a cidade principal. Quando saímos, tínhamos apenas dinheiro suficiente para comprar um sanduíche. Após a longa viagem de carro, fomos ver o maior cinema da cidade onde o filme estava agendado para uma semana de exibições comerciais. Então estávamos com tanta fome que não conseguíamos pensar em nada além de comida. Paramos um momento para buscar a sabedoria de Deus sobre o que deveríamos fazer. O pensamento que veio foi o de que deveríamos ir e pegar quartos em um determinado hotel. Acabou sendo o maior da cidade."

Meio abalados, os quatro amigos foram para o hotel e direto para a sala de jantar. Em uma mesa do outro lado da sala havia um grupo de homens. Eles perguntaram a um garçom quem eram esses homens e descobriram que eram o prefeito e alguns vereadores. Os trabalhadores portuários foram até eles e se apresentaram. Ao saber por que estavam lá, o prefeito exclamou: "Isso é exatamente o que precisamos". Ele ligou para o gerente do hotel e disse: "Essas pessoas são convidadas do município durante sua estadia aqui".

Em 1964, a revolta estava fervilhando mais uma vez. Manifestações foram organizadas contra a inflação, a corrupção e a anarquia. A queda do presidente Goulart e a ascensão ao poder do marechal Castelo Branco em 12 de abril foi o início de uma série de governantes militares. A agitação se espalhou para Recife, onde os líderes dos trabalhadores portuários foram presos, fugiram ou foram demitidos. Um novo Gerente Portuário foi nomeado - um oficial militar dinâmico, mas muito convencido. Ele cancelou melhorias nas condições de trabalho que os sindicatos haviam conquistado e acreditava que todos os trabalhadores eram comunistas. No entanto, para todos os seus talentos administrativos brilhantes, segundo Antônio e seus amigos, ele fez com que muitos mais homens se tornassem comunistas do que havia anteriormente.

Aqueles ao redor de Antônio se perguntavam como abordar tal homem, para tentar conquistá-lo e alterar sua atitude. Eles organizaram uma reunião com ele e foram honestos e diretos, não escondendo as consequências da forma como ele estava

conduzindo as coisas. Eles disseram que entendiam seus problemas e estavam prontos para trabalhar com ele, se ele, por sua vez, trabalhasse com eles. Se ele limpasse o porto de cima a baixo, os trabalhadores do porto fariam o mesmo de baixo para cima. Eles contaram sobre as mudanças que haviam ocorrido no porto do Rio e mostraram o filme 'Homens do Brasil' para ele e seus colegas.

Então, cada lado arregaçou as mangas e colocou as mãos à obra.

Entre outras áreas na administração do porto, o departamento de serviços sociais tinha um grande déficit. Em um ano, o porto havia pagado suas dívidas e começado a reconstruir suas reservas financeiras, uma reviravolta semelhante à que foi alcançada no porto do Rio durante o mesmo período. A imprensa falava de um milagre. O jornal O Globo, em sua edição de 20 de março de 1965, com o título "Recuperação completa nos últimos onze meses", afirmava que a receita do porto havia aumentado 100% no período, enquanto o aumento da produtividade havia gerado bônus que aumentaram a renda de alguns trabalhadores em 50%. A diminuição do roubo significava que os custos de seguro também caíam.

Assim como seus camaradas do Rio, Antônio Falcão foi convidado a compartilhar suas experiências em muitas partes do mundo - Rotterdam, Londres, Gênova, Montevideu. Na África do Sul, ele conheceu professores de Moçambique que o convidaram para seu país, onde se fala português, assim como no Brasil.

Jovens se lançam na produção de um espetáculo - Viva la Gente/Gente que avanza

Durante parte de sua jornada pela extensão da Itália, o elenco de 'El Condor' alternou sua peça com uma apresentação dos Colwell Brothers, três cantores de Hollywood. Mais tarde, eles viajaram pelo Canadá, do Atlântico ao Pacífico, e depois pelos Estados Unidos, da Califórnia à Flórida, visitando universidades como Tuskegee, que foi fundada para afro-americanos.

Era um tempo em que a linguagem da música era usada para expressar medos, protestos e esperança. Milhões de jovens estavam procurando maneiras de mudar o mundo. A tecnologia e os meios de comunicação estavam melhorando - em questão de minutos, o resto do planeta poderia saber o que tinha acontecido em qualquer lugar. No entanto, ainda havia injustiça e ódio, guerras guerrilheiras e repressão, tudo levando à miséria física e moral, desesperança e cinismo. As ideologias haviam falhado em suas tentativas de mudar o mundo porque não haviam chegado à raiz do problema, a natureza humana.

Os assassinatos dos irmãos Kennedy e de Martin Luther King abalaram o mundo. Os jovens sentiram-se desafiados a pegar a tocha da esperança que esses homens haviam representado. Uma conferência ocorreu na Ilha Mackinac, contando com a presença de milhares de estudantes e jovens, incluindo muitos com suas orquestras e bandas. Havia tantos grupos de música que você podia ouvir dez por dia, cada um apresentando seu repertório em momentos apropriados, antes das reuniões ou durante as refeições. Havia um tremendo entusiasmo. Quando alguns tentaram diminuir o tom moral, outras vozes se levantaram dentro da conferência. Com força e paixão, eles disseram: "Beber, dançar e celebrar, podemos fazer em casa como quisermos. Estamos

aqui por outra coisa!" Eles demonstraram que os jovens podiam ser confiáveis se lhes fosse dado um objetivo grande o suficiente. Havia uma abundância de criatividade. Músicas maravilhosas foram produzidas: "Up with people" dos irmãos Colwell, que deu nome aos shows e a esse novo movimento, e "De que cor é a pele de Deus?", escrita por um jovem nova-iorquino. Um campeão olímpico desafiou os estudantes que afirmavam que em suas universidades "não havia violência nem sexo livre". Ele disse a eles: "Então falem. Cantem!" Eles seguiram seu exemplo com shows que foram ao redor do mundo.

Mais tarde, latino-americanos se reuniram com alguns canadenses no Sítio São Luiz, no Brasil, e criaram seu próprio show musical "Sing Out". Um elenco em tempo integral foi formado, cujos membros se comprometeram por um período mínimo de um ano. Para demonstrar aos seus pais que não estavam "perdendo" um ano em seus estudos, eles organizaram uma escola móvel para passar pelo currículo oficial, com o apoio de seus professores. O Ministério Nacional da Educação concordou, autorizando adultos com diplomas universitários a ensinar. Todos os alunos puderam mais tarde ir para a universidade.

Enquanto isso, no Uruguai, Omar Ibarгойen escrevia incessantemente sobre seu anseio pela integração da América Latina para que ela pudesse estabelecer seu lugar no mundo, e também sobre sua paixão por treinar revolucionários inspirados pela fé. Em devido tempo, com sua esposa Jeanette e dois amigos franceses, ele fundou a associação ¡Viva la Gente! projetada para promover um espetáculo com o mesmo nome. Parte do acordo incluía um currículo de treinamento, semelhante à escola móvel pioneira nos Estados Unidos. Durante mais de trinta anos, o grupo resultante visitou 800 cidades e vilarejos em 16 países, vivendo nas casas de mais de 10.000 famílias e muitas vezes viajando com o apoio de organizações governamentais e empresas. Durante o mesmo período, cerca de 1.000 jovens participaram desse programa de viagens por um, dois ou mais anos. As igrejas, em particular a Igreja Católica, abriram as portas de suas paróquias para ajudar os jovens a encontrar um programa de ação dinâmico em linha com seus ideais e sua fé. Muitos descobriram sua vocação na vida, para melhor servir suas comunidades e países: padres, diplomatas, jornalistas, educadores, psicólogos, mas acima de tudo, cidadãos responsáveis, criando famílias que nutriram novos homens e mulheres. Por muitos anos, uma revisão bimensal de alta qualidade foi publicada com a participação de jovens e colunistas convidados.

O impacto foi profundo em todos os lugares. Um diplomata colombiano convidou o grupo para seu país, onde passaram dois anos. De lá, foram para a América Central com o apoio de grandes empresas comerciais. Quando foram para a Costa Rica, o Ministro da Cultura ajudou com os vistos e forneceu o "Teatro Nacional" para o show. De lá, foram para a Guatemala em um momento em que um grande espírito de reconstrução prevalecia após um terremoto. A música interpretada pelo grupo "Guatemala de pé", inspirada nas palavras de um estadista local, foi cantada em todo o país e ajudou a elevar a moral de todos, jovens e idosos. Em El Salvador, o Ministro da Educação pediu que cursos fossem ministrados em muitas aldeias, embora não pudesse sempre garantir a segurança do grupo. "Equipes voadoras" formadas pelos jovens

membros do grupo marcaram uma nova fase na metodologia do grupo, demonstrando sua flexibilidade.

Em seguida, eles deveriam visitar Honduras, pouco depois do fim da curta, mas cruel, guerra entre Honduras e El Salvador. Havia vários salvadorenses no grupo, mas nenhum salvadorense podia entrar em Honduras por mais de três dias. A equipe que se preparava para a visita em Honduras sentiu que ou entrava o grupo todo ou não entrava ninguém. Eles manifestaram essa opinião. O Vice-Ministro da Cultura arriscou convencer seus colegas de governo a permitir que os salvadorenses do "¡Viva la Gente!" entrassem por mais de três dias. Durante a primeira apresentação, a plateia hondurenha ovacionou os jovens salvadorenses que cantaram canções tradicionais de seu país. Os vistos foram prorrogados e, a partir daí, iniciou-se o processo de reconciliação que culminou em um tratado de paz que levou o Presidente Oscar Arias, da Costa Rica, a ganhar o Prêmio Nobel da Paz.

Anos depois, com o grupo de volta à Guatemala a convite do Ministro das Finanças, foram ministrados cursos de vida responsável a milhares de servidores públicos, bem como no banco nacional. Após deixar o país, o grupo foi convidado de volta pelo presidente Arzú, que se deu ao trabalho de tê-los buscado de avião na Colômbia. Ele pediu que eles fizessem uma turnê pelo país com seus cursos, organizando os meios logísticos e financeiros para as três primeiras cidades. O grupo se organizou em três equipes: músicos, cantores e apresentadores. O financiamento para visitas a outras cidades e vilas veio com a ajuda das autoridades locais e das pessoas que haviam observado e participado de suas atividades nos locais visitados anteriormente. Esse modo de trabalhar foi repetido na Venezuela e depois no Chile. Eles viajaram de uma ponta a outra, atravessando toda a América do Sul de ônibus, levando uma semana para a jornada, impulsionados por um espírito de esperança e expectativa.

Na África do Sul, velhos amigos convidaram Jeannette, na época viúva de Omar, para visitá-los. Essas pessoas, sul-africanas e sul-americanas, haviam participado de grupos do "Sing Out" em anos anteriores. Enquanto Jeannette estava hospedada com eles, uma família convenceu seu filho a viajar para a América do Sul para participar do "Gente que avanza" (o novo nome de "Viva la Gente"). Ele era bem-educado e criado... mesmo assim, quando ele retornou para casa, o impacto de sua mudança em sua família e amigos foi tão grande que eles decidiram convidar o grupo para a conferência anual da MRA em Caux em 1999.

Em Caux, a visita de 43 jovens latino-americanos de 'Gente que avanza' foi um "furacão" inesquecível. Tantos jovens podiam ser vistos juntos, disciplinados e abertos aos outros, com coragem para enfrentar e compartilhar decisões difíceis. Os latinos fascinaram e desafiaram muitos, e sua visita iniciou um intercâmbio de jovens através do Oceano Atlântico.

CAPÍTULO 9

Nas Favelas

Assim como na maioria das grandes cidades ao redor do mundo, o Rio de Janeiro sofreu um influxo de famílias miseráveis e empobrecidas que escapavam da miséria do interior do Rio, do Estado de Minas Gerais ao norte, ou das terras áridas do distante Nordeste. A migração foi incentivada por leis promulgadas pelo presidente brasileiro Getúlio Vargas no início da década de 1940. Essas leis favoreciam os trabalhadores urbanos assalariados. Mas as muitas famílias que chegaram ao Rio descobriram que não tinham outra opção senão encontrar ou construir um abrigo em uma das muitas favelas. As primeiras barracas foram erguidas bem debaixo do nariz da polícia que, por algum trocado, fechava os olhos. Políticos sem escrúpulos fizeram promessas vãs para regularizar a ocupação ilegal de terras em troca de votos. Sobre essa fundação corrupta, as favelas proliferaram, agarrando-se às encostas íngremes. Uma dessas colinas deu o seu nome - favela - ao que se tornou cidades de tábuas de madeira e ferro corrugado semelhantes a outras ao redor do mundo, insalubres, precárias e promíscuas. Os que já estavam estabelecidos ajudariam os recém-chegados a se estabelecerem sem título de propriedade da terra e depois explorariam a obrigação do recém-chegado de possuí-la, estabelecendo tanto a corrupção endêmica quanto um senso de solidariedade entre iguais na miséria. Além da dureza dessas praticidades, havia o julgamento de serem considerados párias sociais pela população estabelecida da cidade.

Nesse mundo carente das favelas do Rio, surgiram iniciativas inesperadas na década de 1960, inspiradas pelas experiências dos trabalhadores portuários e repassadas por um Marechal da Força Aérea e um impressor.

O marechal da força aérea e o impressor – ganhando impulso

O oficial era o Marechal Antônio Guedes Muniz. Ele havia fundado a Escola de Treinamento Aéreo e o Instituto de Tecnologia em São Paulo. Ele havia projetado e construído os primeiros aviões fabricados no Brasil, havia pensado e gerenciado a construção de navios de minério de ferro e havia criado um estabelecimento nacional para a fabricação de motores de combustão interna. Ele via uma necessidade esperando por uma solução ou uma tarefa não concluída e a assumia. Um dia, o Marechal Távora o apresentou a seus novos amigos, resultando o retorno de Muniz e sua esposa à Igreja Católica após quarenta anos de afastamento. Isso foi uma grande surpresa para os padres que o conheciam.

"O que é isso?" perguntou com sarcasmo um prelado muito ouvido na alta sociedade. "Eu mostrei a você o brilho do sol, mas agora parece que você se envolveu com uma chama minúscula!"

"Monsenhor", respondeu Guedes Muniz da mesma forma, "eu estava rastejando na escuridão. Encontrei uma caixa de fósforos. Acendi um fósforo e acendi

uma vela. Isso me mostrou que eu poderia abrir uma porta e lá, resplandecente diante de mim, estava o sol que você sempre quis me mostrar".

O Marechal e sua esposa decidiram fazer algo pelos moradores das favelas. Eles se lembraram dos trabalhadores do porto que haviam conhecido depois de assistir a seu filme. Um dia, em 1963, eles convidaram esses homens, com outros amigos, para se encontrarem com líderes das favelas. Entre estes últimos estava um homem que trabalhava nos serviços de impressão do governo municipal, José de Almeida Neto, que o filho de Muniz, o Vice-Prefeito do Rio, havia conhecido. Foi a primeira vez que José pôs os pés em uma casa burguesa. Ele ficou surpreso ao conhecer um empresário, Erwin Zimmerman, que estava administrando com sucesso um negócio próspero sem fraudar as autoridades fiscais ou dar subornos. Também estavam presentes trabalhadores do porto que estavam colocando os interesses de seu país antes dos seus próprios e um General que havia participado de vários golpes de Estado e que agora estava convencido de que a única revolução que valia a pena era a mudança de caráter das pessoas.

"De repente, eu percebi", disse José mais tarde, "que nós, moradores de favelas, não éramos um milhão de problemas, mas sim dois milhões de braços prontos para resolver esses problemas. Naquela mesma noite, decidimos trabalhar juntos para exibir o filme 'Homens do Brasil' em diferentes favelas ao redor da cidade". O filme foi posteriormente exibido ao longo de um período em quase duzentas favelas.

Euclides - serviço aos outros ou interesse próprio

Uma das primeiras visitas foi à Favela Parada de Lucas. Os habitantes elegeram Euclides da Silva como presidente da associação. Ele aceitou esse cargo com espírito de serviço, mas logo percebeu que a posição poderia lhe dar todos os tipos de vantagens materiais. Isso começou com a obtenção de uma concessão para fornecer eletricidade às barracas da localidade. Ele comprou a energia por 4 cruzeiros por quilowatt e revendeu por 11 cruzeiros, embolsando a diferença. Todo mundo sabia, mas ninguém se atrevia a fazer perguntas. Todos dependiam dele para o fornecimento de eletricidade em suas casas.

Euclides tinha um inimigo mortal, Amfilofilo, que tinha a concessão de eletricidade para outra parte da favela. Euclides tentou de tudo para privá-lo dela. "Fui à casa dele quatro vezes com a intenção de eliminá-lo", confessou mais tarde. "Uma noite, foi ele quem veio à minha casa com outros quinze para se vingar. Eu tive apenas tempo de escapar pela porta da cozinha. Enquanto isso, as pessoas estavam perdendo a confiança em mim. Muitas coisas contribuíram: a violência; a corrupção que eu promovia dentro da associação; as mulheres fáceis que vinham descaradamente à minha casa procurando por mim. Minha esposa, Horondina, sofreu muito. Tudo o que eu ganhava era gasto no meu próprio prazer. Horondina tinha que pegar dinheiro da minha carteira quando eu estava dormindo".

No sábado à noite em que o filme foi exibido na favela de Euclides, uma grande multidão compareceu. Depois houve uma discussão com os trabalhadores portuários que contaram como tinham examinado detalhadamente o que estavam fazendo,

tinham reconhecido seus erros e tinham então corrigido os erros. Euclides ficou muito abalado. Ele sentiu que ali, na frente dele, estavam homens libertos e eficazes. Ele olhou para o que tinha feito com sua própria vida. Era de alguma forma vazia, inútil, centrada na ambição pessoal. As coisas precisavam mudar.

Mas por onde começar? Ele pediu perdão à sua esposa pelo que havia feito às escondidas, e sua vida doméstica foi transformada. Mas então havia Amfilofilo. "Assim como eu", explicou Euclides, "ele queria melhorar as condições dos moradores da favela, e ainda assim éramos inimigos. Era estúpido. Não podia continuar assim. Três vezes eu escrevi para ele, pedindo desculpas por minha atitude. Cada vez rasguei a carta. Eu me disse: 'Não posso me tornar um tolo na frente do meu inimigo'. No entanto, consegui enviar-lhe a quarta carta. Ao entrar em minha casa uma noite, encontrei Amfilofilo me esperando. Conversamos por muito tempo. Foi só então que conheci o homem real, verdadeiro, que havia passado por muito sofrimento".

Então havia o negócio de eletricidade. Euclides decidiu admitir publicamente a verdade e renunciar à presidência da associação da favela. Sua honestidade restabeleceu a confiança e as pessoas o reelegeram. Mais tarde, ele teve o pensamento recorrente de pedir à prefeitura que aprofundasse o canal de água que fazia divisa com a favela. Era uma ideia surpreendente após um longo período de tempo seco, mas ele insistiu. Logo após a conclusão da obra, chuvas sem precedentes caíram sobre a cidade, inundando muitas favelas de forma desastrosa. Parada de Lucas foi deixada intacta.

As Autoridades Públicas - disponibilizando fundos

O filme foi exibido em uma favela após a outra, introduzido pelos trabalhadores portuários e por alguns dos moradores de barracos que já o haviam assistido. Novos contatos foram estabelecidos e várias consequências surgiram. Nos melhores casos, um novo espírito de confiança entre as pessoas levou a realocação dos habitantes em novas casas adequadas. A iniciativa teve a contribuição de um bom governo cívico. O Governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, era consciente e enérgico. Ele decidiu assumir a responsabilidade pessoal pelos bairros de lata do Rio, aproveitando os fundos vindos dos Estados Unidos por meio da 'Aliança para o Progresso', uma iniciativa do presidente Kennedy. Essa ajuda foi direcionada a vinte e dois países latino-americanos em uma tentativa deliberada, em acordo com esses países, de contrapor a expansão ideológica de Cuba no subcontinente.

Mas intermediários eram necessários no local. José de Almeida Neto, morador de favela e funcionário do governo local, tornou-se um dos principais contatos nas favelas. Onde não havia organização local, os moradores eram encorajados a criar associações oficiais, permitindo assim que seus representantes discutissem questões com as autoridades e mobilizassem os habitantes para qualquer ação que pudesse ser necessária. As atividades dessas novas associações às vezes podiam ser vibrantes. "Uma eleição para cargos oficiais terminou tão tarde", lembra Euclides da Silva, "que a contagem teve que ser adiada para o dia seguinte. Mas o que fazer com as urnas enquanto

isso? Ninguém confiava em ninguém. Acabamos colocando-as no meio da rua e, entre nós, as guardamos durante a noite!"

As autoridades municipais puderam estabelecer uma nova abordagem para realocar os moradores de favelas, criando uma "Empresa de Habitação Popular". Seu primeiro presidente foi Sandra Cavalcanti. Anteriormente professora, ela sempre se lembrava de cinco jovens moradores de favelas que havia ensinado. "Vestidos corretamente e bem-educados, você não podia distinguir em nada das outras crianças, exceto talvez que eram mais motivados em seus estudos. Um dia, um deles ficou doente. Decidi visitá-la. Foi a primeira vez que entrei em uma favela. O que vi me surpreendeu. Que ordem incrível havia dentro daqueles barracos! Minha aluna era órfã, criada por uma tia. Imagine minha surpresa quando vi naquele barraco uma máquina de costura, uma televisão e uma geladeira. Perguntei à tia: 'Você parece tão bem equipada, por que vive em uma favela?' Ela respondeu: 'Não temos chance de comprar uma casa. Hipotecas não estão disponíveis para nós'. Entendi a necessidade de dar aos moradores de favelas a capacidade de obter crédito de longo prazo.

"Foi com esse propósito que a 'Companhia de Habitação Popular' foi criada. Ela constrói e vende apartamentos e casas básicos de baixo custo que os compradores podem pagar em vinte anos, deixando para as famílias a responsabilidade de completar os detalhes internos e a decoração. Antes que as decisões sobre isso fossem finalizadas, consultei um comitê de líderes de favelas, entre os quais estavam Euclides da Silva e José de Almeida. Queríamos ter certeza de que o projeto estava atendendo às necessidades mais urgentes dos envolvidos. Também dedicamos tempo para preparar as famílias para viver em um novo ambiente. Alguns projetos foram mais bem-sucedidos do que outros. Mas os erros podem ser uma fonte de aprendizado. No início, realocamos famílias a vários quilômetros de distância de seus locais de trabalho e da área que conheciam. Eles se opuseram fortemente. Então, foram feitos esforços para colocá-los mais perto do centro da cidade. Uma vez que as coisas começaram a funcionar, a lista de espera por novas moradias nunca parou de crescer". Essa nova política foi adotada pelas autoridades civis em todo o país.

Luiz e Edir: reconstruindo laços familiares e casas

Uma das comunidades que se beneficiou da relocação foi a Favela São João. Isso aconteceu, após um longo atraso, devido à perseverança de Luiz Pereira Araújo, seu líder. Luiz e sua esposa Edir eram do Nordeste do Brasil. Após oito anos de casamento, deixaram Fortaleza e foram para o Rio com seus cinco filhos. Edir tinha vinte e cinco anos. Luiz foi adiante da família. Era um jovem bonito que adorava dançar. Depois de alguns meses, Edir começou a sofrer com as provocações dos outros: "Luiz deve ter feito algumas conquistas. Ele nunca mais vai voltar". Edir decidiu partir com as crianças e suas poucas posses e se juntar ao marido, sem avisar. Ele havia encontrado uma pequena casa em Niterói, do outro lado da baía do Rio. A travessia era de balsa - naquela época, a ponte de quatorze quilômetros que ligava os dois lugares ainda não havia sido construída. Luiz, que colocava pisos, tinha que sair de casa às 4h00 da manhã para

chegar ao trabalho às 7h00 da manhã. A cabana em Niterói era úmida, sem água ou eletricidade, no topo de uma colina. Edir passava o tempo descendo a colina para procurar água, que depois precisava ser carregada de volta. Mas Edir era orgulhosa. Ela escreveu de volta para Fortaleza que tudo estava bem e deu como seu endereço o de alguém que morava no fundo da colina.

Depois de cinco meses, Edir aceitou relutantemente se mudar para perto de uma tia que morava na Favela São João. Tudo isso foi difícil. Ela havia tido uma criação confortável, seu pai ganhava bem a vida. Ele tinha lazer e gostava de compor música. Sua mãe tinha uma empregada. Então, Edir não gostou de criar seus filhos em um ambiente de brigas, sujeira e falta de higiene adequada. Mais uma vez, sua cabana ficava no alto de um declive íngreme. Luiz teve que construir uma cerca para impedir que as crianças caíssem. Edir tinha que descer e ficar na fila da torneira pública para pegar água antes de voltar por um caminho de pedras com uma lata cheia na cabeça. Um passo em falso e ela tinha que começar tudo de novo. Em dias de chuva, ela podia respirar um pouco, coletando água da chuva em um recipiente fixado na borda do telhado. Durante o dia, ela lavava roupa para pessoas do "asfalto", os bairros mais prósperos com rodovias asfaltadas. Ela tinha vergonha de sua situação e não fazia amizade com seus vizinhos. Se alguém batesse na porta, ela se esconderia e fingiria não estar lá. Luiz se adaptou melhor e se tornou muito popular na favela. Um ótimo intérprete do samba, Luiz participava de todas as festas e festivais, mas nunca levava sua família com ele. Depois de alguns anos - doze longos anos - Edir ficou cada vez mais amargurada. Ela falava interminavelmente em ir para algum outro lugar. Mas, sem dinheiro, para onde poderiam ir? Sua insistência levou a discussões cada vez maiores em casa.

Enquanto isso, as tensões se desenvolviam na favela. O proprietário da terra onde os moradores de barracos haviam construído ameaçou a desocupação. Ele começou a cumprir sua ameaça, demolindo trinta e sete barracos. Os vizinhos receberam aqueles que ficaram desabrigados enquanto esperavam para reconstruir. Luiz foi um daqueles que assumiu a defesa dos moradores da favela. Após um incidente envolvendo a polícia, ele conheceu José de Almeida, que o ensinou a começar o dia com um momento de silêncio, se voltando para Deus para pedir direção nas decisões que ele tinha que tomar.

Edir logo percebeu uma mudança em seu marido. Ele parou de beber. Ele a levava para festas no bairro. Ela percebeu a nova força interior do marido. Uma manhã, Luiz teve o pensamento de ver o Governador do Estado para pedir sua ajuda. Durante a inauguração de uma nova escola, ele conseguiu se aproximar dele e usar algumas palavras. Ele conseguiu seu objetivo. As expulsões foram interrompidas. Mas as atividades de Luiz tomavam todo o seu tempo, em detrimento do tempo com a família, e ele se envolvia em disputas, o que preocupava sua esposa. E as dificuldades diárias da vida na favela continuavam.

Um dia, durante a paz do meio-dia, durante a sesta, na casa de um médico onde ele estava colocando um piso de azulejos, Luiz estava pensando na situação de sua favela. Uma ideia surgiu: "Telefonar para o Ministro do Interior". Mas qual a chance de ele conseguir ser atendido? No entanto, sem adiar, ele agiu imediatamente. Para sua grande surpresa, ele foi atendido pelo Ministro, que disse para ele ir vê-lo. Então, alguns

dias depois, ele foi recebido juntamente com outros envolvidos. Luiz contou ao Ministro sobre as 560 famílias na favela, o risco de expulsão a que estavam expostas e o plano que ele havia elaborado para realocá-las. Seu plano não se mostrou viável, mas uma alternativa foi encontrada. Após longas negociações, os moradores da favela receberam oferta de novos apartamentos a apenas algumas centenas de metros de suas casas originais.

Durante a construção, Luiz notou que muitos dos envolvidos na obra eram sem qualificação. Ele pediu aos que pareciam mais qualificados para ensinar sua profissão aos outros "no trabalho", o que eles fizeram. Descobrimo o que estava acontecendo, o Governador do Estado endossou oficialmente a prática, dando um bônus àqueles que foram aprovados como treinadores em reconhecimento ao que estavam fazendo. Enquanto isso, mulheres de fora da favela vieram ensinar as esposas a cozinhar com gás (não haveria mais fogo à lenha) e em outros aspectos úteis da vida em um apartamento.

Uma vez que o trabalho começou, as coisas avançaram rapidamente. Da frente de suas casas, os moradores da favela podiam ver os novos prédios sendo construídos. Eles se tornariam cidadãos reconhecidos, como outros, com um endereço adequado. Chegou o dia em que os caminhões de mudança vieram para levá-los e a seus pertences para o novo lugar, uma casa de cada vez. A vez de Edir chegou em 20 de maio de 1971. Ao entrar na cozinha e no banheiro, ela parou em frente às torneiras de água. Este era o fim de anos de carregamento de água.

Como família, eles se aproximaram muito. Profissionalmente, Luiz aprendeu a trabalhar em equipe. Edir e ele organizavam encontros semanais de amigos e colegas para ajudar a resolver os problemas da área. Então, durante o verão de 1973, eles foram convidados a se juntar à delegação brasileira que ia a Caux. Edir estava insegura. Luiz estava convencido de que deveriam ir e insistiu que Edir fosse com ele. As pessoas ajudaram com o financiamento da viagem e eles próprios contribuíram com o máximo que puderam.

Em Caux, houve uma recepção calorosa e amigável. Uma noite, jantando com um casal jovem, a outra mulher contou como havia aprendido a amar alguém que havia odiado. Depois da refeição, Edir foi para o quarto. Ela precisava ficar sozinha. Ela queria dormir, mas não conseguia. Imagens de Fortaleza voltaram a sua mente, e de sua mãe ainda morando lá. A última vez que se encontraram foi no Rio, na favela. Sua mãe continuava comparando Edir com suas irmãs, que viviam confortavelmente em casas agradáveis. Edir sentia inveja delas. Mãe e filha discutiram e sua mãe saiu dizendo que nunca mais voltaria. Edir respondeu que, nesse caso, não queria mais ver sua mãe novamente. Essa situação continuou por dez anos.

Edir teve a ideia de escrever para sua mãe pedindo perdão. Ela o fez no dia seguinte. Ela nunca esperou uma resposta, mas uma resposta chegou muito rapidamente, pouco antes de deixarem a Suíça. De volta para casa, ela mostrou a seus filhos. Ela sentiu que deveria ir a Fortaleza com Luiz. Seu filho ofereceu-se para pagar a viagem. Foi longa e cansativa – três dias e duas noites de ônibus – mas Edir não teve arrependimentos. Seis meses depois da reconciliação, sua mãe morreu.

Luiz e Edir haviam conseguido mudar as condições de suas próprias vidas, mas depois de tudo o que haviam passado, eles não poderiam parar por aí. "Devemos ajudar todos aqueles que ainda vivem em favelas a ter uma casa como a nossa um dia. Devemos também lutar para que o espírito comunitário nascido naquelas barracas de madeira não morra dentro das paredes de concreto de nossos novos apartamentos e casas." Após grande persistência, conversas mais amplas se desenvolveram. A decisão mais difícil que Luiz teve que tomar foi afirmar aos seus companheiros sua oposição à violência. "Sempre é o cara mais durão que se torna o chefe, e eu tinha medo de ser visto como um covarde", disse ele. Longe de ser um covarde, ele perseverou, arriscou-se e manteve a cabeça fria, firmando-se no meio de brigas entre clãs rivais e ganhando o respeito dos "chefes" das favelas, que não ousavam atacar abertamente os protagonistas das iniciativas sociais tão apreciadas pelo povo. Luiz ficou grato ao ver dezenas de milhares de novas casas construídas para realocar os favelados. Na maioria dos casos, os ocupantes tinham o direito de possuir sua propriedade com um empréstimo de longo prazo, com uma taxa mensal de cerca de 15% do salário-mínimo. Mas centenas de milhares de pessoas das áreas rurais continuaram a chegar à cidade. "A população da nossa favela aumenta 10% ao ano", disse um líder comunitário. "Esse problema deve ser enfrentado no interior do país".

Ana e Anna - reabilitação e nova vida

No Rio de Janeiro, as precárias favelas constantemente se reconstituem, sempre se enchendo novamente. Juntas, elas abrigam entre um quarto e um terço da população da cidade. Os lugares mais insalubres muitas vezes são os mais recentes, como os criados sob viadutos urbanos, adicionando a poluição dos gases de escape a todos os outros perigos. Sem poder realocar as pessoas, esforços são feitos para melhorar a situação instalando iluminação pública, fornecendo água encanada e construindo escadas de concreto nos íngremes morros... O progresso depende, em parte, dos favelados e de sua capacidade de se organizar para realizar parte do trabalho, com materiais fornecidos pelo município. O espírito construído pelas associações dentro das favelas, ou "comunidades", como preferem se chamar atualmente, é importante.

Ana Inês Sousa foi eleita presidente e depois tesoureira da comunidade Nova Holanda, uma das doze que compõem a zona de Maré. Essa imensa área está repleta de lixões infestados de ratos. Alguns dos prédios estão em estacas, elevando-os acima de terrenos pantanosos recuperados próximos ao mar. Quase um quarto de milhão de pessoas vivem na Maré. O nome "Nova Holanda" se relaciona com os polders holandeses, terras conquistadas do mar.

O pai de Ana tinha um pequeno comércio em Serra Branca, no estado da Paraíba. Depois de um longo período de seca, seus clientes pararam de vir e ele foi obrigado a vender tudo e se mudar para o Rio de Janeiro em 1970. Depois de muitas dificuldades, ele conseguiu adquirir um barraco com dois cômodos e abriu uma lojinha em um deles. Então, ele mandou buscar a esposa e seus cinco filhos para morarem no outro cômodo. Ana tinha oito anos e guarda lembranças horríveis dessa mudança, com o

desconforto das condições apertadas e, pior de tudo, o cheiro horrível do pântano de baixa altitude, insuportável durante a maré baixa.

Os pais de Ana trabalharam muito para permitir que seus filhos estudassem. Ana se formou em enfermagem e obteve sucesso em um exame competitivo, o que a levou a uma carreira no ensino de saúde pública na universidade. Ela abriu mão de quase todos os seus direitos à vida privada, dedicando todo o seu tempo livre e energia à comunidade de Nova Holanda, onde construiu sua própria casa. Quando uma associação comunitária foi criada lá, os líderes responsáveis foram nomeados pela administração da cidade local - mas não conseguiram fazer muito. As coisas melhoraram quando líderes do bairro foram eleitos. A associação estabeleceu suas principais prioridades. Uma das primeiras foi canalizar os esgotos a céu aberto. Para conseguir isso, as pessoas tiveram que levar suas demandas até Brasília, a capital federal. Eles criaram sua própria cooperativa para organizar um suprimento mais barato de materiais de construção para os residentes. Eles estavam determinados a encontrar a maneira mais justa e eficiente de usar as bolsas federais, evitando desperdícios. Eles estavam preocupados em fornecer uma creche para crianças pequenas enquanto os pais trabalhavam, e uma educação adequada para as mais velhas. Para Ana a chave para seu sucesso permanece a honestidade e o altruísmo por parte dos responsáveis, bem como a participação de todos os afetados no processo de tomada de decisão. Isso é o que motiva e une.

Essa também foi a conclusão de Anna Marcondes Faria, nascida e criada em uma favela do Rio. Após se casar com um trabalhador de cervejaria, o casal se mudou para Parque Vila Isabel. Isso certamente não merecia ser chamado de "Parque", o nome vinha de um parque adjacente que havia sido um zoológico. O progresso social era menos visível do que em Nova Holanda - em 1996 ainda não havia drenos subterrâneos. Anna assumiu a criação de uma associação local. Seu marido foi eleito o primeiro presidente - sem remuneração. Duas vezes, Anna teve que sacrificar um emprego remunerado em prol da comunidade. Um grande problema era a falta de uma escola na favela. Anna começou uma aula para ensinar leitura e escrita. Em seguida, foi nomeada como professora oficial em uma escola estabelecida em um antigo armazém. Percebendo que suas qualificações eram inadequadas e, enquanto continuava a ensinar o dia todo, ela fez estudos secundários noturnos e obteve um diploma de ensino.

Então ela abriu uma creche e, mais tarde, um centro comunitário onde os jovens, em vez de ficarem na rua, podiam participar de esportes, aprender sobre higiene, ser introduzidos à marcenaria e decoração de interiores, aprender a costurar, reciclar papel, cozinhar e, mais recentemente, lidar com computadores. Essas duas últimas qualificações abriram o melhor caminho para o emprego em restaurantes e escritórios. Os empregos tinham que ser encontrados rapidamente, especialmente no último caso, já que, uma vez concluído o curso, os jovens não tinham mais acesso aos computadores, que precisariam para manter e desenvolver suas habilidades. O Banco Interamericano de Desenvolvimento deu ajuda para financiar equipamentos, mas os custos operacionais tinham que ser cobertos. A cidade fornecia refeições para a creche, mas Anna queria dar algo às crianças mais velhas também. Além disso, quando os políticos locais mudavam

de cargo, a alimentação das crianças e os salários dos professores podiam ser interrompidos por um tempo. Mais de uma vez, Anna foi tentada a desistir de tudo.

O centro abriu uma loja para venda de produtos de segunda mão e coisas feitas pelos alunos, porém imperfeitas. Isso não foi suficiente para garantir a estabilidade financeira, que continuou dependendo de doações voluntárias de fora. De tempos em tempos, Anna contava com a ajuda da equipe de pessoas baseada no Sítio São Luiz, pedindo-lhes para receber grupos de jovens lá. Ela também convidava os do Sítio a participar de reuniões na favela. Seus seis filhos a apoiavam e participavam das atividades na comunidade. Quando perguntada como ela consegue lidar com tudo, ela responde que é apoiada por sua fé cristã. Ela é batista. Ana Inês, uma católica comprometida, diz o mesmo. Anna precisa dessa fé porque, desde que chegou ao Parque Vila Isabel, a população da favela aumentou dez vezes.

Favelas continuam a surgir em condições precárias, com a insegurança física sendo um problema. A situação das "crianças de rua" é um problema que clama por ação. Seu grande número é o resultado de muitos homens abandonarem suas esposas, deixando as mulheres sozinhas com numerosos filhos. Muitas vezes acontece que a mãe abandonada reunirá as crianças e dirá: "Para sobrevivermos, um de vocês deve fazer um sacrifício". Um dos meninos então oferece seus serviços a uma gangue de drogas, começando como vigia para avisar sobre as patrulhas policiais. Uma vez na rede, é muito difícil sair sem arriscar consequências fatais. Mas as crianças não são as únicas vítimas. Existem outros perigos mortais. As guerras entre gangues rivais e com a polícia obrigaram muitos cariocas (nativos do Rio) que vivem em ou perto de uma favela a se mudarem, se pudessem. A alternativa é viver com parte da casa condenada e fechada, pois ela está na linha de balas perdidas dos confrontos armados.

Olhando além do lar

O tamanho dos problemas não desanimou esses pioneiros. Incansável e equipado com uma apresentação em slides coloridos e fita sonora que ilustra eventos-chave e personalidades da experiência do Rio, Luiz Pereira atravessou fronteiras para visitar as 'barriadas' precárias de Lima e as 'invasiones' de Bogotá. Agora aposentado, ele decidiu se colocar à disposição para apoiar as pessoas mais dinâmicas em localidades carentes. Ele as reúne para conhecer empresários, líderes de organizações de mulheres, funcionários da autoridade local e professores. As redes resultantes de solidariedade, amizade e ajuda mútua levam a ações práticas. Quando perguntado sobre o que ele faz especialmente, além do que outros que trabalham nas favelas fazem, ele responde: "A maioria tenta melhorar as condições materiais. Muitas vezes, os resultados são precários e desaparecem sob pressão dos eventos. O que tentamos fazer é mudar as atitudes das pessoas, especialmente daquelas em posições de responsabilidade. Essas pessoas começam então a ver como fazer melhorias que durem".

Na verdade, entre o início dos anos 60 e o final do século XX, as atitudes mudaram muito. Por muito tempo, as pessoas em outras partes das cidades ignoraram aquelas nas favelas. Nos tempos mais recentes, maior prioridade tem sido dada a essas

áreas. Deve-se acrescentar que, enquanto os líderes das primeiras associações de favelas eram frequentemente analfabetos, muitos da nova geração são universitários formados. Ao longo dos anos desde que Luiz e Edir se mudaram para seu apartamento, a cidade do Rio, com a ajuda do Banco Interamericano de Desenvolvimento, embarcou em um processo de integração das favelas em novos distritos urbanos, não mais fora das normas de eletricidade, abastecimento de água e coleta municipal de lixo. Mas muitas favelas ainda permanecem na cidade e mais surgem, sem contar aquelas nas muitas cidades e municípios espalhados pelo Estado do Rio.

Houve outras iniciativas mais específicas. Em 1993, foi estabelecida no Rio uma grande "Empresa da Esperança" no local de uma fábrica que havia pegado fogo. Após o desastre, um dos dois proprietários convenceu o outro a não vender o terreno. Em vez disso, eles deveriam disponibilizá-lo para atividades comunitárias para os 100.000 moradores de sete favelas vizinhas. Mais uma vez, equipes de favelados responsáveis se organizaram para enfrentar a corrupção e o tráfico de drogas, alertar as autoridades municipais eleitas sobre os problemas e expor as necessidades reais do povo aos políticos e à administração.

Outro desenvolvimento surpreendeu os favelados. Na Companhia de Eletricidade do Estado do Rio, a pessoa responsável pela eletrificação das favelas era escrupulosa em evitar qualquer favoritismo. O trabalho foi feito sem demandar subornos e os habitantes ficaram surpresos quando o trabalho não parou imediatamente após as eleições - normalmente os políticos quebravam promessas que fizeram durante a campanha eleitoral.

Foram aprendidas lições com os erros, como quando um visitante em 1980 viu novos blocos de apartamentos, porém vazios. "Não estamos acostumados a cozinhar dentro de quatro paredes", disseram aqueles para quem os apartamentos foram construídos. "É muito quente. Precisamos de um teto, mas o ar deve circular. E não há lugar para pendurar nossas redes. Não queremos camas - de novo, ficaríamos com muito calor. Se vocês tivessem falado conosco antes de fazer o trabalho!".

Por muito tempo, as associações de favelados sentiram a necessidade de se consolidar a fim de fortalecer o que fazem, proteger sua forma democrática de operação e facilitar o diálogo com as autoridades públicas. Luiz Pereira chefiou uma união de trinta dessas associações. Em 1965, uma federação foi estabelecida no Estado do Rio, em grande parte por iniciativa de José de Almeida e apoiada por Sandra Cavalcanti. Porque eles tinham influência e poder, as associações e, ainda mais, as federações se tornaram objetos de inveja. Traficantes e políticos sem escrúpulos tentaram se infiltrar nelas para seus próprios fins. Na tentativa de se libertar de todos os vínculos políticos, as associações da cidade do Rio se uniram para formar uma Federação Municipal Autônoma. Mantendo sua independência, a Federação poderia coexistir e colaborar com as autoridades do Estado.

CAPÍTULO 10

Colômbia

A jornada de Howard pela América do Sul foi interrompida por sua morte repentina. No entanto, a vida precisava continuar. No final de março, em resposta a um convite do Ministro da Educação da Colômbia, os estudantes de Lima que estiveram com Howard em seus últimos dias foram para Bogotá, juntamente com outros que tinham viajado pelo continente.

Como havia acontecido anteriormente quando os estudantes peruanos foram a Recife, sua chegada em Bogotá coincidiu com uma explosão de violência e operações guerrilheiras, incluindo o sequestro de um ex-ministro. A visita poderia ter sido ofuscada por esse tumulto, mas os jornais *El Tiempo* e *El Espectador* enfatizaram que os visitantes, representando um tipo alternativo de revolução, haviam chegado no momento certo. A Televisão Nacional da Colômbia cancelou outros programas para lhes dar tempo de antena.

O grupo seguiu para Medellín. Lá, eles receberam uma mensagem do Presidente da Companhia de Ferro e Aço Paz del Rio, solicitando que fossem ao principal complexo industrial da empresa no distrito de Boyacá. Os estudantes não tinham pensado em ficar longe de casa por muito tempo e deixaram claro que não responderiam a um convite que viesse apenas do lado da administração. O Presidente respondeu rapidamente a isso com um convite assinado por três líderes sindicais responsáveis. Os estudantes aceitaram isso, o que levou a desenvolvimentos significativos.

Na fábrica da companhia de Belencito, um chefe de departamento, treinado na França, acabou com a exploração de subordinados e começou a se preocupar em ouvir suas ideias, melhorando o clima entre os trabalhadores. O Bispo de Duitama, onde estava localizada outra das fábricas da empresa, disse aos membros da Missão: "Vocês estão fazendo o que nós na Igreja deveríamos estar fazendo". Ele os convidou para falar em várias instituições de ensino. Então ele os apresentou ao Arcebispo, que pediu que trabalhassem com seus padres.

Um homem em Medellín cuja família foi duradouramente afetada pela visita foi Alberto del Corral, um engenheiro. Por um tempo, ele foi Diretor Regional do Instituto Colombiano de Bem-Estar Familiar para Antioquia, a área que incluía Medellín. Os assuntos do Instituto estavam em mau estado, o que Alberto havia começado a mudar estabelecendo regras estritas de operação. Mas, tendo conhecido os estudantes peruanos, ele decidiu tentar dar o exemplo, pensando que isso poderia funcionar melhor do que impor a lei. O trabalho deveria começar às 8h30 e terminar às 17h00, e os funcionários deveriam comer o almoço em seu local de trabalho. Na realidade, a maioria chegava às 10h30, fazia uma longa pausa para o almoço e saía às 16h45. O chefe de pessoal queria instalar um relógio de ponto, mas Alberto disse: "Não, essas pessoas devem se tornar responsáveis". Ele então surpreendeu a todos chegando pontualmente, comendo seus sanduíches em seu escritório e saindo no horário correto. Ele adotou o hábito de deixar sua porta aberta para que qualquer pessoa pudesse ver a qualquer momento o que ele estava fazendo.

As melhorias não demoraram a aparecer e os efeitos se estenderam até a sede em Bogotá. Além disso, muitas vezes surgiam casos sociais, alguns trágicos, que Alberto não sabia como lidar. Os estudantes peruanos e seus companheiros o ajudaram a mudar sua própria vida e se tornaram bons amigos. Agora, eles o ajudavam a reunir um grupo que encontraria juntos maneiras melhores de lidar com casos difíceis. Como consequência disso, ele agora podia pedir ajuda a um centro jesuíta próximo.

Algum tempo depois, Alberto del Corral foi forçado a deixar a Colômbia para ir para a Flórida, devido a uma onda de sequestros de pessoas ricas em troca de resgate. Na época, ele já havia apresentado seus novos amigos a Guillermo Torres, diretor colombiano de uma fabricante e importadora multinacional de produtos farmacêuticos. A empresa estava indo tão bem que os Torres haviam decidido contratar um assistente. Um dia, um contato americano lhe enviou um recorte de jornal que alegava que executivos de sua empresa estavam envolvidos no contrabando e venda de drogas ilegais de anfetamina para os Estados Unidos. Preocupado, ele escreveu para o CEO americano da empresa, a quem conhecia por ter trabalhado na sede. A resposta que ele recebeu foi uma afirmação categórica de que tais práticas eram impensáveis dentro da empresa. Então, para seu espanto, recebeu uma mensagem informando que seu assistente, que ele mesmo havia contratado recentemente, estava sendo promovido acima dele para se tornar seu chefe. Isso o fez parar e pensar, e ele decidiu lançar sua própria investigação sobre o que poderia estar acontecendo. Ele descobriu que o homem estava envolvido na produção ilícita de drogas. O que ele deveria fazer? Permitir que esse tráfico continuasse ou tentar acabar com ele, com todos os graves riscos envolvidos em um país como a Colômbia?

"Depois de cuidadosa reflexão e por lealdade, ele escreveu novamente para o Diretor Geral. Temendo que isso pudesse não resultar em nada, ele também alertou amigos bem-posicionados que informaram o FBI e seu equivalente colombiano, o DAS (Departamento Administrativo de Segurança). O tráfico ilegal foi investigado e interrompido. Tudo isso aconteceu em 1973. Para sua própria segurança, Guillermo Torres renunciou à empresa. Ele teve sorte de ser rapidamente contratado como Chefe de Vendas na filial colombiana de uma empresa sueca. Ao aceitar esse novo emprego, ele exigiu uma garantia de que nunca seria solicitado a dar ou receber comissões ilegais.

Outros tiveram menos sorte, não escapando dos dois grandes flagelos da Colômbia, a máfia das drogas e os movimentos guerrilheiros. José Raquel Mercado era um homem muito popular de raça mista. Ele havia sido um trabalhador portuário, depois um trompetista profissional. Como presidente do sindicato colombiano mais antigo e na época mais importante, ele havia, como muitos sindicalistas militantes, participado de reuniões em Caux durante conferências da OIT em Genebra. Essas reuniões tiveram um efeito profundo sobre ele, que ele não escondeu. Ele queria compartilhar com seus companheiros nos portos o que havia encontrado. Ele mostrou o filme feito pelos trabalhadores portuários do Rio nos portos de Cartagena e Barranquilla. No entanto, um dia ele foi sequestrado por guerrilheiros do infame movimento insurrecional M19. Ele foi mantido em cativeiro por eles por vários meses, durante os quais seus carcereiros o fizeram escrever cartas ao governo exigindo concessões para os trabalhadores. Quando o presidente recusou todas as negociações, Mercado foi executado sob a alegação de ter

traído os interesses dos trabalhadores. Em 1977, seu corpo foi encontrado jogado no parque nacional no centro de Bogotá."

Os caminhos da renovação, felizmente, nem sempre são tão dramáticos. Em 1965, entre as exibições do filme "Homens do Brasil" nas fábricas de Paz del Rio, o filme foi exibido para uma turma em uma escola de meninas. Apesar de um fornecimento de energia incerto e blackout inadequado, várias das alunas ficaram fascinadas e insistiram em assistir novamente, desta vez na casa de um casal holandês, Peter e Digna Hintzen, que lhes haviam mostrado o filme. Duas delas foram convidadas para acompanhar Peter e Digna para uma reunião internacional do Movimento de Rearmamento Moral nos Estados Unidos. Uma das duas, Patrícia Samper, concordou em ir. Alguns anos depois, ela apresentou os Hintzens a um padre cego, o Padre Miguel Triana, iniciador da ACMI (Ação Católica de Independentes), cujo objetivo era ajudar os da classe dominante a viver um cristianismo diário. Ele, por sua vez, convidou os Hintzens para falar em uma de suas reuniões para casais. "Meu problema", disse ele a eles, "é que apenas as mulheres vêm às minhas reuniões. Precisamos ter os homens. Vocês não falam apenas sobre Deus; também falam sobre o mundo. Isso fará os homens virem". E eles vieram.

A outra aluna, que havia recusado o convite para ir aos Estados Unidos, era Blanca Torres. Ela sentiu que não seria honesto ir com uma atitude superficial, onde poderia se deparar com compromissos além do que ela sentia que poderia assumir. Muito tempo depois, agora casada como Blanca Torres de Aparício, ela foi para a Holanda com o marido, transferido para lá pela companhia de navegação para qual trabalhava. Ela encontrou os Hintzens novamente e decidiu viver uma vida direcionada por um tempo diário de quietude pela manhã. Um dia ela disse a eles: "Eu conheço uma família na Colômbia que poderia fazer o tipo de trabalho que vocês fazem - Marta e Alfonso". Ela nunca mencionou o sobrenome deles.

De volta em Bogotá, ela visitou Alfonso e Marta Rueda e, sem muita explicação, contou-lhes o pensamento que teve. Eles eram católicos comprometidos, ambos trabalhando, ele como cardiologista e ela como professora, e tinham nove filhos. No início, eles não responderam. Quando perceberam que Marta estava pedindo um compromisso com Deus e não com uma organização, decidiram tentar. Eles enviaram convites para um encontro em um centro de retiro pertencente a um movimento francês situado em um lugar maravilhoso em Zipaquirá, a quarenta quilômetros de Bogotá. Eles tiveram poucas respostas. No ano seguinte, tentaram novamente, desta vez com mais sucesso. Esses encontros continuaram por mais de dez anos. A presença fiel do padre Triana foi de grande ajuda para eles. Posteriormente, eles continuaram esses encontros na cidade ou em bairros vizinhos, onde eram mais acessíveis a outras pessoas.

Uma das primeiras a ser afetada por essas reuniões foi a própria Marta. "A mudança começou para mim quando me ajoelhei e disse a Deus: 'Aqui estou, quero fazer a Sua vontade'. Fumante inveterada, ela não tinha intenção de desistir. Mas então ela pensou em seu filho mais velho, caloroso, mas cínico e agnóstico. Se ele pudesse vê-la desistir do hábito que a aprisionava, ficaria claro que apenas uma força superior poderia tê-la libertado. Ela também descobriu que agora estava conseguindo resolver problemas que tinha há muito tempo sobre como organizar seu tempo. Anteriormente, ela estava

dividida entre as necessidades de seus filhos, seu trabalho como professora e seus estudos. Agora, ela estava encontrando tempo extra para atender às necessidades dos moradores de favelas. Ela e seu marido souberam um dia sobre uma favela de Bogotá batizada com o nome de João Paulo II, onde um número de crianças havia perecido em um incêndio que havia destruído seus barracos. Suas mães as haviam deixado amarradas a pernas de mesa quando saíram para trabalhar. Marta e seu marido se envolveram. A iniciativa deles permitiu a construção de um centro social e uma creche.

Em 1984, uma mulher participou do segundo encontro em Zipaquirá. Ela havia trabalhado no escritório do Presidente da República como Diretora Geral para a Integração da classe trabalhadora, lidando com os problemas das favelas nas principais vinte e cinco cidades do país. Formada em Direito, com experiência como juíza e advogada qualificada, ela havia se envolvido muito em questões comunitárias e sociais e, mais tarde, na política como membro do parlamento. Após dois anos, Heyde Maria Durán de Lopez desistiu da política, cansada e desapontada por não receber mais apoio em seus esforços. Ela voltou aos seus estudos como advogada.

Aos dezoito anos, seguindo uma educação rígida e costumeira na época para pessoas de sua origem, ela se casou com um médico dez anos mais velho que ela. Ele já havia vivido muito e o casamento foi terrível. Depois de sete rompimentos sucessivos e reconciliações, ela deixou o marido e estava criando seu filho e duas filhas sozinha. Para as crianças o sofrimento maior foram as batalhas familiares tumultuosas.

Um dia, levando seu filho para visitar seu professor de alemão, Heyde Durán ouviu o que Alfonso e Marta Rueda estavam fazendo e entrou em contato com eles. Logo depois, eles a convidaram para o evento em Zipaquirá. Enquanto ouvia o Padre Triana, toda sua revolta contra uma Igreja que condenava o divórcio e proibia o segundo casamento cresceu dentro dela. Ela falou sobre isso com o padre responsável pelo Centro de Zipaquirá. Depois de uma longa conversa com ele, ela voltou para casa mais em paz. Será que ela não carregava a principal responsabilidade por seus erros? Reconciliada com sua igreja, ela decidiu que também deveria se reconciliar com seus adversários políticos. "Eu nutria minha amargura como se desse água a uma planta, dia após dia. Então eu parei e a amargura murchou". Então ela disse a si mesma que deveria fazer o mesmo com seu ex-marido, agora casado novamente. Este parecia a ela o obstáculo mais difícil. No entanto, um pouco mais tarde, quando ele veio a Bogotá para ver uma de suas filhas, ela se surpreendeu ao perceber, ao abrir a porta para ele, que seu ressentimento havia desaparecido e que ela podia conversar com ele novamente sobre o futuro das crianças.

Uma visita ao Brasil e o Sítio em Petrópolis foram um incentivo para Heyde Durán expandir suas atividades. Após uma mudança na constituição colombiana, a Igreja Católica perdeu o monopólio sobre a educação religiosa e moral. Isso se tornou opcional e temia-se que, para economizar dinheiro, pudesse desaparecer de muitas instituições educacionais. Um grupo de pessoas se reuniu em torno de Heyde e Marta Rueda. Em cooperação com outros grupos, eles buscaram impedir que isso acontecesse, promovendo o desenvolvimento de forças morais e espirituais de base. No nível político, eles fizeram campanha para que a educação moral fosse reintegrada na Constituição do país como um objetivo da educação pública. Eles também estavam se envolvendo com

outras organizações não-governamentais que promoviam a paz em um país onde o nível de violência superava todos os registros, particularmente por meio de uma associação de mulheres pela paz (CREAPAZ) e uma rede de paz (Red de Paz).

Heyde Duran veio de Palmira, uma cidade com cerca de 300.000 habitantes. Ela foi ver o prefeito da cidade e contou a ele sobre sua experiência e seu desejo de criar um mundo livre de ódio, inveja e corrupção. Ele e seus colegas deram-lhe uma calorosa recepção e, como resultado, reuniões patrocinadas pelo município foram organizadas em 1994 e 1995 no esplêndido centro de lazer "Parque de Azucar". Entre os participantes estavam estudantes envolvidos em trabalho social. Também perto de Palmira, no vale do Cauca, fica a segunda cidade da Colômbia, Cali, um centro de drogas ilícitas. Aqui, em 1995, uma iniciativa similar apoiada pelo Governador Regional e o Prefeito foi empreendida por um comitê local. Eles se reuniam mensalmente para explorar maneiras de trazer respostas às tensões urbanas e aos jovens criminosos.

Naquela região havia cerca de quarenta "Parques" (centros de lazer) - lugares de relaxamento com instalações para atividades culturais, esportivas e familiares. Os gerentes desses centros ficaram interessados e inspirados pelo que estava sendo desenvolvido - talvez algo pequeno no contexto da disseminação de cocaína e outras drogas narcóticas e dos esforços já realizados pelas autoridades públicas. Sempre em segundo plano estava a crítica dos norte-americanos com suas demandas por uma repressão mais radical.

O que alguém pode fazer de valor duradouro, diante da violência e corrupção? A esperança surge quando homens e mulheres avançam, determinados a não serem absorvidos pelo sistema, com a limpeza de seu país como prioridade absoluta.

Assim como os trabalhadores portuários do Rio e os estudantes de San Marcos, Heyde Durán não foi limitada pelas fronteiras nacionais. Durante um congresso de mulheres hispano-americanas na Espanha em outubro de 1994, ela conheceu duas paraguaias e as levou para uma reunião no Sítio em Petrópolis. Elas saíram entusiasmadas e convidaram outras mulheres que conheceram no congresso para compartilhar suas convicções em um evento no Paraguai. Isso aconteceu no Dia Internacional da Mulher de 1995 em Ciudad del Este, e elas voltaram no ano seguinte a Asunción. Nesse país - um dos mais "machistas" na cultura latina - foram as mulheres que deram evidências de um novo espírito por meio de reuniões públicas, Rotary Clubs e na TV.

CAPÍTULO 11

O Arcebispo de Salvador na Bahia

Em julho de 1962, o governador do estado da Bahia deu uma recepção calorosa à missão que acompanhou 'El Condor'. Isso não havia sido por acaso. Durante a primeira semana de julho, o Estado comemora sua libertação em 1823, consequência direta da destruição de uma frota imperial portuguesa pelo almirante britânico Lord Thomas Cochrane ao largo da costa de Salvador. O último foco de resistência portuguesa foi assim eliminado e a independência do Brasil, que havia sido declarada no ano anterior, foi completada. Lord Cochrane ficou conhecido como Libertador do Brasil, tendo já participado da libertação da Argentina, Chile e Peru. Não surpreendentemente, seu prestígio repercutiu em membros de sua família que visitaram mais tarde a América do Sul, o que foi o caso quando sua bisneta Suzanne e seu marido David Howell, ambos escoceses, visitaram Salvador na Bahia com a missão em 1962.

Em 1973, os Howells receberam um convite especial do governador para as celebrações do 150º aniversário da independência do estado da Bahia. Leonardo Lima, um dos iniciadores das mudanças que ocorreram no porto do Rio (veja capítulo 3), era natural da Bahia e conhecia os Howells. Ele deixou seus amigos na Bahia saberem de sua visita e um de seus parentes, Antônio Rodrigues, foi convidado a cuidar deles.

Com quarenta anos, a vida de Rodrigues tinha sido caótica. Um mês após seu nascimento, seu pai morreu de tuberculose. Alguns meses depois, sua mãe contraiu a doença e a criança teve que ser separada dela, mas os avós se recusaram a cuidar dele com medo de contágio. Ele foi finalmente acolhido por uma mulher de recursos muito limitados, enquanto sua irmã mais velha foi enviada para outra família. Aos catorze anos, ele já trabalhava para um jornal e se mudou para o Rio. Quando tinha dezessete anos, um capitão da marinha mercante ofereceu-lhe um emprego em seu navio, que Antônio aceitou. Por três anos, ele viajou pelo mundo. Uma lembrança duradoura foi ter sido expulso de um café na África do Sul por causa de sua cor. Ao retornar, um amigo o inscreveu em campanhas eleitorais e Rodrigues ficou fascinado pela política. Mas a tomada do poder pelos militares em 1964 acabou com as eleições. Rodrigues voltou para Salvador e começou a trabalhar como contador, cuidando das contas de um negócio. Em 1969, ele se casou e uma filha nasceu. Dois anos depois, o glaucoma o obrigou a se aposentar com uma pensão de invalidez mínima.

Rodrigues sentia-se desconectado do mundo, sem esperança, injustiçado, inativo e sem valor. Ele afundou em amargura. Incapaz de se estabelecer, passava dias e noites em bares. Quando nasceu sua segunda filha, a vida familiar estava em completo caos. Seu sogro, em cuja casa moravam, tornou-se seu inimigo declarado.

Sem ocupação, às vezes passava tempo com Leonardo Lima quando este estava de folga em Salvador. Ele tinha uma vaga consciência da mudança no estilo de vida de Leonardo, mas quando Leonardo voltava para o Rio, Rodrigues voltava a seus hábitos decadentes. No entanto, ele estava pronto para agir como guia e escolta para os dois visitantes escoceses, mas ficou chateado ao descobrir que, vindo da terra do uísque, eles nunca beberam uma gota. Ele se conteve enquanto aguardava a partida deles, quando

poderia retomar seus hábitos. Finalmente, ao se despedir no aeroporto, David Howell, que havia percebido sua fraqueza, simplesmente disse: "Antônio, cuide de si mesmo". Rodrigues sentiu como se tivesse levado uma facada no coração. Ele de repente começou a ver o dano causado por seu estilo de vida. Ele mudou radicalmente e se tornou um milagre vivo.

Seguiu-se uma onda de reconciliações. O primeiro passo foi restabelecer a unidade em casa e pedir ajuda à sua esposa para manter sua nova decisão. Então ele foi procurar um padre, Gaspar Sadoc, a quem ele havia odiado. Sadoc, como Rodrigues, era negro e Rodrigues o considerava um traidor da causa negra por ter se integrado a um clero amplamente dominado por brancos. Os dois homens começaram a trabalhar juntos em diferentes grupos e paróquias. No ano seguinte, os Howells retornaram com outras pessoas da Grã-Bretanha, entre eles um estivador que contou como fez as pazes com seu sogro. Ao ouvir isso, o orgulho de Rodrigues foi tocado. No começo, ele resistiu ao que passou pela sua mente ao perceber o que deveria fazer. O pedido de desculpas que ele eventualmente fez ao seu sogro não recebeu uma resposta imediata, mas no final os dois homens se tornaram amigos próximos.

Depois foi a vez de sua irmã Jandira e seu marido. Rodrigues havia brigado com o marido dela quando moravam juntos - e não sem razão. Rodrigues tinha o hábito, quando faltava dinheiro, de simplesmente pegar sem pedir. Desde então, os dois homens não haviam mais falado um com o outro. Ele foi encontrar o cunhado para se desculpar e pedir perdão. Em seguida, ele levou Jandira para ver seus avós paternos - aqueles que haviam se recusado a aceitá-los antes. Jandira havia rompido completamente com eles, ao ponto de, contrariando o costume local, abrir mão do sobrenome de solteira quando se casou e esconder suas origens familiares de seus filhos. Ela caiu nos braços de sua avó, agora uma senhora de noventa e dois anos.

Gaspar Sadoc queria colocar Rodrigues em contato com o Padre Osmar Valeriano Ribeiro, Decano da Catedral de Salvador. A Catedral ficava no coração da cidade, conhecida por ser uma área especialmente de má reputação. O Padre Ribeiro estava envolvido em importante trabalho evangelístico ali entre aqueles rejeitados pela sociedade - bandidos armados, prostitutas, homossexuais. Muitos achavam que ele se envolveu demais e seus críticos não ficaram impressionados quando ele organizou um presépio vivo incluindo mulheres em reabilitação, tendo o papel de Maria, Mãe de Cristo, interpretado por uma ex-prostituta.

Desde o início de seu ministério religioso, o Padre Ribeiro se envolveu com crianças de rua, abandonadas e deixadas à própria sorte. As tentativas repetidas de estabelecer refeitórios onde elas pudessem ter refeições regulares foram perturbadas pela rebeldia e vandalismo. Eles bagunçaram tudo, quebraram janelas e móveis. No início dos anos 1980, com a ajuda de um padre italiano, Ribeiro tentou mais uma vez um esquema para integrar as crianças na educação ou aprendizado de ofícios e, se possível, reintegrá-las às suas famílias. O Projeto "Axé", como era conhecido, significa energia, mas também é uma palavra de saudação. Após seis anos, o projeto havia alcançado 3.000 crianças, mais de um quarto das quais haviam conseguido emprego. Tornou-se um modelo para muitos projetos semelhantes em toda a América Latina. No entanto, também deve ser dito

que muitos desses projetos são uma ficção, estabelecidos e depois usados para subverter a generosidade dos doadores para fins egoístas.

Além desse trabalho social, Padre Ribeiro tinha inúmeras outras responsabilidades. Ele era responsável pela conservação e manutenção de uma rica herança de monumentos históricos. Ele supervisionava uma transmissão religiosa semanal, que lhe trazia uma grande quantidade de correspondências. Ele trabalhava com muitas associações e grupos, e convidava Antônio Rodrigues para falar com eles e exibir filmes do Movimento de Rearmamento Moral. E, mais importante, ele trabalhava com o Arcebispo de Salvador na Bahia, Cardeal Avelar Brandão Vilela, Primaz do Brasil e Presidente da Conferência Episcopal da América Latina.

Algum tempo antes, quando o Cardeal ainda era um Bispo, ele recebeu Luis Puig e Daniel Veras, que planejavam uma reunião pública em uma cidade em sua diocese, sobre a qual eles queriam informá-lo. Os dois visitantes contaram a ele como suas próprias vidas haviam mudado e como eles se dedicavam a levar essa mudança aos outros. O Bispo, que naquele dia estava participando de um encontro episcopal, pediu aos dois colegas que se juntassem a ele e fez com que os visitantes repetissem tudo o que haviam lhe dito. Ele também pediu por qualquer documentação que pudessem lhe dar. Agradecendo-lhes por virem, pediu-lhes que o vissem novamente sempre que retornassem à sua diocese. No entanto, ele foi então nomeado Arcebispo e o contato foi perdido.

Em 1978, Leonardo Lima e Antônio Rodrigues foram convidados pelo Padre Oscar Ribeiro para mostrar o filme "Homens do Brasil" em um retiro para um grupo de pessoas da igreja. Alguns meses depois, ao saberem que estavam planejando organizar uma série de eventos em Salvador na Bahia, o Cardeal Vilela se ofereceu para falar na reunião de abertura. Ele também pediu ao Padre Ribeiro que alugasse o maior teatro da cidade para o evento de encerramento, onde, em 11 de março de 1979, diante de 700 pessoas, ele celebrou um culto ecumênico, convidando o ministro presbiteriano para compartilhar a liderança.

Entre os organizadores daquela época estava uma jovem filipina, Alice Cardel. Ela tinha vindo trabalhar com a equipe baseada no Sítio São Luiz, Petrópolis. Em sua chegada a Salvador, ela foi dar seus cumprimentos ao Cardeal, que a recebeu calorosamente, apresentando-a a todos ao seu redor e pedindo que ela se considerasse "como sua filha".

Ela ainda estava em Salvador quando professores da Universidade Católica, apoiados pelos alunos, entraram em greve por causa de um desacordo com o Reitor. Alice teve a sensação de que deveria tentar intervir. Ela pediu para ver o Cardeal, mas seu secretariado a bloqueou. "Diga a ele que é sua filha, e eu só quero um minuto". Ela foi autorizada a vê-lo.

"As discussões vão ser difíceis", disse o Cardeal. "Tudo o que você pode fazer é rezar por nós".

"Se eu sentir que Deus está me pedindo para fazer algo pela Universidade, você me dará sua bênção?"

"A situação é delicada. Mas eu abençoarei qualquer iniciativa que Deus queira."

"Obrigada. É só isso. Eu prometi levar apenas um minuto", concluiu Alice.

Alice e seus amigos começaram a se encontrar com estudantes e professores. Estes últimos reclamaram que o Reitor rejeitava todas as suas sugestões. Então, Alice teve uma ideia: "Convidar o Reitor para uma refeição filipina". A única maneira de encontrá-lo era ir a uma Missa Católica que ele celebrava em um hospital às 5:00 da manhã. O Reitor ficou surpreso ao ver um grupo desconhecido, incluindo vários estrangeiros, participando da missa tão cedo. Ele ficou ainda mais surpreso ao ver um grupo de pessoas que ele não conhecia se importando o suficiente para convidá-lo para uma refeição, em um momento em que ele estava sendo duramente atacado e criticado. Ele aceitou e uma data foi marcada. O dia chegou e, no final da tarde, o Reitor estava em uma reunião com o Cardeal. "Eu tenho que ir logo", disse ele, "para um jantar filipino". "Vá, vá! Não vou segurá-lo".

Alice havia convidado vários professores e alunos para se juntar a ela com o reitor, sem contar a ninguém quem mais estaria presente. Durante o jantar, a conversa tocou em questões controversas e cada um pôde expressar seu ponto de vista. A cortesia imposta por um convite tão amigável impediu que as coisas se transformassem em uma confrontação brutal. Depois do jantar, Alice mostrou o filme contando a história dos estivadores do Rio. Então, os convidados foram embora.

Dois dias depois, a imprensa anunciou o fim do conflito. O que aconteceu? O jantar conseguiu alguma coisa? Tudo o que se sabe é que no dia seguinte, o Cardeal, que havia presidido as negociações, observou uma mudança de atmosfera ao redor da mesa e uma atitude mais aberta, especialmente por parte do reitor. Quando Alice retornou para ver o prelado, ela o encontrou cercado por jornalistas. Ele a apresentou a eles, dando a ela o crédito pelo sucesso do resultado. Os jornalistas, então, ofereceram a Alice e seus amigos uma transmissão de rádio de duas horas, incluindo perguntas de ouvintes. Um grupo de visitantes estrangeiros falando português, com coisas interessantes para dizer, não era algo comum para a rádio local!

Alice retornou várias vezes a Salvador e visitava o Cardeal/Arcebispo. Ela ficou com uma amiga cuja irmã administrava uma casa de correção para mulheres delinquentes jovens. Era uma tarefa exaustiva lidar com meninas em permanente rebelião. O Cardeal estava ciente da situação. Seria possível corrigi-la? Alice, que havia vindo dessa vez com uma companheira japonesa, pensou que deveria tentar, mas a primeira visita foi malsucedida. Trinta e oito meninas fechadas atrás de uma barreira saudaram as estranhas com uma série de apitos. Uma delas em particular era a líder, Jaciara. Ela havia matado o marido com o qual foi forçada a se casar, havia se entregado às drogas e, para conseguir dinheiro, recorria a assaltos armados. Inesperadamente, ela anunciou: "Eu quero que essas pessoas voltem". "Por que alguém iria querer voltar se você vai causar tanta agitação?" disse Alice. Jaciara afirmou sua autoridade - um apito foi suficiente para calar todo mundo.

Meia dúzia de visitas se seguiram e Jaciara começou a usar seu tempo de detenção para se olhar por dentro e ouvir sua voz interior. Outras detentas tentavam roubar

comida, mas Jaciara as pegou no flagra, mas em vez de bater nelas, ela parou. Ela mesma não traficava maconha? No dia seguinte, ela confessou isso à diretora da prisão. Então, um dia, ela convidou Alice de volta para sua cela. No corredor, Alice de repente pensou - ela vai me fazer de refém. Ela parou, admitiu que estava com medo e disse por quê. "Como você sabia que eu estava pensando isso?" respondeu Jaciara. Ela mostrou a Alice um pequeno quadrado limpo na parede de sua cela, onde, até então, ela mantinha o retrato de um bandido que era seu herói. Este espaço vazio era um lembrete de que ela agora queria seguir um mestre diferente.

As detentas conseguiram negociar por uma comida melhor. Uma amiga de Alice em Salvador convidou três delas para sua casa para conhecer outras mulheres. Elas vieram vestidas com roupas civis acompanhadas por um guarda. Depois, Jaciara foi liberada sob liberdade condicional antecipada. Ela conseguiu alugar um lugar onde recebia outras detentas quando eram libertadas.

Depois do que havia acontecido naquela casa de correção, Alice recebeu pedidos de outras prisões, mas eles não levaram a nada. A conclusão de Alice foi que esses pedidos posteriores não foram orientados por Deus da maneira como ela sentiu que o primeiro tinha sido.

Quando o Arcebispo morreu, ele foi substituído por Dom Lucas Moreira Neves. Ele, por sua vez, logo foi nomeado Cardeal. O Padre Osmar Ribeiro e Antônio Rodrigues queriam contar a ele sobre todas as atividades que seu antecessor havia apoiado tão generosamente. Eles sugeriram que um pequeno grupo pudesse ir e conversar com ele. No entanto, ele pediu que fosse apenas uma pessoa. Ele recebeu Luis Puig juntamente com o Padre Ribeiro. O Cardeal questionou Puig sobre sua própria vida e o que o havia atraído para esse movimento. A entrevista durou além do tempo previsto, terminando de maneira muito positiva. O Cardeal disse: "Não posso fazer menos que meu antecessor. As portas do Arcebispado estão sempre abertas para você". E ao Padre Ribeiro: "Quando essas pessoas vierem a Salvador, elas devem vir e me ver. Conto com você para providenciar isso". Mais tarde, Dom Lucas tornou-se Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Ele cumpriu sua palavra quando uma campanha por eleições limpas foi lançada em todo o país. O Padre Ribeiro participou ativamente, apoiado pela estação de rádio católica local.

CAPÍTULO 12

Os vendedores de rua e os motoristas de táxi do Rio

Já se passaram quinze anos desde a grande greve dos trabalhadores dos bondes do Rio liderada por José Veras. As linhas de bonde desapareceram, substituídas por ônibus, exceto por uma rota, agora uma atração turística. Em 1970, José trabalhava no depósito de ônibus de Nova Iguaçu, nos subúrbios da cidade. Enquanto isso, Antônio Falcão, cuja saúde foi afetada por todas as suas lutas, havia se estabelecido no Rio com sua esposa e filhos. Ele frequentemente visitava José em seu terminal periférico situado em uma área afetada pelo desemprego, muitos de seus habitantes sendo trabalhadores rurais sem qualificação tentando ganhar a vida como pequenos comerciantes de rua. Os dois homens notaram um dos comerciantes, Everardo, que parecia ser um de seus porta-vozes. Os dois homens o conheceram e descobriram como ele vivia. Eles entenderam sua pobreza quando visitaram o barraco em que seus oito filhos estavam apertados. A quantia miserável de dinheiro que Everardo ganhava evaporava em fumaça de cigarro, bebida e no popular jogo de azar chamado "jogo de bicho", onde cada número está ligado ao nome de um animal em que os jogadores podem apostar.

José convidou seu novo amigo para sua casa e contou-lhe simplesmente tudo o que havia acontecido com sua família desde que ele havia visitado a Suíça. Pouco a pouco, Everardo se abriu. Um dia, ele permitiu ser levado ao Sítio São Luiz, onde decidiu parar de beber e jogar. Houve um efeito imediato no padrão de vida da família. Logo, quando ele vinha conversar com Antônio ou José, ele trazia amigos. Mas o Brasil estava então sob um regime militar. Qualquer reunião era vista como o início de um complô, então para se encontrarem, tinham que encontrar um lugar mais discreto do que a estrada pública. Havia um salão da igreja no bairro, e o padre se juntou às reuniões. Quando Everardo contou sobre as decisões que havia tomado no Sítio, seus amigos se divertiram ao ver o padre constrangido com seu cigarro. Um dia, a polícia invadiu. Eles estavam desconfiados do que estava acontecendo. Todos os participantes deveriam se apresentar na delegacia. Por acaso, um general do exército estava com o grupo naquele dia. Sua presença resolveu a questão!

Além das mudanças pessoais na vida das pessoas, essas reuniões levaram a decisões coletivas - por exemplo, os comerciantes se juntaram para combinar a compra de bens que venderiam mais tarde. Então, eles substituíram as sacolas para transportar mercadorias por pequenos carrinhos, e suas mercadorias foram mais bem exibidas. Seu rendimento foi positivamente afetado.

No meio da década de 1970, esse espírito contagiante se espalhou entre os motoristas de táxi, naquela época muito insatisfeitos com a sua situação. Todas as manhãs eles eram obrigados a pagar uma quantia fixa ao proprietário do veículo, independentemente do número de passageiros que pudessem transportar durante o dia. Muitas vezes, a noite chegava sem que essa quantia fosse ganha, e eles tinham que entregar o veículo. Apesar de suas habilidades, desviando-se do tráfego denso e obstáculos, eles eram um perigo público, exaustos após longas horas de trabalho. E seus clientes não estavam satisfeitos. Não era incomum que uma viagem fosse recusada -

muito curta e não haveria lucro - ou um motorista poderia alongar uma viagem deliberadamente quando parecia claro que o passageiro não estava familiarizado com a cidade.

Instigados por um dos seus, Ney Vargas de Oliveira, cerca de trinta motoristas decidiram estabelecer uma cooperativa e elaborar os regulamentos eles mesmos. Eles buscaram conselhos de Herondines Saraiva de Carvalho, presidente do sindicato dos marceneiros do Estado do Rio e especialista na constituição de cooperativas. Herondines havia sido influenciado por José Veras e Luiz Pereira. No ano anterior, ele havia organizado um seminário sindical para disseminar o espírito que seus dois amigos lhe haviam passado. "Seu projeto não está de acordo com os regulamentos", disse ele aos motoristas de táxi, "e vocês conhecem a reputação das cooperativas em nosso país: um ninho de corrupção. Seria bom adotar uma política ética forte". Impressionado pela sinceridade dos questionadores, não apenas em seu desejo de escapar da exploração a que estavam sujeitos, mas também em seu desejo de estabelecer um negócio que pudesse servir de modelo, ele concordou, sem cobrar, em rever seus estatutos e introduzir alguns princípios orientadores. Uma vez que os motoristas estavam munidos dos estatutos revisados, eles pediram a Herondines que organizasse uma reunião de treinamento mensal para os membros da nova cooperativa. Aqueles que faltassem à reunião por três meses seguidos seriam removidos da cooperativa. Para obter o benefício da ajuda financeira do Banco de Crédito Cooperativo, eles tiveram que depositar seus estatutos no INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Quando o representante deste órgão viu as condições às quais os motoristas estavam dispostos a se submeter, ele ficou entusiasmado.

A cooperativa de táxis 'Só Taxi' acabou por agrupar quatrocentos motoristas. Cada um deles tinha que pagar uma quantia inicial de 400 cruzeiros e uma porcentagem mensal dos seus rendimentos. Os táxis eram de propriedade da cooperativa e eram renovados a cada dois anos. As reuniões mensais, fixadas em um sábado para permitir que as famílias viessem, eram realizadas no escritório do sindicato dos marceneiros local. A sala estava sempre cheia.

Apesar de um início promissor, a 'Só-Taxi' não durou devido a erros de gestão e fraquezas em algumas das pessoas responsáveis. Uma segunda tentativa também fracassou depois que políticos tentaram explorá-la para seus próprios fins. Mas uma terceira teve sucesso.

Isso se deveu a um homem, Americo Martorelli, um motorista que havia participado das tentativas anteriores. Em uma das reuniões de treinamento para uma tentativa anterior, homens do Sítio em Petrópolis foram convidados, entre eles Luis Puig. Ele notou Martorelli, que era um pouco sem graça e desanimado, reconhecendo também seu sotaque. No ponto de ônibus após a reunião, ele abordou Martorelli, falando em italiano.

"Ah, você fala a minha língua!" respondeu Americo.

"E você, de onde você vem?"

"De Belvedere Marina, uma pequena vila no Adriático".

"Eu já estive lá".

"Não, não pode ser verdade!"

Puig descreveu o lugar com sua igreja, depois perguntou a Martorelli como ele havia vindo para o Brasil. Americo então contou sua história de vida enquanto os ônibus passavam. Confortável financeiramente, ele gerenciou mal seus negócios, as coisas pioraram e ele perdeu tudo. Ele começou a beber e se divertir, e sua vida desmoronou. Ele tornou infeliz sua esposa, uma italiana que ele havia conhecido no Brasil e adorava. Seus quatro filhos sofriam com sua brutalidade.

"O que você pode pensar de mim depois de tudo o que eu te disse?" perguntou Americo a Puig.

"Que Deus tem um plano para você", foi a resposta.

Americo ficou de olhos arregalados e surpreso, e os dois homens se separaram. Chegando em casa tarde, Americo acordou sua esposa, Carmela:

"Sabe, seu marido é um homem diferente agora!"

"Você está bêbado".

"Não, eu encontrei uma nova vida!"

"Quer dizer que você encontrou um novo emprego e não precisará mais dirigir esses malditos táxis?"

"Não, não. Deus tem um plano para mim e eu pretendo mudar minha vida!"

Pouco a pouco, essa mudança se tornou perceptível. Americo anunciou que pararia de beber, uma promessa que não era nova e deixou Carmela cética. Mas desta vez ele cumpriu sua palavra. Fumante pesado, ele também parou de fumar de uma maneira igualmente súbita e duradoura. Mas isso não pôs fim às suas discussões, e a vida não se tornou diferente da maneira que Carmela esperava. "Eu também preciso ser diferente de alguma forma", ela pensou consigo mesma. Sentados, lado a lado em uma praia do Rio, eles encontraram coragem para contar a verdade sobre suas vidas e sentimentos. "Não foi fácil", lembra Carmela. "Depois ficamos em silêncio por quase meia hora. Então ele me levou ao cinema. Não saíamos juntos há anos."

Após o fracasso das cooperativas anteriores, Americo Martorelli se recusou a deixar as coisas por isso mesmo. Tomando seus estatutos originais como inspiração, ele, por sua vez, criou uma cooperativa baseada em padrões morais absolutos (Cooperativa de Trabalho em Taxi e Transportes com Padrões Absolutos). Limpeza, precisão e preço justo estavam entre as regras adotadas pelos membros. Os motoristas foram colocados sob a vigilância de seus pares, representados em um comitê de ética e disciplina. Um cliente insatisfeito poderia apresentar uma reclamação ao conselho, que tinha o poder de dar um aviso, uma suspensão ou até mesmo uma expulsão. Os motoristas estavam cientes de que sua imagem era tão ruim naquela época que as pessoas, especialmente as mulheres, temiam pegar um táxi. Eles perceberam que seu sustento só poderia melhorar se oferecessem um melhor serviço a seus clientes. Ao mesmo tempo, eles melhorariam a imagem de seu país com estrangeiros que chegam ao Rio, para quem um táxi muitas vezes era o primeiro contato com o Brasil.

Será que aqueles que teorizam sobre a ajuda a países em desenvolvimento ou que patrocinam fundos para promover o turismo percebem que a responsabilidade assumida pelos habitantes locais é um ingrediente chave para o desenvolvimento? Americo relata como, durante uma greve de ônibus, a maioria dos taxistas procurou tirar

vantagem da situação, exigindo preços inflacionados. "Quando, nessa situação, me perguntavam o custo de uma corrida, minha resposta era sempre: 'Qualquer que seja o valor registrado no taxímetro', e eles não acreditavam em mim. Até mesmo Carmela me perguntou quando eu trouxe para casa o valor usual do dia se não havia um pouco a mais. Eu lembrei a ela que tínhamos decidido trabalhar com absoluta honestidade, e ela pediu desculpas pela pergunta."

Uma nova cooperativa de táxis, Coopataxi, recebeu permissão do INCRA. Inicialmente, era uma cooperativa de consumidores, oferecendo aos motoristas a oportunidade de comprar seus veículos, comprar combustível e pagar por reparos a preços especiais, além de comprar seguros confiáveis. Um pouco mais tarde, ela foi estendida para uma cooperativa de trabalhadores. Mal preparada, essa mudança colocou as duas cooperativas em competição uma com a outra, levando a uma crise grave. Os diretores foram forçados a renunciar e depois reeleitos, apenas para serem afastados novamente, entre eles o próprio Martorelli. Foi somente por meio de sua constância que as mágoas foram deixadas de lado e a paz foi restaurada.

A resolução da crise deu um novo impulso às duas cooperativas. A partir de então, elas foram equipadas com um sistema de chamada de rádio, uma melhoria alcançada sem recorrer a subornos - graças à intervenção de um general que acreditava nos mesmos princípios morais que eles. Esses princípios se enraizaram e estabeleceram a reputação das duas cooperativas. Elas representavam apenas quinhentos dos mais de vinte mil táxis da cidade, mas serviram de exemplo para outros.

Em vez de um crescimento desenfreado em resposta à demanda, o que poderia ter levado a uma organização difícil de controlar, eles preferiram servir como modelo para os outros. Novas cooperativas foram criadas com base no mesmo princípio. Muitos motoristas não sabem de onde surgiram as regulamentações que governam seus próprios empreendimentos, mas sabem que precisam ser honestos com um desejo sincero de servir ao público, então eles aceitam regras mais rigorosas do que as impostas pelo município. Para não sofrer por comparação, todos os táxis começaram a melhorar seus padrões de serviço. As cooperativas tornaram-se cada vez mais parte da vida do Rio. Elas são consultadas sobre regras que dizem respeito a mudanças de rotas, e seus membros adquiriram um novo senso cívico. Eles demonstraram isso ao participar da campanha de eleições limpas de 1994.

CAPÍTULO 13

Os sindicalistas e os ditadores militares

O sindicalismo na América Latina foi um elemento importante de poder. Regimes autoritários, em especial, buscavam subjugar os sindicatos e utilizá-los como meio de controle. Esse foi o caso no Brasil antes e durante a Segunda Guerra Mundial, quando o presidente Getúlio Vargas estabeleceu um estilo de sindicalismo corporativo exemplificado por Mussolini na Itália e, mais tarde, por Perón na Argentina. Ao mesmo tempo, a oposição de esquerda tentava infiltrar-se nos sindicatos para seus próprios fins. Alain Touraine aponta em um livro que analisa a política e a sociedade na América Latina: “os sindicatos se definem mais em relação ao Estado do que aos empregadores, e sua ação é quase sempre subordinada aos partidos políticos sobre os quais não têm controle”.

Ditadores militares seguiram linhas diferentes nesse sentido. No Chile, o general Pinochet conseguiu dominar os sindicatos, obrigando seu apoio. No Uruguai, os militares dissolveram-nos. Em ambos os casos, líderes sindicais responsáveis estavam em situações difíceis, tanto dentro de seus próprios países quanto em suas relações com organizações internacionais.

No Chile

A Companhia de Aço do Pacífico (CAP) é a empresa industrial mais importante do Chile, envolvida em uma variedade de empreendimentos baseados em minas de minério de ferro e na indústria siderúrgica. Seu Diretor Geral, Roberto de Andraca, era estudante quando a missão que acompanhava 'O Tigre' visitou Santiago em 1961 (veja capítulo 7). Isto impactou em toda a sua vida. Também um número de líderes sindicais visitou Caux em 1974 e nos anos seguintes, quando estavam participando das sessões anuais da Organização Internacional do Trabalho em Genebra. Sindicatos da CAP estavam bem representados e havia presidentes de outras federações.

Em 1973, muitos líderes trabalhistas haviam recebido com satisfação a queda de Salvador Allende pelo general Pinochet, mesmo tendo votado nele. Houve uma divisão, alguns continuando a lidar com o novo poder militar enquanto outros foram para a oposição. Na cena internacional, a tendência era manter ambos os grupos à distância e reconhecer apenas como verdadeiros porta-vozes sindicais aqueles que haviam optado pelo exílio ou que haviam sido forçados a deixar o país. Mas Caux manteve suas portas abertas para todos. Um resultado disto foi que a gestão e o trabalho na CAP desenvolveram uma abordagem comum para enfrentar problemas durante um período de crescentes dificuldades.

O que aconteceu foi que o novo governo reduziu as tarifas alfandegárias e abriu o país ao comércio internacional. A indústria chilena, portanto, ficou exposta a uma concorrência potencialmente prejudicial. A política foi deliberada, o objetivo era eliminar bens que seriam invendáveis no exterior. As empresas foram obrigadas a enfrentar mudanças dolorosas e o desemprego aumentou em muitos setores da economia nacional.

Ao mesmo tempo, a Companhia de Aço do Pacífico (CAP), estatal, estava sendo transferida para a propriedade privada, uma mudança encorajada pela administração da empresa e acolhida pelo pessoal. Os funcionários receberam uma grande proporção das ações na nova empresa. Dos 10.000 funcionários assalariados, três quartos se tornaram acionistas. Com o controle de 36% do capital, eles poderiam nomear três dos sete administradores no conselho da empresa. A qualidade dos relacionamentos dentro do grupo definitivamente contribuiu para superar um duplo desafio sem agitação indevida. Naquelas minas e oficinas onde a produção teve que ser interrompida, foram estabelecidos processos de requalificação para os funcionários afetados e foram concedidos pagamentos de compensação para aqueles que não puderam encontrar trabalho. Esses benefícios, obtidos por meio de negociação construtiva, foram melhores do que o que aconteceu em outros setores do país.

Apesar das dificuldades, a CAP era competitiva com as vendas de produtos penetrando no mercado japonês. A privatização levou à diversificação - valiosa particularmente em relação a outros metais (manganês e ouro), também em silvicultura e indústria madeireira, construção de casas e pesca. Em vez de acumular perdas como no passado, a empresa privatizada era lucrativa, com dividendos distribuídos aos seus funcionários acionistas e novos empregos criados. Nenhuma obstrução foi colocada no caminho disso por ação sindical, mesmo daqueles que eram contra o regime político do Chile. Em algumas ocasiões, essa oposição realizava manifestações, como ocorreu em um local ameaçado de fechamento no norte do país. Pinochet, visitando o local, foi recebido com as palavras dos gladiadores romanos: "Morituri te salutant" ("Nós, que estamos prestes a morrer, saudamos você"). Foi o fim da ameaça de fechamento!

CAP tinha um sistema de bolsas que permitia aos funcionários estudarem e adquirirem experiência no exterior. O impacto positivo que Caux teve em alguns indivíduos levou à criação de bolsas de estudo para aqueles que quisessem ir a Caux. Se a influência de Caux tivesse apenas levado a uma melhoria nas relações entre empregadores e trabalhadores, os sindicatos teriam temido uma diminuição de seu poder. No entanto, muitas vezes era relevante na resolução de conflitos dentro dos próprios sindicatos, por exemplo, na solução de diferenças entre representantes dos diferentes ofícios. A continuidade da experiência vivida, afetando a vida cotidiana, era semelhante ao que os trabalhadores portuários do Rio haviam vivido anteriormente.

Os participantes de um evento de três dias em março de 1985 em Los Andes, a 80 km ao norte de Santiago, nunca esqueceram a cadeia de reconciliações devido em parte a um camarada uruguaio, Lino Cortizo Vásquez, que veio especialmente para o encontro.

No Uruguai

Lino Cortizo passou por experiências paralelas e conheceu pessoalmente as dificuldades que os sindicalistas enfrentam sob governos ditatoriais, com falta de compreensão por parte de entidades internacionais. Ele foi militante estudantil e, sempre socialista, liderou o sindicato no principal hospital do país onde trabalhava. Mais tarde,

tornou-se um dos líderes e depois presidente de uma federação de trabalhadores no Uruguai afiliada à Confederação Internacional de Sindicatos Livres (ICFTU) através do ramo regional da Confederação Sindical das Américas (ORIT). Por trinta e cinco anos, ele foi membro do comitê executivo da ORIT. Nessa posição, ele se confrontou com confederações cristãs, comunistas e peronistas, que acusaram sua organização de ser "amarela" e "vendida ao imperialismo americano". Lino Cortizo era marxista e antirreligioso, mas era contra o comunismo. Essa combinação de pontos de vista o levou a conflitos com sindicatos cristãos, acusando-os de se deixarem manipular pelos comunistas.

Surge uma questão em relação ao próprio sindicato de Cortizo. Quando os militares tomaram o poder em Montevideo, eles dissolveram os sindicatos. Cortizo levou seu sindicato para a clandestinidade. Algum tempo depois, a ICFTU pediu a ele para desafiar o governo e relançar sua organização publicamente, garantindo que ele seria apoiado financeiramente e afirmando seu apoio. Ele fez isso. Os militares decidiram não reagir, o que encorajou outros sindicatos a seguir o exemplo. Pouco depois, os dois sindicatos mais militantes, a "Plenária Intersindical de Trabalhadores" e a "Convenção Nacional de Trabalhadores" (PIT-CNT), se uniram e, assim, passaram a representar a maioria da força de trabalho. A ICFTU decidiu apoiar o novo corpo combinado, ao mesmo tempo em que retirou seu apoio à Confederação de Cortizo. Ele se sentiu traído.

No entanto, ele manteve contato com seu compatriota Oscar Alaniz, que, com outros, conseguiu reacender seu espírito, permitindo que ele superasse seu senso de rejeição e contribuísse para a redução das rivalidades entre as diferentes organizações sindicais. Após uma longa disputa, ele encontrou a maneira de fazer as pazes com os líderes da Confederação Cristã, primeiro em nível local e depois internacional, e mais tarde com o líder do PIT-CNT, José d'Elia. Muito depois, ele se reconciliou com o Chefe do Escritório Central da ICFTU, contra quem ele se ressentia em razão do resultado da traição anterior.

Enquanto isso, a união foi restaurada em sua casa, e depois de um ano de separação, ele voltou a viver com sua esposa, uma católica convicta. "Eu costumava ser ateu; agora sou agnóstico", explicou ele. "Eu não sei se é Deus que guia o homem, ou se o homem obtém sua impulsão inicial de sua própria força interior". Mais tarde, ele se juntou novamente à Igreja Católica, encorajado por um sindicalista nicaraguense e um amigo protestante guatemalteco que o haviam ajudado em um momento difícil. Durante uma visita a Caux, esse amigo arrecadou dinheiro suficiente para permitir que Lino, de volta ao Uruguai, passasse por uma cirurgia cardíaca vital.

CAPÍTULO 14

Curando as feridas da guerra

A Guerra das Malvinas/Falklands despertou e exacerbou as paixões nacionalistas no Reino Unido e na Argentina, que ninguém imaginava que fossem tão fortes. Embora cientes, desde o início das hostilidades em 1982, de que o governo do General Galtieri havia lançado a guerra para desviar a atenção das dificuldades internas, os argentinos, sejam apoiadores ou opositores do regime militar, foram unânimes em acreditar que as Ilhas Malvinas eram uma parte integrante de seu país e deveriam ser reunidas à pátria-mãe. Esse sentimento também foi compartilhado por seus vizinhos uruguaios e brasileiros. Um médico britânico que havia trabalhado nas Ilhas alguns anos antes estava retornando para a Escócia com sua esposa e filhos. Um de seus filhos havia nascido enquanto ele estava nas ilhas. No ferry entre Montevideu e Buenos Aires, ele se sentiu ameaçado. Foi rudemente agredido por dois homens que fingiam que não deixariam este filho ir embora porque ele era argentino e que ele deveria ser mantido, criado e educado na Argentina!

Os britânicos também estavam convencidos de seus direitos, pensando ser inadmissível permitir que um governo militar ditatorial tomasse à força um território cuja população não desejava ficar sob sua soberania. Mas a maioria não tinha noção de como sua atitude superior e cinismo haviam gerado amargura. Sua cegueira já havia afetado um de seus compatriotas, Laurence Vogel. Trinta anos antes, ele havia desembarcado com sua esposa francesa pela primeira vez na América Latina, onde dariam quarenta anos de suas vidas. Um membro da embaixada britânica em Buenos Aires lembrou-lhe de uma observação feita por um funcionário do Ministério das Relações Exteriores para um embaixador prestes a assumir seu posto lá no início do século XX. "A única coisa que você precisa saber sobre sua missão é que o Reino Unido tem um arranjo ideal lá: todas as vantagens de uma colônia sem precisar arcar com o custo de sua administração". Na verdade, até a época de Perón, a economia argentina estava em grande parte sob controle britânico. Um inglês visitante nascido na Argentina, cuja família havia se estabelecido lá há quatro gerações, até declarou que estava orgulhoso por não poder falar uma palavra de espanhol. Embora muitas coisas tenham mudado nas décadas seguintes, a humilhação sentida pelos argentinos permaneceu como um ingrediente importante no conflito.

1982: Primeiros contatos em território neutro

A guerra foi considerada dolorosa e tola por muitos britânicos e argentinos comprometidos com os laços estreitos existentes entre os dois países. Laurence Vogel, na época morando em São Paulo, teve a convicção de reunir britânicos e argentinos em um terreno neutro. Por algum tempo após a guerra, as visitas de britânicos à Argentina foram muito restritas. Ele escreveu sua sugestão para Oscar Alaniz e Omar Ibarгойen no Uruguai.

Eles aceitaram a ideia e reuniram alguns britânicos e argentinos em Montevideú, juntamente com americanos do norte e sul, a fim de buscar uma maneira de curar as feridas. Presente estava Ellinor Salmon, a primeira a ter recebido o pequeno grupo que veio a Buenos Aires por convite de Raúl Migone depois da queda de Perón. Norueguesa e casada com um industrial inglês, ela havia morado na Argentina por quarenta e cinco anos e estava bem integrada na sociedade de Buenos Aires. Tendo amigos nas Malvinas, ela se perguntou o que poderia fazer em relação a este conflito. Às vezes, ela ficava impaciente para ver alguma iniciativa para resolver a guerra, não importando de onde viesse ou o que fosse. Então ela se perguntou: "O que você fará, você que pertence a dois mundos, argentino e britânico?" Uma decisão que ela sentiu que deveria tomar era dar seu grande apartamento em Buenos Aires para que pudesse ser usado pela equipe que Angus e Ruth Lamond haviam reunido ao seu redor. Ela sentiu que tinha essa oportunidade porque não houve ataques a propriedades britânicas na Argentina durante o conflito.

1983 – Uma ilha no delta do Tigre

Dessa reunião surgiu um segundo encontro na Argentina em abril de 1983. As hostilidades, que haviam durado apenas dez semanas, terminaram em junho do ano anterior. Mas os militares argentinos ainda estavam no poder. Ellinor procurou, inicialmente em vão, por um local de encontro apropriado que fosse discreto e não muito caro. Finalmente, ela encontrou um acampamento de férias pertencente a um sindicato que ficava no Delta do Tigre, no meio de uma série de pequenas ilhas onde os rios Uruguai e Paraná convergem no Rio da Prata. Alguns dos delegados tiveram que ser alojados em outra ilha, separada daquela em que a reunião principal ocorreu. Não havia, é claro, nenhuma questão em pedir ao governo militar vistos para os britânicos. Poucos argentinos vieram, mas entre eles estava uma personalidade bem conhecida, a Sra. Frondizi, esposa do último presidente democraticamente eleito. Quinze outros países foram representados, incluindo os vizinhos Chile, Uruguai e Brasil.

No início, a atmosfera era reservada, até mesmo entre os argentinos. Sabia-se que o telefone estava grampeado e a correspondência era aberta. O clima estava sombrio. De repente, o vento mudou, elevando os níveis de água no estuário. Estava frio à noite. Não havia água quente. Paradoxalmente, passar frio juntos ajudou a aquecer a atmosfera! "Você está tão frio quanto eu?" cada um perguntava ao seu vizinho no café da manhã. Na noite anterior à abertura da conferência, surgiu um novo assunto de desconfiança: uma ligação telefônica anunciou que a polícia estava enviando investigadores. Os organizadores da conferência tiveram a ideia de tratá-los como colegas. Naquela noite, dois jovens agentes chegaram e Ellinor os convidou para comparecer a todas as reuniões. Eles pediram, e receberam permissão, para trazer suas noivas.

No final das discussões, as trocas muitas vezes se voltavam para questões pessoais. Os uruguaios apresentaram uma peça que haviam escrito, "Por que você não me ouviu?", a qual levantou questões de conflitos familiares baseados em suas próprias

experiências. Entre eles havia três casais cujos casamentos haviam sido refeitos durante os dois anos anteriores. Também estavam presentes onze líderes sindicais chilenos que tomaram várias decisões durante a conferência: desistir da bebida; no futuro, ter apenas uma família; ser honesto. No final da refeição de encerramento, os dois policiais disseram que seu superior havia rejeitado seu relatório. Eles pediram uma lista completa de todos os participantes, com detalhes, e todo o material de vídeo utilizado. Os organizadores deram-lhes uma lista incompleta, mas que os agentes aceitaram.

Artigos aludindo a essa conferência foram publicados na imprensa. As pessoas que os leram entraram em contato, o que levou a outra conferência no ano seguinte, desta vez com a participação britânica.

1984 - La Santa Casa de Ejercicios

Ela aconteceu em março de 1984 com o tema: "A Arte de Viver Juntos". O encontro teve lugar nos arredores históricos do Convento de Santa Casa de Ejercicios da capital, construído em 1795. O convento, cujo fundador queria preservar um lugar onde as disciplinas de St. Ignatius Loyola pudessem ser seguidas, após a expulsão dos jesuítas no século XVIII, era habitado por uma comunidade de freiras.

Enquanto isso, os militares tinham entregado o poder e a Argentina tinha novamente um presidente eleito, Raúl Alfonsín.

No dia anterior à abertura do encontro, uma senhora argentina, Antonia Caputo de Gallicchio, estava visitando a Madre Superiora do convento. Originalmente italiana, ela havia se casado com um arquiteto. Ela queria fazer algumas pesquisas sobre o fundador do convento. Ela também estava procurando serenidade pessoal. Seu único filho havia entrado para um seminário e ela estava feliz e preocupada ao mesmo tempo. "Neste momento temos um grupo interessante aqui", disse a Madre Superiora a ela. Um deles estava por perto e ela queria saber do que se tratava. Qual era essa arte de viver juntos que eles estavam sugerindo? Parar de culpar os outros e começar a colocar nossas próprias vidas em ordem, quando necessário? Isso tocou um ponto sensível nela.

Ela retornou no dia seguinte e várias outras vezes depois disso. Este foi o início de uma colaboração próxima com Ellinor e outros na tentativa de curar as feridas deixadas tanto pela guerra das Malvinas quanto, talvez mais profundamente, pela brutal ditadura militar e sua característica particular, os muitos "desaparecidos".

Antonia era irmã de Dante Caputo, Ministro das Relações Exteriores do recém-restabelecido governo democrático. O Ministro recebeu alguns membros do grupo e eles puderam ter uma discussão franca com ele. Ele ocupou esse cargo governamental por seis anos. Com a ajuda da mediação do Papa João Paulo II, ele conseguiu estabelecer um tratado, reconstruindo a paz ameaçada entre Chile e Argentina e resolvendo a disputa de fronteira no Canal de Beagle, no sul da Tierra del Fuego.

A conferência dedicou particular atenção aos problemas relacionados ao setor agrícola, vital para a economia do país e representado de forma particularmente significativa.

Uma das intervenções mais notáveis foi de uma jovem arquiteta chamada Eulalia Saraco. Ela revisitou as ideias que haviam capturado seu entusiasmo quando tinha vinte anos, mas que ela não havia conseguido incorporar em sua vida cotidiana. Eulalia havia se casado e se mudado para a Patagônia, no sul do país, seguindo o princípio de que não era bom que grande parte da população estivesse concentrada na capital - outras regiões precisavam ser desenvolvidas. Ela havia sido militante em movimentos cristãos, mas ainda não estava satisfeita por sentir que não havia cumprido verdadeiramente a missão de serviço à qual se sentia chamada. Ela se perguntava por que havia conseguido tão pouco. "Por que nós, liberais, com nossa educação fundamentada em altos valores culturais e morais, temos sido ineficazes nos últimos anos? Eu encontrei a resposta: orgulho e autossuficiência. Nos envolvemos com o orgulho dos justos e olhamos para outros povos da América Latina, os índios e mestiços, de cima para baixo. Eu redescobri aqui a nossa necessidade de sermos humildes e quero transmitir isso aos nossos partidos políticos, nossas escolas e nossas famílias". Essas palavras provocaram uma resposta imediata de um delegado brasileiro. Os argentinos que se sentiam constantemente humilhados pela arrogância britânica começaram a perceber que seus vizinhos se sentiam humilhados por eles da mesma forma, e que uma honestidade profunda como a de Eulalia poderia trazer a cura.

1987 – Antigos inimigos se encontram

Em 1986, Antonia de Gallicchio organizou um retiro no convento das Irmãs de Schoenstatt perto de Buenos Aires, durante o qual surgiu a ideia de fazer outra manifestação no nível da de 1984, desta vez no convento. Como o lugar era usado apenas para as atividades da comunidade religiosa, as Irmãs disseram que isso não seria possível. Um pouco mais tarde, tendo apreciado mais plenamente o potencial do que estava planejado, elas mudaram de ideia. Na verdade, a demonstração projetada foi dividida em duas fases: três dias de reuniões restritas nas Irmãs de 20 a 22 de março de 1987, seguidos de três reuniões públicas no coração da cidade na Livraria/Sebo El Ateneo nos dias 23, 24 e 25 de março.

O encontro foi realizado quando Buenos Aires se preparava para receber João Paulo II em sua turnê pelo Sul e, como a visita do Papa, foi realizado sob a bandeira da reconciliação. Isso era duplamente necessário depois do conflito com a Grã-Bretanha e da violenta divisão do país no período da "guerra suja" durante a ditadura dos generais. A opinião pública mal estava preparada. As mães da "Praça de Maio" queriam respostas sobre os milhares de "desaparecidos". Uma delas, que havia perdido duas filhas mortas pelo exército, foi tocada pelo que ouviu sobre a líder da resistência francesa, Irène Laure, e o que a Sra. Laure havia feito pela reconciliação Franco-alemã após a Segunda Guerra Mundial. Ela queria tomar uma ação semelhante, mas seus colegas não estavam preparados para isso. Em uma reunião pública, o microfone foi arrancado dela quando estava prestes a falar. Uma carta em um jornal anunciando as reuniões do MRA de 23 a 25 de maio tratando da reconciliação com os britânicos gerou reações incendiárias contra seu autor.

O último dia da conferência foi marcado pela contribuição de Horacio Benitez, presidente de uma associação de ex-trabalhadores. Com dezenove anos e perto do fim do seu Serviço Nacional obrigatório, ele foi mobilizado para a ação nas Ilhas Malvinas e, como muitos outros, retornou traumatizado.

Os soldados argentinos esperavam ser recebidos como libertadores pelos habitantes das Ilhas Malvinas, mas se depararam com uma população de língua inglesa que não lhes mostrou nenhuma simpatia. Durante uma das batalhas finais, Benitez foi gravemente ferido na cabeça e desmaiou na neve. Os britânicos que avançavam a princípio o tomaram por morto, mas as lágrimas em suas bochechas mostraram que ele ainda estava vivo. Salvo pelo inimigo, ele se tornou um prisioneiro de guerra. Ao voltar para casa, ele começou a se recuperar, mas então percebeu quantos de seus companheiros nunca superaram o choque que muitas vezes atinge os combatentes que retornam de uma guerra perdida. Deve-se dizer que, tendo sido enviados à batalha sem preparação, esses jovens soldados, uma vez que a guerra terminou, foram colocados em um barco que os desembarcou em qualquer lugar do sul da Argentina e depois receberam um passe de viagem para suas casas. Nada mais.

Isso levou Benitez a estabelecer a União de Veteranos das Ilhas Malvinas (UVIM) e reunir um grupo de ex-soldados (os oficiais tinham uma organização separada). Mas ele percebeu que a UVIM não estava conseguindo reinserir muitos na vida civil normal. Além disso, ele estava ansioso para conhecer soldados britânicos e trabalhar para curar a profunda divisão entre os dois países. Enquanto isso não acontecesse, ele pensou, não encontraria paz total. Ele aceitou, portanto, um convite para participar do encontro na biblioteca El Ateneo e falou lá. Ele falou do ódio que sentia pelos britânicos e seu ódio também pelas autoridades de seu próprio país que deram aos recrutas a ordem de matar, mas pareciam tê-los esquecido quando voltaram para casa.

Então ele compartilhou sua convicção de que, se sua vida foi poupada, era por um propósito, ser uma consciência viva e testemunha para seus companheiros cidadãos que a guerra e o ódio destroem ambos os lados. Ele obteve uma resposta de um veterano britânico presente na sala que havia lutado na Birmânia durante a Segunda Guerra Mundial e que posteriormente superou seu ódio pelos japoneses.

Alguns meses depois, Benitez foi convidado para a Grã-Bretanha e lá realizou um desejo especial ao conhecer um veterano da guerra das Ilhas Falkland/Malvinas, Chris Keeble, um oficial paraquedista que também percorreu um caminho incomum. Chris era o segundo em comando de um batalhão que tentava atacar e capturar uma cabeça de ponte que os argentinos haviam estabelecido na costa, conhecida como Goose Green. Enquanto a batalha ocorria, ele ouviu pelo rádio que o tenente-coronel responsável pelas operações havia acabado de ser morto. Ele se viu no comando do batalhão. "Meu coração estava batendo", ele lembra. "Era uma enorme responsabilidade para mim. Ao anoitecer, tínhamos praticamente esgotado todas as nossas munições após quarenta e oito horas de luta, e estávamos exaustos. O frio estava matando. Um em cada seis homens estava morto ou ferido, e não tínhamos reservas. Eu me juntei aos meus oficiais. Agora era comigo dar as ordens". O topo de uma colina separava os britânicos e os argentinos. Keeble sabia que estes últimos poderiam usar a

noite para trazer reforços e preparar um contra-ataque. Ele também sabia que cento e doze de seus compatriotas civis haviam sido feitos prisioneiros em Goose Green. Portanto, estava fora de questão bombardear as posições inimigas.

"Nossa situação era perigosa", diz Keeble. "Eu não tinha a menor ideia do que fazer. Eu subi ao longo de um pequeno desfiladeiro para ficar sozinho por um momento e tentar pensar. Quando pus minha mão no bolso, senti um pedaço de papel em minhas pontas de dedos em que tinha copiado uma oração de Charles de Foucault". Keeble ajoelhou e leu a oração: "Pai, entrego-me a Ti. Fazei de mim o que bem entenderes. O que quer que faças comigo, eu te agradeço, desde que a Tua vontade seja feita em mim. Não peço mais nada." Para sua grande surpresa, Keeble, que até então estava cheio de medo, confusão e se sentindo muito frio, de repente sentiu a calma voltar, o calor e até a alegria. Acima de tudo, ele viu claramente o que tinha que fazer.

Ele retornou para seus homens e disse que, ao nascer do sol, atravessaria o campo de batalha e pediria aos argentinos que se rendessem. Essa solução, que mal fazia sentido militar, foi recebida com surpresa. Às 6h, Keeble enviou dois prisioneiros argentinos com uma breve mensagem: "Rendam-se ou aceitem as consequências militares". Em uma hora, os prisioneiros retornaram para dizer que seus líderes estavam dispostos a negociar. Ao amanhecer, Keeble atravessou para o lado argentino acompanhado por seu oficial de artilharia e um jornalista da BBC. "Lembro-me de descer aquela colina como se estivéssemos dando um passeio agradável", diz ele. "Mais tarde descobri que havíamos cruzado um campo minado". Ele encontrou os oficiais argentinos. "Dissemos que o que eles estavam fazendo era pura loucura; que não tínhamos intenção de recuar; eles poderiam continuar nos atacando, mas outras unidades viriam e eles seriam capturados".

Ao meio-dia, os argentinos concordaram em se render, desde que fosse com dignidade. Houve uma cerimônia; eles cantaram seu hino nacional e depois entregaram suas armas. "Na verdade, minha oferta veio no momento em que eles mesmos queriam acabar com as hostilidades", diz Keeble, "mas eu não poderia ter sabido disso na época em que orei". Os britânicos ficaram surpresos ao descobrir que a força argentina contava com mais de 1.500 homens, enquanto eles mesmos eram apenas 450.

Depois desse feito militar, uma brilhante carreira militar parecia se estender à frente de Keeble. Mas a guerra o fez reconsiderar como viver sua vida. "Nunca tendo realmente travado uma guerra, eu conheci homens trabalhando juntos com um senso profundo e poderoso de união", comenta. "Eles não estavam agindo por amor no sentido normal da palavra. Aceitava-se a si mesmo como era, esperando que todos os outros ultrapassassem suas limitações". Keeble começou a se perguntar se deveria permanecer no exército ou se havia algo mais para ele fazer do que apenas alcançar sua própria ambição. Um dia, em uma visita às fábricas da British Leyland em Longbridge, no centro da Inglaterra, ele ficou horrorizado com o ambiente terrível em que os trabalhadores eram obrigados a produzir carros bonitos. Que diferença para o companheirismo experimentado sob a bandeira! Foi lá que surgiu a ideia de lutar pelo desenvolvimento do indivíduo no mundo da produção industrial.

Em 1987, ele decidiu, não sem arrependimento, deixar o uniforme. Dois anos depois, ele e dois colegas criaram a Consultancy Partnership, que foi bem-sucedida e levou a experiências fascinantes. Ele adora contar a história de uma empresa com seiscentos funcionários que outros consultores sugeriram que deveria ser "reduzida", demitindo grande parte da força de trabalho. Ele convenceu o gerente a confiar em seus subordinados e, com eles, reexaminar a situação. Foi organizado um seminário de dois dias para trinta dos supervisores, onde ele propôs um jogo de empreendimento, baseado no conceito de confiança. "A máscara caiu", diz ele. "Foi como se um ciclone tivesse sido liberado. Com energia renovada, eles encontraram soluções que ajudamos a colocar em prática".

Este foi o homem que Horacio Benitez foi convidado a conhecer naquele verão de 1987. Ele descreveu o que aconteceu em uma entrevista ao jornal *The Guardian*. "Conhecer Chris foi muito importante para mim. Eu estava tenso. Eu não sabia em que espírito ele se aproximaria de mim - o inimigo. Ele simplesmente estendeu a mão e depois me abraçou. Fiquei tão emocionado que fiquei sem palavras. Acredito que aquele foi o momento em que a guerra realmente terminou para mim. Foi uma impressão estranha. Este homem parecia um velho amigo, muito próximo".

CAPÍTULO 15

Reestabelecendo a democracia

Enquanto a ditadura militar estava entrando em colapso na Argentina, após a Guerra das Malvinas, as forças armadas continuavam no poder no Brasil, Chile e Uruguai. No Uruguai, eles haviam assumido o poder dez anos antes em meio a um período de conflito armado instigado pelo movimento guerrilheiro urbano Tupamaros. Em 1977, os militares haviam elaborado um plano para restabelecer a democracia, mas o progresso foi bloqueado e não parecia haver saída.

Vários ministros civis foram incluídos no governo militar, um dos quais foi o ex-diretor uruguaio da Organização dos Estados Americanos, Juan Bautista Schroeder Otero. Ele havia sido subsecretário de Justiça por dois anos e, em 1983, foi nomeado ministro da Educação e Cultura. Tendo apreciado a ajuda de Oscar Alaniz quando ele estava na Organização dos Estados Americanos, ele convidou Alaniz para ser o segundo secretário do Ministério, sendo que o primeiro secretário era automaticamente militar. Ao receber o convite do ministro, Alaniz pediu um tempo para pensar até o dia seguinte. Ele então aceitou o cargo com duas condições: primeiro, que todas as questões deveriam ser discutidas, não apenas aquelas estritamente limitadas à educação, e segundo, que cada manhã, depois de revisar as principais questões, haveria um momento de reflexão tranquila com o Ministro, para analisar e priorizar as questões.

O ministro, que havia sido colega de Omar Ibargoyen, não ficou surpreso com esses pedidos e concordou com eles. Ele estava familiarizado com a prática de ter um momento de reflexão tranquila. Ele conta em um folheto como, em um momento em que se sentiu completamente sobrecarregado, disse a seus secretários para não o perturbarem com ligações telefônicas ou mensagens. Sozinho com sua consciência, ele sentiu-se impulsionado a pedir uma reunião com o chefe da Junta, o chefe do Exército Juan Pedro Aranco. Ele pegou o telefone e foi como se o General estivesse esperando sua ligação: "Venha. Estou ansioso para vê-lo".

Schroeder foi imediatamente, sozinho e sem seu motorista. Isso foi em meados de abril de 1984. No caminho, um novo pensamento ocorreu a ele - falar com o General como um amigo e ir direto ao ponto. Então ele disse o que estava em sua mente. O governo militar havia prometido realizar eleições livres até o final de 1984, mas os preparativos necessários estavam atrasados. O processo estava em dúvida devido a sérios distúrbios, que remontavam a 1980, quando enormes agitações populares haviam eclodido contra a proposta da constituição feita pelos militares. Depois, em 1983, houve um impasse nas negociações com os partidos políticos e agora a data das eleições prometidas estava se aproximando. Na vizinha Argentina, os generais foram forçados a desistir sob uma chuva de insultos. A mesma coisa iria acontecer com os líderes das forças armadas uruguaias?

"O que você está propondo?" perguntou o General Aranco.

"De acordo com nossa tradição política, vocês, militares, devem convidar os líderes políticos para uma discussão em mesa redonda sem imprensa ou publicidade, onde todos têm a chance de expressar sua opinião. As conclusões alcançadas devem ser

assinadas por todos para que ninguém possa dizer depois, por motivos ulteriores, que rejeitam o acordo."

Depois de duas horas conversando, o general Aranco perguntou a Schroeder: "Você poderia colocar tudo isso por escrito?" Eram nove horas da noite da sexta-feira e Schroeder ficou surpreso. Ele trabalhou durante todo o fim de semana e entregou seu documento na segunda-feira. Na quarta ou quinta-feira, Aranco o chamou. O documento de Schroeder havia sido aprovado pelo Conselho Militar Sênior (o Poder Executivo) e seria submetido ao Conselho de Generais (o Legislativo). Lá, recebeu aprovação geral, embora houvesse divergências entre a Marinha (mais aberta), a Força Aérea (moderada) e o Exército (mais hesitante). O Conselho Conjunto dos Chefes de Estado-Maior também teve que ser convencido. Finalmente, para que os ministros civis não ficassem de lado, todo o Conselho de Ministros teve que ser informado antes que o documento fosse distribuído aos partidos políticos. Infelizmente, a distribuição aos partidos, que deveria ter sido tratada com cuidado e sensibilidade, foi feita como se fosse um negócio rotineiro. Como resultado, o líder do Partido Nacional (Blanco) deixou claro que o que era proposto era inaceitável. Como se recuperar desse "faux pas"?

Uma Comissão Especial de Seleção, presidida pelo Ministro do Interior, General Rapela, foi convocada para elaborar o framework (modelo) através do qual as propostas do documento de Schroeder poderiam, passo a passo, se tornar realidade. Isso envolveria a convocação de eleitores, medidas de transição apropriadas, uma Assembleia Constituinte, um referendo buscando a aprovação do eleitorado, a possibilidade de uma anistia geral etc. Enquanto isso, Schroeder e Alaniz sentiram que seriam necessárias conversas informais e privadas, um a um, com todos os líderes dos partidos políticos que pudessem ser alcançados. Estas conversas teriam que ocorrer em um lugar fora do alcance dos olhos do público. Alaniz ofereceu seu apartamento onde os políticos costumavam vir, geralmente no final da tarde, quando Schroeder podia sair de seu escritório e se juntar a eles sem chamar atenção.

Os primeiros a serem convidados foram líderes do Partido Blanco, incluindo proprietários de terras, que eram considerados os mais céticos em relação às conversas. Eles estavam divididos em facções, alguns acreditando que seu partido poderia vencer eleições sem buscar aliados. Outros, em seu íntimo, aceitavam a necessidade de ampliar o espectro político, mas não conseguiam ver o caminho para apoiar essa posição publicamente. Então chegou a vez do líder do outro partido tradicional principal, o Partido Colorado, geralmente visto como mais radical. Ele concordou rapidamente com a proposta delineada por seu anfitrião, mas só poderia levá-la formalmente sob a condição de que o exército aceitasse a participação da Aliança de Esquerda nas eleições. A Aliança incluía o Frente Amplio, um partido proibido na época.

Então, mais uma vez, foi preciso recorrer ao chefe do Exército, um novo homem no cargo. Ele confirmou que as Forças Armadas se opunham, em princípio, a permitir a inclusão de um partido político que, seguindo a linha marxista, contradizia tudo o que estava sendo ensinado a nova geração de oficiais. Schroeder insistiu que fosse permitida a participação de todos os partidos, mas sugeriu que os marxistas/leninistas pudessem concorrer sob outro nome e, assim, não provocar os militares. Assim, o antigo

Partido Comunista Uruguaio passou a se chamar "Democracia Progressista". Então, por sua vez, os esquerdistas encontraram o caminho para o apartamento de Alaniz, liderados por José d'Elia, um importante líder sindical que Alaniz já conhecia bem.

Essas conversas ajudaram na concordância com as condições mínimas estabelecidas pelos partidos políticos para a transferência do poder da administração militar para a civil. Quando o ministro consultou os militares sobre os termos acordados, eles os aceitaram, mas opinaram que os políticos civis não o fariam. "Mas foram eles mesmos que elaboraram essas propostas", disse o ministro aos militares. Os políticos e os militares se encontraram no Clube Naval em agosto de 1984, formalizando o "Acordo do Clube Naval", assinado por ambos os grupos. No entanto, Schroeder não conseguiu fazer com que uma resolução suplementar, sobre a qual ele estava muito interessado, fosse aprovada - que a intervenção na Universidade pelas autoridades políticas deveria ser encerrada, o que havia levado anteriormente à sua renúncia como reitor da Universidade.

Assim, as mudanças necessárias para o retorno do governo civil foram concluídas, as eleições foram realizadas em novembro como programado e o presidente eleito, Julio Sanguinetti, do Partido Colorado, fez seu discurso de posse perante a Assembleia Legislativa em 1º de março de 1985.

Salvador: O retorno à paz

Desde 1931, El Salvador tinha sido governado por ditadores militares. Durante os anos 60 e 70, a tensão entre os ditadores e os partidos de oposição, tolerados, mas sempre mantidos afastados do poder, aumentou constantemente. A situação foi ainda agravada pela deterioração das condições sociais e econômicas e, a partir de 1969, por um conflito territorial com Honduras. A manipulação eleitoral constante pelos militares finalmente convenceu os oponentes de esquerda de que a única esperança de trazer mudanças era uma insurreição armada. Ao mesmo tempo, grupos terroristas de direita intensificaram sua intimidação e assassinato dos suspeitos de apoiar os rebeldes. Até membros da Igreja, que havia adotado uma posição antigoverno, foram alvo.

A queda do general Somoza pelos Sandinistas na vizinha Nicarágua em 1979, juntamente com o medo de ver o movimento guerrilheiro salvadorenho se transformar em uma revolução comunista, levou os Estados Unidos a pressionar os militares. No início de 1980, após consideráveis idas e vindas, as forças armadas concordaram que o principal partido político, os Democratas Cristãos, deveriam compartilhar o governo do país com a Junta, e que seu líder, Napoléon Duarte, deveria assumir a presidência em outubro daquele ano. Mas a junta não ganhou a confiança dos insurgentes e a guerra civil continuou, mesmo depois que uma nova constituição foi adotada, permitindo que Duarte fosse eleito legalmente presidente de El Salvador em 1984.

Um dia em 1981, Luis Puig e um colega tiveram a ideia de tentar fazer algo para encorajar o retorno de El Salvador à paz. Mas eles não conheciam ninguém. Um jovem casal salvadorenho, Juan Carlos e Concepción Barrera, veio em seu auxílio. Eles haviam participado do movimento de Omar Ibarгойen 'Viva la Gente' e passado um

tempo no Sítio São Luiz em Petrópolis, Brasil. Como resultado de sua visita, Concepción se reconciliou com sua mãe, Mercedes, e com o segundo marido dela, Eduardo Molina.

Os pais de Concepción eram contra o casamento dela. Juan Carlos entrou na vida dela quando os Molinas já estavam em processo de arranjar o casamento de sua filha com o filho de velhos amigos da família. Juan Carlos ficou profundamente afetado com essa oposição, acreditando que estava relacionada com a cor de sua pele. Concepción finalmente se casou com ele em segredo, e sua mãe só ficou sabendo quando leu sobre isso em um boletim oficial - na época ela era governadora provincial. Mais tarde, durante uma visita a Caux, Juan Carlos se reconciliou com Eduardo Molina, o padrasto de sua esposa.

Concepción propôs escrever para o padrasto, um importante membro do Partido dos Democratas Cristãos e amigo de Napoléon Duarte. Molina também era diretor de um instituto de treinamento para trabalhadores comunitários. Um homem muito cortês, ele e sua esposa receberam Puig e seu amigo para almoçar - ela havia acabado de concluir seu mandato como governadora. Os Molinas interrogaram seus convidados sobre o que estavam fazendo. "Como é que eu não soube disso antes?" disse Eduardo no final da refeição. "Nossa situação aqui é grave. Vocês nos trazem um raio de luz". Então, ele perguntou diretamente: "Quando podemos começar?"

No dia seguinte, seus convidados foram colocados em contato com o Vice-Presidente de uma Associação de Empregadores e, rapidamente, com outros líderes do país. Os Molinas, rapidamente, também forneceram ajuda prática para o trabalho deles, reunindo uma equipe e organizando um local para eles se encontrarem.

A guerra guerrilheira ainda duraria muitos anos. Apesar de ser o chefe titular das forças armadas, o Presidente Duarte não conseguia controlar os militares ou pôr fim aos esquadrões da morte. O arcebispo de San Salvador foi a vítima mais pública. Mas a ação empreendida por Molina e outros teve em breve um efeito em vários setores da vida do país.

No mundo do trabalho, por exemplo, houve a iniciativa do Secretário-Geral da Confederação de Trabalhadores de El Salvador, José Luis Grande Preza. Ele sobreviveu a quatro tentativas de assassinato. Um dos seus tios, um padre, foi morto pelos militares. Ameaçado de morte, José teve que sair do país por um tempo. Impulsionado pela sua convicção, a sua organização deu um forte apoio a formas democráticas e não violentas de trabalhar, com uma abordagem mais aberta aos empregadores. Anteriormente, a Confederação buscava forçar a mão dos empregadores, sem nunca imaginar que pudesse haver uma medida de boa vontade por parte deles. Em 1984, após uma sucessão de reduções de pessoal, foi desencadeada uma greve indefinida numa empresa. Depois de dois meses, os grevistas estavam planejando aguentar, não importando o quê, mesmo que significasse o colapso da empresa. Depois de discussões com pessoas que trabalhavam ao lado de Molina, decidiram aceitar uma nova oferta de compensação e usar o dinheiro para montar o seu próprio negócio. As coisas correram tão bem que dois anos depois abriram uma segunda fábrica.

Grande Preza conta como, numa das regiões mais conturbadas do país, a sua confederação sindical persuadiu cinquenta e oito famílias, com cerca de quinhentas

peessoas, incluindo quatro líderes guerrilheiros, a aceitarem uma anistia. Para os realojar, compraram terras, incluindo uma exploração avícola, com ajuda enviada pelos sindicalistas austríacos. Também tiveram de reabilitar crianças e adolescentes que tinham sido influenciados pelos rebeldes nas áreas que controlavam. Tudo tinha sido feito para condicionar as crianças. No auge do verão, seriam incentivados a rezar por chuva num momento em que não havia nenhuma chance de cair água. Depois, seria sugerido, em contraste, que pedissem aos seus líderes comida e provisões que, como que por acaso, apareciam no dia seguinte.

Um setor que muito teve de mudar após anos de guerra civil foi o sistema de justiça. Julgamentos estavam sendo feitos após longos atrasos e prisões primitivas estavam cheias de detidos, muitos deles inocentes. Após a sua nomeação em 1989, o Presidente do Supremo Tribunal e um dos magistrados do Tribunal, Oscar Rodriguez Diaz, começaram a transformar uma situação insustentável. Ambos estavam convencidos de que o homem poderia procurar a sabedoria divina e ser guiado pela consciência. Oscar Rodriguez aprendeu isso através do Alcoólicos Anônimos. Os dois homens se firmaram nisso por meio de trocas com um grupo de juristas de Minnesota que os visitou.

Com o incentivo dos juristas visitantes de Minnesota, a Suprema Corte lançou uma série de reformas:

- A nomeação de juízes itinerantes;
- A criação de vinte e seis tribunais adicionais de magistrados, financiados através do orçamento ordinário do Ministro da Justiça. Rodriguez observou que os recursos disponíveis, em vez de serem "desviados", agora encontravam usos legítimos;
- A criação de um Escritório de Informação sobre Prisões, que obrigava a polícia a publicar fatos sobre todas as prisões dentro de doze horas, e as famílias podiam, portanto, obter informações sobre os motivos da detenção - essa era uma medida importante em um país onde muitos simplesmente desapareciam;
- O estabelecimento em prisões de um "delegado de vigilância" nomeado pelo Escritório de Informação, uma pessoa que poderia ser abordada por guardas e presos que desejavam expressar reclamações com base nos direitos humanos - esse "ombudsman" geralmente era um advogado.

Algumas novas medidas, como a criação de juízes itinerantes, mal foram cumpridas, e o impulso da reforma não foi seguido pela próxima legislatura. As prisões permaneceram superlotadas e a detenção preventiva muito alta. No entanto, o progresso foi real.

Inicialmente, os Estados Unidos se opuseram à transferência dos poderes de investigação criminal do exército salvadorenho para uma unidade autônoma da Suprema Corte. O Exército havia desempenhado um papel fundamental em tais investigações. A oposição dos EUA finalmente foi levantada. A transferência desses poderes das mãos dos militares também foi uma condição exigida pelos guerrilheiros, se eles fossem entregar as armas.

Além disso, a Suprema Corte declarou inconstitucionais os poderes de prisão utilizados pela cidade de San Salvador, que haviam minado a liberdade de expressão e associação. A Suprema Corte fez uso, pela primeira vez, dos poderes que tinha, mas que nunca tinham sido aplicados. Além disso, o processo de estabelecimento dessas reformas foi incluído em revisões do programa de ensino acadêmico de direito.

Os principais responsáveis pela lei, ao promover essas reformas, não se limitaram apenas aos aspectos judiciais. Em 1990, o Supremo Tribunal ofereceu suas instalações para um seminário sobre o tema "Redescobrimos valores morais para construir a paz". Ele incluía personalidades do exterior que tinham experiências relevantes para compartilhar. O general Joseph Lagu, por exemplo, que durante dezessete anos liderou a luta pela independência no sul do Sudão, contou como em 1972 ele poupou a vida de trinta muçulmanos cujo avião fez um pouso forçado na zona que ele controlava. Esse gesto inesperado foi um passo vital para os acordos de Addis Abeba, que trouxeram dez anos de paz ao Sudão. Alec Smith, filho do ex-primeiro-ministro Smith da Rodésia do Sul, descreveu como um grupo de negros e brancos juntos foi capaz, em 1980, de ajudar a pôr fim à cruel guerra civil. Isso possibilitou um acordo de transição para a independência do Zimbábue, onde um exército nacional foi criado a partir dos três grupos de combatentes que estavam lutando entre si.

Os principais oficiais da lei, ao promoverem essas reformas, não se limitaram apenas aos aspectos judiciais. Em 1990, a Suprema Corte ofereceu suas instalações para um seminário com o tema "Redescobrimos valores morais para construir a paz". Ele incluiu personalidades do exterior que tinham experiências relevantes para compartilhar. O General Joseph Lagu, por exemplo, que por dezessete anos liderou a rebelião pela independência no sul do Sudão, contou como em 1972 ele havia poupado as vidas de trinta muçulmanos cujo avião fez um pouso forçado na zona que ele controlava. Esse gesto inesperado foi um passo vital em direção aos acordos de Addis Ababa, trazendo dez anos de paz para o Sudão. Alec Smith, filho do ex-primeiro-ministro Smith da Rodésia do Sul, descreveu como um grupo de negros e brancos juntos haviam conseguido, em 1980, ajudar a acabar com a cruel guerra civil. Isso permitiu a transição acordada para a independência do Zimbábue, e onde um exército nacional foi criado a partir dos três grupos de combatentes que estavam lutando uns contra os outros.

Antes de seguir caminhos separados, os participantes do seminário decidiram enviar um telegrama aos delegados do governo e à Frente Farabundo Martí de Liberación Nacional (FMLN), naquele momento em meio a negociações na Costa Rica. Eles sugeriram que os delegados deveriam basear sua busca pela paz na inspiração moral e espiritual, e que deveriam reservar um tempo para reflexão silenciosa em busca do que era certo para toda a população, cientes de que o acordo só poderia ser alcançado por um caminho do meio entre os interesses de todas as partes presentes.

O diálogo que Duarte iniciara anteriormente com os guerrilheiros só teve frutos em 1991, implementado por seu sucessor, Alfredo Cristiani, eleito pelo partido de direita ARENA. Em 1989, houve a queda do bloco soviético e uma redução no apoio da URSS a regimes e levantes, especialmente no Caribe. As negociações foram contínuas de abril de 1990 até dezembro de 1991. Um dos pontos mais delicados em questão era uma

purga dentro do exército. Essa tarefa foi passada para uma comissão de três membros. Um membro dessa comissão foi nomeado pelo Secretário-Geral da ONU e os outros dois foram selecionados a partir de listas enviadas respectivamente pelo governo e pelos guerrilheiros, cada lado aprovando a lista do outro. Eduardo Molina soube pelos jornais que foi um dos escolhidos.

A comissão recebeu a missão, de maio a setembro de 1991, de preparar as listas dos oficiais que seriam demitidos. Eles entrevistaram todos os oficiais acima e incluindo o posto de tenente-coronel, e de patentes inferiores, até tenentes, aqueles especificamente indicados a eles. As responsabilidades da comissão eram consideráveis. Eles não estavam sendo solicitados a dar conselhos. Eles deveriam tomar decisões sem direito a apelação. "Pedimos a Deus que nos guiasse", diz Molina. Depois de realizar as audiências, a comissão se trancou em um escritório da ONU em Nova York para evitar todas as influências externas e começou a reunir suas avaliações com base em notas que cada um, individualmente, havia tomado. Sem dificuldade, eles chegaram a um acordo. O Presidente da República teve sessenta dias para implementar suas decisões, o que não foi fácil. Os demitidos incluíam um ministro do governo e dois vice-ministros. Alguns reagiram e começaram a preparar um golpe. Como porta-voz da comissão, Molina foi particularmente atacado publicamente e, por um tempo, teve que se refugiar no exterior com sua família. Mas os vereditos da comissão foram executados, em parte graças às autoridades dos Estados Unidos, concordando em compensar aqueles que foram purgados, talvez se sentindo parcialmente responsáveis por seu comportamento passado, ou talvez para dissuadi-los de falar demais.

Mesmo que a confiança tenha demorado a retornar, a calma com que o país aceitou o crescente apoio aos ex-guerrilheiros, levando às eleições de março de 1997, demonstrou o que havia sido conquistado. O FMLN conquistou um terço das cadeiras parlamentares, colocando-os em pé de igualdade com a ARENA, que anteriormente detinha o poder. Eles também tiveram prefeitos do FMLN eleitos nas principais cidades, incluindo San Salvador, sem que isso provocasse pânico. Então, aumentaram seu sucesso nas eleições de março de 2000 e se tornaram a força política líder do país. Isto foi impulsionado por sua capacidade de se transformar de um movimento insurrecional em democrático, de tendência de esquerda, e pelo tom moderado de sua campanha. As constantes violações dos direitos humanos diminuíram gradualmente e jornais e estações de rádio de todos os pontos de vista começaram a praticar um grau de pluralismo, dando espaço a seus oponentes.

Como em outros lugares, mudanças pessoais antecederam ou acompanharam as mudanças que podiam ser observadas na vida pública. Assim aconteceu com Grande Preza, que havia se separado de sua esposa, mas encontrou novamente a unidade em seu lar. Também ocorreram mudanças com Carlos Rivas Zamora, um dos mediadores apresentados para trabalhar nas prisões. Alguns anos antes, ele esteve prestes a desistir da batalha pela integridade no sistema legal, derrotado pelo problema dos funcionários se recusando a defender os direitos dos mais fracos. Ele estava prestes a se juntar aos rebeldes clandestinos. O contato com um grupo do exterior, convidados de Eduardo Molina, o levou a ouvir a voz interior, redescobrir sua fé católica

e se afastar de pegar em armas. Agora, nessa nova situação, ele tentou responder às necessidades espirituais dos prisioneiros, oferecendo-lhes um panfleto escrito no espírito do movimento por meio do qual ele próprio havia sido transformado. Ele começou reuniões semanais de oração que, em um curto período, cresceram de 25 para 125. Ele se tornou o representante de seu país para a "Prison Fellowship International".

Costa Rica: ajudando os vizinhos

Uma pequena ilha de calma no meio de um entorno que se despedaçava, a Costa Rica estava ansiosa para contribuir para o retorno da paz na América Central, algo que ajudaria a salvaguardar sua própria estabilidade. Na década de 1980, sua capital San José foi marcada por uma série de manifestações pedindo reconciliação, com representantes vindos de países vizinhos. Na primavera de 1984, uma Mesa Redonda foi aberta pelo Chefe de Estado, Luis Alberto Monge, e encerrada por um ex-presidente, José Figueres. Entre os convidados estava um refugiado da vizinha Guatemala, José Pinzon. Ele era um dos responsáveis pela Confederação Latino-Americana de Trabalhadores, um organismo de orientação cristã. O governo militar de seu país o via com maus olhos por ter se candidatado sob a bandeira da Democracia Cristã. Enquanto isso, os guerrilheiros haviam se infiltrado em sua organização sindical. Sentindo-se ameaçado por ambos os lados, ele escolheu deixar o país. Em San José, ele foi encarregado do Instituto Centro-Americano de Estudos Sociais.

Pinzon organizou vários pequenos seminários após a Mesa Redonda, e em 1985 ele ofereceu as instalações do Instituto para uma nova conferência. Algumas das interações refletiram o espírito do simpósio anterior. Os costarriquenhos tinham sua própria experiência bem-sucedida para compartilhar porque sua história recente havia sido amplamente dominada por períodos de consenso caracterizados por uma "Neutralidade Ativa, Perpétua e Desarmada". Seu exemplo deu esperança aos vizinhos, especialmente aqueles de El Salvador, que falaram abertamente das dificuldades de sua democracia recém-nascida.

Menos problemática do que El Salvador, Honduras estava dividida na época devido a recentes crises políticas. Um missionário canadense contou aos delegados na conferência sobre uma "Hora Apostólica Presidencial" que havia ocorrido dez dias antes na Catedral de Tegucigalpa. Dos nove candidatos à Presidência da República - era pouco antes de uma eleição presidencial - cinco estavam presentes e os outros quatro enviaram representantes. Todos se comprometeram a eliminar o ódio de suas campanhas. Os dois candidatos mais proeminentes, do Partido Liberal (que foi eleito) e do Partido Nacional, abraçaram totalmente a ideia.

Entre os participantes do seminário em 1985 estava Lino Cortizo, o recente Presidente da Confederação Uruguaia de Trabalhadores. Diante de todos, ele pediu perdão a José Pinzon porque, ao longo do tempo, tinha incentivado a rivalidade entre os sindicatos cristãos e marxistas. Pinzon ficou visivelmente emocionado.

Os Estados Unidos também estavam representados. Um ex-funcionário do Pentágono disse aos latino-americanos: "No passado, éramos indiferentes a vocês. Depois

tentamos controlá-los. Hoje estou ciente de nossa tendência excessiva de querer ajudá-los. Decidi ouvi-los no futuro e persuadirei os responsáveis pela vida pública nos EUA, aqueles que conheço, a fazer o mesmo".

Essas palavras tocaram o presidente Luis Alberto Monge, que compareceu à sessão de encerramento da conferência. Monge reafirmou seu total apoio à iniciativa que havia reunido os delegados ali "para estar a serviço de toda a humanidade e não apenas de um ou outro grupo político ou religioso".

A preocupação dos costarriquenhos em ajudar a promover a reconciliação dos governos da América Central com suas oposições armadas encontrou sua ilustração mais vívida em agosto de 1987, quando, na cidade de Esquipulas, na Guatemala, cinco chefes de estado assinaram um plano de paz. Esta iniciativa se deveu muito ao impulso do sucessor de Monge, o presidente Oscar Arias. Esta iniciativa lhe rendeu o Prêmio Nobel da Paz. Ainda, promoveu a abertura do diálogo entre governos e forças rebeldes, o fim do apoio externo a estes últimos e a proibição de território estrangeiro ser usado como base para a agressão. O plano também previa a instituição de um sistema democrático na América Central, estipulando em particular que cada governo realizasse "eleições livres, pluralistas e honestas". Levou vários anos para que o plano fosse plenamente eficaz em El Salvador.

Guatemala: emergindo da guerra civil

Na Guatemala, ainda mais tempo foi necessário para se alcançar um estado de paz após um processo tortuoso envolvendo elementos variados e várias pessoas chave. Um dos que desempenhou um papel neste processo foi Eliezer Cifuentes, cuja história às vezes se assemelha a uma aventura "western".

Eliezer cresceu no distrito de Chimaltenango, uma região montanhosa habitada por índios a cerca de cinquenta quilômetros da capital. O jovem Eliezer se destacava dos amigos da escola por causa de sua pele clara. Como eles, ele ia para escola descalço e vivia na pobreza. Após o ensino fundamental, por falta de dinheiro, teve que esperar um ano antes de cursar o ensino médio. Ele aprendeu a consertar sapatos e trabalhou para um ferreiro. Ele foi para a faculdade para ser treinado como professor rural e se casou com Clemencia quando tinha vinte e um anos. Enquanto lecionava, estudou direito na universidade e trabalhou com o movimento cooperativo. Ele se juntou ao Partido Revolucionário Social-Democrata e foi secretário do distrito de Chimaltenango.

Em 1970, o partido se dividiu. Uma seção se inclinou para a direita, enquanto a outra formou o PRO Partido Revolucionário Ortodoxo, que logo se tornou o PRA, Partido Revolucionário Autêntico, que mais tarde se transformou novamente no PSD Partido Socialista Democrático. Cifuentes tornou-se membro da executiva do PRA e, em 1978, concorreu sem sucesso a uma vaga no parlamento. Uma coalizão, que incluía o PRA, os Democratas Cristãos e o Frente Unido Revolucionário, foi derrotada. O governo militar foi acusado de manipular a eleição. Depois disso, guerrilheiros, ativos em pequenas células desde 1960, começaram a se organizar em escala nacional. O terremoto de 1976 marcou um ponto de virada. A ajuda estava sendo enviada para todas as zonas

de desastre, mas o exército tentou tirar proveito dessas operações. Enquanto procuravam sobreviventes do terremoto, eles podiam rastrear insurgentes. Mas organizações rurais que ajudavam na distribuição de ajuda muitas vezes estavam próximas aos rebeldes e podiam desviar armas e medicamentos para eles.

Em 1979, quando Lucas Garcia assumiu a presidência, os guerrilheiros haviam se tornado tão fortes que o governo decidiu remover os principais líderes da oposição. Este foi o período em que o PRA foi subsumido pelo PSD. Na noite em que o novo partido foi registrado, seu Secretário Geral foi assassinado. Os militantes agora não viam futuro na ação pacífica e legítima. Foi criado o Frente Democrático Contra la Represión - FDCR. Os líderes da oposição foram eliminados sistematicamente, um após o outro. Em julho de 1980, o responsável pela formação social no FDCR sofreu o mesmo destino. Cifuentes o substituiu. Dois meses depois, ele também foi vítima de uma tentativa de assassinato.

Eliezer retornou para casa uma noite vindo da capital quando viu uma van vermelha seguindo-o, acelerando e desacelerando sempre que fazia o mesmo. Ele não tirou os olhos do espelho retrovisor. Ao chegar em Chimaltenango, ele não foi direto para casa, mas continuou a dirigir para ver se podia se livrar dos perseguidores. Mas a perseguição foi rapidamente assumida por outros veículos estacionados na beira da estrada. Eles abriram fogo contra ele. Ele se abaixou para escapar das balas e continuou dirigindo, guiando-se seguindo os telhados das casas ao lado da estrada. Querendo mudar de marcha, percebeu que uma bala havia cortado o osso de seu braço. Depois de várias voltas pelas ruas, ele pulou do carro, agora cheio de balas, entrou em uma loja e se encolheu debaixo do balcão. Homens armados que não o viram entrar na loja entraram, questionaram o dono da loja e saíram sem o encontrar. A polícia local, por sua vez, viu o veículo cheio de balas, parou em frente à loja, entrou, mas não fez perguntas. Supostamente para proteger os cidadãos, mas enfrentando esses esquadrões da morte, eles acharam mais prudente não fazer nada!

Enquanto isso, Eliezer saiu da loja e se escondeu com amigos no bairro. Eles chamaram outros amigos para buscá-lo. Um carro logo chegou, parou na porta, acendeu os faróis e partiu em alta velocidade, levando Eliezer para outra casa onde ele recebeu primeiros socorros. Uma agulha de costura foi usada para costurar sua ferida e um pedaço de calha serviu como tala.

O que ele deveria fazer agora? Se juntar aos rebeldes? Partir para o México ou Costa Rica? Eliezer escolheu Costa Rica porque o Cônsul da Guatemala com sede na capital, San José, era um amigo. Mas havia verificação em todos os lugares e as entradas das embaixadas de países vizinhos eram vigiadas de perto. Os amigos de Eliezer testaram vários dos postos de controle e, em seguida, vieram buscá-lo, mudando de veículo seis vezes, finalmente chegando à embaixada no momento exato em que poderiam correr por um portão aberto. Sua estadia na embaixada durou quase três meses. O governo guatemalteco não queria que ele saísse, alegando que ele era um líder guerrilheiro. Havia vários outros refugiados na embaixada que começaram a ficar impacientes. Alguns deles pensaram em um plano para sequestrar o embaixador. Quando eles apresentaram o plano a Eliezer, ele se opôs. "O embaixador não se opõe se os refugiados sob seu teto quiserem

sair", disse ele, e o plano foi abandonado. Pouco depois, o embaixador, que havia ouvido falar do plano, ligou para Cifuentes e agradeceu por ter conseguido impedir seus companheiros. "Naquele dia", diz Eliezer, "percebi que Deus poderia deixar claro o papel que deveríamos desempenhar". Na véspera de Natal, ele finalmente recebeu um salvo-conduto para Costa Rica sob a condição de que nada aparecesse na imprensa do país. Dois meses depois, Clemencia, cansada de tudo o que havia acontecido, juntou-se a ele em San José com as crianças. A atmosfera dentro da família era como um vulcão em erupção.

A vida continuou. Eliezer, que era filho de pastor, se juntou a uma paróquia protestante, tornando-se ancião da igreja e responsável pela escola dominical. Ele reencontrou seu antigo colega de classe, José Pinzon, que o convidou para vários seminários e, em 1985, para uma conferência que estava organizando em seu Instituto, onde falaram de coisas mais profundas. Clemencia resmungou sobre todas essas novas reuniões. "Mais uma coisa na qual Eliezer se afunda!" Mas nesta conferência de novembro, ele ficou impressionado com as histórias que ouviu e os filmes que viu, como o dos trabalhadores do Rio, e aquele contando a história de Irène Laure, a líder da resistência francesa que viajou por toda a Alemanha pedindo perdão por seu ódio. Ele se deu conta de que na igreja pregava o amor ao próximo. Mas seu próximo também era o exército? E os americanos? E mesmo sem olhar tão longe, e quanto aos que estão mais próximos dele? Clemencia foi a primeira a notar mudanças na atitude de seu marido. Em 1986, ele viajou para Caux, onde se encontrou cara a cara com americanos. Ele encontrou a coragem de dizer-lhes o quanto os odiava como grupo e como agora se arrependia disso. E decidiu, ao voltar, fazer contato com pessoas do Exército para conversar da mesma maneira com eles.

Mas, voltando a San José, ele teve que seguir em frente com isso. Eliezer tentou várias vezes ir à Embaixada da Guatemala, mas toda vez que via um uniforme militar, seu cabelo ficava em pé. Ele tentou se convencer, mas não conseguiu seguir em frente. Um dia, ele esbarrou em um oficial do exército que era especialmente temido pelo papel que se acreditava ter desempenhado na eliminação de membros da oposição guatemalteca. "Você quer me ver? Vamos subir ... tomar um café?" Eliezer hesitou. Será que ele seria envenenado? Bem, paciência! Ele tomou várias xícaras de café para se acalmar. Então, tomando coragem, disse ao oficial do seu ódio pelo exército, sua convicção de que nada de bom poderia ser construído sobre tais sentimentos e sua decisão de se libertar deles. O oficial abriu-se, curioso com o que Eliezer estava lhe dizendo. Depois disso, eles se encontraram novamente, e Eliezer descobriu que o oficial sabia o tempo todo que ele era um exilado político. Ele também descobriu que o oficial estava apreensivo sobre voltar para a Guatemala, onde outros oficiais o consideravam suspeito.

Na ocasião em que a indígena, 'Rainha do Ano', eleita no Festival Folclórico de Coban na Guatemala, estava passando pela Costa Rica, ela ficou com os Cifuentes e o oficial foi à casa deles. Para espanto dos anfitriões, eles o ouviram dizer à indígena: "Peço que nos perdoe em nome do seu povo por tudo o que lhe infligimos". Pouco depois, ele conseguiu dizer a Eliezer que as acusações contra ele haviam sido retiradas e não mais ameaçavam ou impediam seu retorno para casa.

A partir de janeiro de 1987, Eliezer arriscou passar algum tempo em seu próprio país. Em abril, ele participou de uma reunião que havia iniciado juntamente com outros dois líderes sindicais, um deles José Pinzon, que havia retornado algum tempo antes para a Guatemala. Essa reunião reuniu representantes de quase todos os países da América Central e muitos da América do Norte e do Sul, juntamente com visitantes de vários países europeus. Seu tema era "Restabelecimento do diálogo na família guatemalteca e na América Central". Foi realizada em Panajachel, perto de um lago na montanha, em um centro de lazer colocado à disposição dos organizadores pelo Ministério do Trabalho, uma mulher que participou do evento. Esta assembleia marcou uma etapa definitiva no avanço da ideia de reconciliação. O presidente Cereso recebeu uma delegação, e a imprensa e o rádio transmitiram a conferência. Foi dada atenção especial aos problemas da comunidade indígena. Um dos prefeitos que estava presente convidou os participantes a visitarem sua cidade, San Pedro la Laguna. Esta visita selou a reconciliação do prefeito local com os líderes tradicionais indígenas que não reconheciam as autoridades civis.

Durante os próximos anos, com progressos intermitentes e usando vários locais neutros... Canadá, Espanha, México ... o diálogo significativo entre os diferentes parceiros guatemaltecos foi gradualmente restaurado. O conflito armado continuou, mas uma mudança de tom em algumas declarações dos rebeldes era perceptível. Os contatos se multiplicaram - em San José, no 'Sitio' em Petrópolis e no centro de Caux, na Suíça - entre militares de alta patente e amigos de Cifuentes. O exército pediu a este último que preparasse oficiais estagiários para o papel que poderiam desempenhar na reconciliação nacional. Em 15 de setembro de 1995, Dia da Independência, Cifuentes foi agraciado com o título de 'Cidadão Distinto da Guatemala' pelo embaixador de seu país em San José, em reconhecimento à sua ajuda espiritual e prática aos seus compatriotas que vivem na Costa Rica e sua contribuição para divulgar a cultura de seu país. Havia ironia no fato de que a premiação era de um governo para um dos seus nacionais que ainda era um refugiado político vivendo no exílio.

Em 1996, durante a campanha presidencial que antecedeu a eleição de Álvaro Arzú, o candidato conservador que foi eleito, convidou o grupo "Viva la Gente" (veja o capítulo 5), que se tornou "Gente que Avanza", para ajudar seus organizadores de campanha com sessões de treinamento cívico e moral. Depois de instalado, o novo presidente ousou desenvolver contatos abertamente com os guerrilheiros com os quais seu antecessor havia iniciado. Entre a geração mais jovem de oficiais do exército, bem como insurgentes, havia um desejo perceptível de um acordo. As negociações aceleraram em 1996 pontuadas por acordos sucessivos, em maio sobre a questão muito sensível da "modernização agrícola" e em setembro sobre a redução do tamanho do exército, a criação de uma força policial nacional e a reforma do sistema judicial e, no início de dezembro, relacionada a uma anistia para crimes relacionados ao conflito. Em 29 de dezembro, na frente de cerca de cem delegados internacionais, o Acordo de Paz foi finalmente assinado. Pôs fim a um conflito que durou mais de trinta e seis anos, durante os quais cem mil pessoas morreram. Uma frase, dita durante a cerimônia por um "Comandante" do "Movimento Revolucionário Nacional Guatemalteco", que agrupava os diferentes grupos

guerrilheiros, mostrou que as pessoas estavam cientes do caminho que ainda precisava ser percorrido para construir uma paz duradoura: "A paz foi assinada, mas a partir de agora, devemos construí-la e protegê-la contra todos aqueles que não a querem". Sua fragilidade foi demonstrada pelo assassinato, em 26 de abril de 1998, de um oficial do Escritório de Direitos Humanos do Arcebispo, que estava prestes a publicar um relatório sobre as atrocidades do exército durante a guerra civil. E em janeiro de 2000, quando Arzú entregava o cargo ao seu sucessor, a Missão das Nações Unidas encarregada de acompanhar os acordos de paz publicou um relatório levantando detalhes de ataques persistentes e até mesmo crescentes aos direitos humanos durante 1999.

CAPÍTULO 16

Eleições limpas

Em 3 de outubro de 1994, os eleitores do Brasil deveriam eleger o Presidente da República, Senadores e Membros do Congresso, bem como Governadores e Deputados Estaduais. Diante da importância política desse evento, alguns brasileiros sentiram que deveriam lançar uma campanha para limpar a maneira como as eleições em seu país eram conduzidas. Eles foram inspirados por uma campanha semelhante em Taiwan, que, por sua vez, havia sido desencadeada por medidas tomadas três anos antes por cidadãos na Austrália.

Então, é necessário visitar o Pacífico antes de voltar ao Brasil.

Em Queensland

No final dos anos 1980, o estado australiano de Queensland, importante por sua riqueza mineral, agricultura e turismo, foi abalado por uma série de escândalos. Uma Comissão de Inquérito criada em 1987 e presidida pelo juiz Tony Fitzgerald revelou a um público horrorizado que a máquina do governo estadual era seriamente corrupta. Um ex-chefe de polícia foi acusado dezoito vezes por corrupção e falso testemunho, e suspeitas forçaram dois ex-ministros a renunciar aos seus assentos no parlamento. Outros foram convocados para explicar-se perante os tribunais. O chefe da comissão afirmou que o que estava sendo descoberto era apenas a ponta de um enorme iceberg. Ele propôs reformas abrangentes afetando o governo estadual, a polícia e o processo eleitoral. "Mas", acrescentou, "ética empresarial e moralidade individual não são uma questão apenas de estruturas legais. Em última análise, é a opinião pública que deve exercer controle". Infelizmente, no entanto, muitos do público pareciam estar apenas dispostos a aceitar fraude fiscal, falsas reivindicações de benefícios de Seguridade Social e a falsificação de contas de despesas como prova de quão espertos estes servidores eram. Poucos fizeram a conexão entre tais práticas e a escala de corrupção denunciada pela Comissão de Inquérito.

Conscientes da situação, vários cidadãos de Brisbane de diferentes formações profissionais decidiram tomar uma posição e iniciar um movimento público contra essas práticas. Inicialmente, concordaram em se encontrar regularmente para o café da manhã e analisar os problemas do ponto de vista ético - cerca de cinco a oito pessoas se encontravam das 6h30 às 7h30 antes de ir para o trabalho. A partir desses encontros, surgiu a convicção de uma declaração pública exigindo "Queensland livre de corrupção".

Em outubro de 1988, Brian Lightowler, um dos membros do grupo, foi para a Coreia do Sul via Taiwan para participar de um encontro em Seul. Em ambos os países, ele ficou impressionado com as importantes mudanças que estavam ocorrendo na transição do governo autoritário para a democracia. Isso contrastava com a Austrália, onde a corrupção pública e privada, como a revelada em Queensland, estava ameaçando

as bases do que já era uma democracia bem estabelecida. Lightowler voltou para casa ainda mais preocupado com a deterioração e a necessidade de buscar solução para esta situação. Ele concluiu que uma declaração era necessária, não apenas como um desafio ao que estava errado em nível estadual, mas que também mobilizasse os cidadãos comuns. Com a imprensa continuando a destacar as irregularidades reveladas pela Comissão Fitzgerald, diferentes grupos estavam começando a enfrentar o problema. A mensagem específica que Lightowler e seus amigos queriam transmitir era que o homem e a mulher comuns poderiam ser eficazes na situação pela escolha de começar a mudança neles mesmos.

Em uma manhã bem cedo, durante um momento de reflexão tranquila, Lightowler escreveu o esboço de uma Declaração que foi discutida durante os cafés da manhã seguintes. O texto final, que prestava homenagem ao trabalho da Comissão, apontava que "qualquer processo, por mais bem elaborado que seja, só pode ser tão eficaz quanto os indivíduos e a sociedade que têm que colocá-lo em prática. No final, a única resposta duradoura à corrupção são homens e mulheres incorruptíveis. Nosso Estado abriu caminho na rigidez de suas investigações. Agora cabe a nós, como cidadãos, construir a estrutura de uma sociedade sólida e livre de corrupção. Portanto, nos comprometemos a:

1. não assinar qualquer reclamação de despesas que não corresponda aos fatos verdadeiros;
2. pagar impostos honestamente;
3. não oferecer nada "por baixo dos panos" para garantir um favor para nós mesmos ou para qualquer organização;
4. recusar qualquer suborno oferecido em troca de tratamento favorável;
5. quando algum tipo de fraude for cometido, tomar medidas para corrigi-la."

Houve um debate acalorado sobre o último ponto. Finalmente, foi decidido que alguém que tinha feito algo errado não tinha autoridade para combater a corrupção ao seu redor se não tivessem tomado medidas de restituição. Alguém ficaria satisfeito se um funcionário público corrupto simplesmente virasse uma nova página sem enfrentar o custo de seus erros passados? A clareza alcançada nesse ponto ajudou dois dos presentes no café da manhã (um estudante universitário e um assistente social) a acertar as coisas com as autoridades fiscais.

Assim, ao assinar a Declaração, um pequeno grupo de pessoas comprometidas foi criado. Mas como eles poderiam alcançar o público em geral? Depois de procurar por uma resposta juntos em um tempo de silêncio, um membro da universidade, Roger Duke, e Brian Lightowler foram se encontrar com os pastores e os membros do conselho sênior da "Igreja Unida" em seu subúrbio, Indooroopilly. A maioria dos membros do conselho assinou a Declaração e os ministros da igreja concordaram que ela deveria ser lançada em sua igreja. Aqueles que elaboraram a Declaração enfatizaram que não era algo apenas para aqueles em atividades públicas, mas que representava um

compromisso pessoal. Cento e oito pessoas assinaram quando estavam saindo do serviço da igreja. Várias outras paróquias seguiram o exemplo.

Logo após esse lançamento, um grupo ampliado, incluindo aqueles que haviam participado dos cafés da manhã, se reuniu para considerar como avançar. Artigos haviam aparecido na imprensa apontando que uma iniciativa iniciada por duas pessoas havia crescido para incluir mais de cem frequentadores de igreja em Indooroopilly. Duas ou três estações de rádio pediram entrevistas. O grupo decidiu dar a Declaração a todos os Membros do Parlamento Estadual, quando possível, pessoalmente, caso contrário, por correio. Nas semanas seguintes, todos os noventa e nove MPs (membros do parlamento) foram alcançados. Dois falaram sobre a Declaração em uma sessão plenária do Parlamento.

O moderador de uma Igreja Protestante em Queensland enviou o texto da Declaração que ele havia assinado a todos os seus ministros, convidando-os a espalhar a mensagem e incentivar suas congregações a assinar. Alguns daqueles que assinaram devolveram dinheiro à Previdência Social como restituição pela fraude que haviam cometido; outros fizeram o mesmo com as autoridades fiscais. Ainda outros reembolsaram seus empregadores pelo custo de telefonemas privados. Um apresentador de rádio, convidado a assinar, exclamou: "Mas isso me custaria os olhos da cara"! Vários jornais na Austrália e na Nova Zelândia relataram o que estava acontecendo.

As importantes reformas institucionais que foram implementadas foram mais resultado da Comissão de Inquérito do que da iniciativa de Brian Lightowler e seus colegas. Seu objetivo central era mudar a atitude das pessoas comuns em relação à corrupção. Mas, além do que aconteceu em Queensland, o efeito decorrente do que aconteceu em Taiwan foi ainda mais impressionante.

Em Taiwan

Em 1991, Brian Lightowler e sua esposa passaram sete meses em Taiwan. Um de seus anfitriões, Ren-Jou Liu, estava muito interessado na experiência de Queensland e pediu a seus convidados que falassem sobre isso para alguns de seus amigos. Esses amigos incluíam parlamentares, professores, advogados, empresários e jovens. Alguns meses depois, em março de 1992, Ren-Jou e sua esposa almoçaram com dois empresários que levantaram a questão das eleições legislativas que aconteceriam no final do ano. Estas seriam particularmente importantes, já que não havia eleições desde 1949. Eles expressaram preocupação com a extravagância das campanhas eleitorais e a prevalência da corrupção, especialmente a pior forma, a prática da compra de votos. O que poderia ser feito para combater essa maneira terrivelmente insalubre de operar? Pois, se os candidatos acumularem dívidas para comprar votos, uma vez eleitos, ficariam vulneráveis a subornos para pagar o que deviam. Tornar-se-ia um ciclo vicioso. Os Lius concordaram. Uma campanha para combater essa corrupção teria que ser lançada bem antes de dezembro.

Ren-Jou começou discutindo o problema com vários amigos, e a ideia de que algo deveria ser feito ganhou força. No entanto, para que essa campanha fosse suficientemente conhecida entre a população, outras organizações e movimentos civis

deveriam ser incluídos. Então Ren-Jou convidou vários líderes conhecidos, por sua preocupação com uma vida pública saudável, para se reunirem e discutirem a ideia. Aqueles que vieram concordaram que a extensão da má conduta havia crescido alarmantemente, e que era especialmente prevalente no Partido Kuomintang, dominante. No entanto, precisamente por esta razão, uma "campanha de limpeza" teria poucas chances de melhorar a situação? Claro, o que aconteceu em Queensland foi encorajador em um nível. Mas esta era uma situação diferente. "Talvez possa funcionar entre os cristãos", pensavam os cétricos. "Mas não aqui, com a corrupção sendo uma velha tradição que remonta a um milênio".

Apesar dessas objeções, as pessoas acabaram sentindo que era melhor tentar algo do que simplesmente não fazer nada. Foi tomada a decisão de lançar uma "Campanha de Eleições Limpas", que soava mais positiva do que uma "Campanha Anticorrupção". Os eleitores seriam convidados a se comprometer a não aceitar a compra de votos, rejeitando candidatos que oferecessem subornos. Os candidatos seriam convidados a se comprometer a não comprar votos. O princípio era o mesmo que em Queensland - as pessoas eram convidadas a fazer um compromisso pessoal de rejeitar práticas corruptas.

Muitos grupos foram convidados a participar da campanha. Alguns hesitaram porque não acreditavam nela, enquanto outros, especialmente entre os corpos religiosos, estavam receosos de se envolver na política. Sete ou oito grupos aceitaram imediatamente e os números cresceram constantemente até que sessenta e sete se juntaram, variando desde pessoas com deficiência até motoristas de táxi. Dignitários católicos, budistas e taoístas acrescentaram suas vozes ao apelo.

Os primeiros participantes formaram um comitê de cerca de quinze pessoas que se encontravam semanalmente. Em setembro, dois meses antes da votação, eles organizaram uma conferência de imprensa. Visitas foram realizadas ao Secretário-Geral da Comissão Eleitoral, ao Chefe do Supremo Tribunal, ao Primeiro-Ministro e ao Chefe de Estado, que pessoalmente assinou a Declaração e falou publicamente sobre ela, um evento amplamente divulgado na mídia. O Ministro da Educação enviou uma carta a todos os pais de alunos do ensino primário e secundário, convidando-os a apoiar a campanha e perguntando como eles esperavam que seus filhos não trapaceassem em exames se eles mesmos estavam vendendo seus votos. Faculdades, universidades e empresas se envolveram. Houve algumas demonstrações ao ar livre. Os dois principais jornais deram seu apoio à operação, um deles imprimindo por conta própria formulários recortados para serem preenchidos e enviados de volta, além de adesivos para carros ou portas de casas que declaravam: "Em nossa família, não vendemos votos". Estações de televisão transmitiram breves sequências e várias municipalidades lançaram ações específicas contra a corrupção.

No final, os bilhetes de compromisso foram adotados tão amplamente que não foi mais possível contá-los e tiveram que ser pesados! Estimativas colocaram o número de folhas assinadas em 650.000. Dos 350 candidatos concorrendo às 125 cadeiras parlamentares, 162 se inscreveram. Destes, 41 foram eleitos. Muitos membros que estavam sentados foram derrotados, entre eles os conhecidos como "os bois de ouro",

milionários cujas fortunas pessoais tinham, até então, sempre garantido sua vitória. Votos ainda eram comprados, mas não o suficiente para levantar reivindicações de fraude eleitoral.

Além da questão de como as eleições foram conduzidas, a campanha criou uma consciência pública da necessidade de limpar o processo eleitoral e da virtude de ter uma oposição reconhecida, que emergiu fortalecida. E, após tudo isso, uma "lei da transparência" foi aprovada exigindo que todos os eleitos no futuro declarem sua riqueza pessoal.

No Brasil

Enquanto participavam das Assembleias da Organização Internacional do Trabalho em Genebra, muitos líderes sindicais tiveram a oportunidade de visitar Caux. Alguns industriais também tiveram esta oportunidade, entre eles, em 1970, Jones Santos Neves Filho, Vice-Presidente da Federação Nacional da Indústria do Brasil e membro do Congresso Nacional do Brasil, um homem envolvido na indústria e na política. A ampla corrupção em ambos os campos o preocupava. Ele se encontrou com o Santo Padre no Vaticano em 1994 e lhe disse: "A Igreja está preocupada com a pobreza no Brasil. Poderia lidar também com a corrupção na qual tanto empregadores quanto políticos estão implicados? Enquanto a corrupção nos afligir, nunca nos livraremos da pobreza". Enquanto isso, ele havia sido impactado pela campanha de eleições limpas em Taiwan em 1992, que parecia ter importantes lições para seu próprio país. Santos Neves se referiu a isso no Congresso em fevereiro de 1993, mas o que ele disse não causou impacto. À medida que as várias eleições previstas para 3 de outubro de 1994 se aproximavam, crescia sua convicção de que uma campanha semelhante à de Taiwan era necessária no Brasil.

A campanha começou nos últimos três meses de 1993. Um apelo foi amplamente divulgado anunciando sua natureza em quatro etapas:

1. Distribuição do apelo e estabelecimento de comitês locais, bem como distribuição de formulários de compromisso;
2. A coleta de assinaturas em formulários de compromisso pelos eleitores, seguida de assinaturas pelos candidatos;
3. Reunir todos os formulários assinados em endereços especificados;
4. Registrar e publicar os resultados.

Seguindo o exemplo de Taiwan, os candidatos foram solicitados a aprovar leis necessárias para a limpeza do processo eleitoral, se eleitos. Uma carta aberta divulgou as razões para a campanha e convidou organizações a participarem. Entre as primeiras pessoas a apoiar a iniciativa de Jones Santos Neves estavam muitas das pessoas mencionadas em capítulos anteriores: a empresária Elza de Araújo, o líder da favela Luiz Pereira e o diretor da Central de Cooperativas de Táxi.

Conforme a campanha ganhava força, três pessoas que lideraram a campanha em Taiwan chegaram ao Brasil para ajudar, assim como Alice Cardel, que conhecia bem o Brasil. Ela veio depois de passar três anos trabalhando para o serviço

diplomático de sua terra natal, as Filipinas. Promovendo a campanha, esses quatro indivíduos fizeram parte de um grupo que percorreu 8.700 quilômetros em vinte dias. O Brasil é muito maior do que Taiwan, mas com problemas muito semelhantes, então o sucesso alcançado por uma campanha semelhante em outro lugar foi um argumento forte. O principal jornal de Brasília, 'Correio Braziliense', escreveu: "A partir de agosto, um grande movimento de partidos cruzados cobrirá o Brasil. Uma Campanha por Eleições Limpas confrontará eleitores e candidatos com uma escolha sobre a questão da corrupção e da compra e venda de votos. Você pode chamar isso de utópico, mas uma campanha semelhante foi realizada com sucesso em Taiwan em 1992".

Nem todas as partes do Brasil puderam ser alcançadas. São Paulo, por exemplo, não estava envolvida, mas a missão decidiu ir lá, já que era o lar do maior assentamento de taiwaneses no país. Eles tinham o número de telefone de um amigo de Jones Santos Neves, a quem ligaram às 8h00 da manhã. Às 10h00, ele estava com eles em seu hotel. Eles descobriram que ele era o presidente das Câmaras Nacionais de Comércio, que coordenava dois milhões e meio de empresas, dando assim uma introdução notável aquela cidade. No Rio de Janeiro, o líder do poderoso Sindicato dos Trabalhadores do Comércio participou ativamente da campanha, tornando escritórios disponíveis como sede. A empresa de telefonia do Brasil instalou um telefone lá onde as pessoas poderiam ligar gratuitamente. As cooperativas de táxi e os líderes das favelas, que tinham camisetas e adesivos de carros com "Eleições Limpas" feitos, deram seu apoio. Houve uma reunião de campanha em uma das principais praças do Rio com câmeras de TV presentes. Relatos do evento foram mostrados em horário nobre.

Em Vitória, capital do estado ao norte do Rio (Espírito Santo), o Presidente da Câmara de Comércio mobilizou a cidade para uma grande manifestação pública, com o apoio de cerca de oitenta associações profissionais e cívicas. Em Salvador na Bahia, o Arcebispo recebeu a missão e a Rádio Católica da Bahia participou com um programa de meia hora cada semana. O canal de televisão "Manchete", com cobertura nacional, exibiu um clipe sobre a campanha várias vezes por dia durante mais de um mês, focando especialmente no período ao redor dos boletins de notícias da noite.

A corrupção financeira não foi eliminada da campanha eleitoral - isso teria sido pedir muito. No entanto, onde as autoridades católicas e a mídia apoiaram a campanha, como no Nordeste, e onde as pessoas foram conscientizadas sobre a questão, a corrupção foi menor. Mesmo em outros lugares, as melhorias foram notáveis. Políticos que buscavam reeleição, mas eram acusados de corrupção, perderam seus assentos. Um caso de votação fraudada no Rio de Janeiro foi anulado sem oposição e a eleição foi realizada novamente um mês depois. O senso geral de consciência havia operado. Ter as mãos limpas se tornou um assunto de debate nacional. Aqueles que até então haviam evitado a política, por questões de consciência e o espetáculo da má prática eleitoral, se sentiram encorajados a se envolver.

Quando as eleições terminaram, outras maneiras foram desenvolvidas para manter o momentum. Líderes comunitários de cerca de vinte favelas em diferentes partes do Brasil se reuniram no Sítio São Luiz em 1995 para mobilizar suas forças na construção de uma base moral para a vida social de seu país. Essa iniciativa foi seguida por ações

locais em várias cidades pelo país - Cachazeiras (Estado da Bahia), Recife, Fortaleza, Vitória... Em 1996, o SEBRAE (um serviço de apoio a pequenas empresas no Brasil) emitiu um Código de Conduta para pequenas empresas, inspirado pela Mesa Redonda de Caux para Negócios e Indústria.

Enquanto isso, a Campanha por Eleições Limpas se tornou parte do pensamento do cidadão comum e, mais uma vez, cruzou oceanos. Um grupo de quenianos estava determinado a libertar seu país da corrupção que permeava a vida nacional. Com os olhos voltados para as eleições legislativas de 1997, a partir de março de 1996, eles lançaram sua própria campanha por eleições limpas nos moldes das campanhas em Taiwan e Brasil. Tal medida foi mais tarde estendida para uma iniciativa mais ampla de "Quênia Limpo".

CAPÍTULO 17

Um significado para a vida

O que têm em comum os homens e mulheres encontrados nessas páginas? Vindos de origens diversas e muitas vezes com visões políticas divergentes, algo os cativou e deu-lhes uma nova direção e objetivo na vida. Eles começaram a mudar para melhor as coisas com as quais estavam envolvidos, tanto próximas quanto distantes. Vistos no contexto de suas vidas anteriores, o que lhes aconteceu e o que fizeram não poderia ter sido imaginado.

De maneiras diferentes, tiveram uma experiência semelhante - uma mudança que tocou as raízes mais profundas de suas vidas e motivos, levando de maneiras muito específicas a atitudes renovadas, uma nova sinceridade e disposição para admitir erros cometidos e pedir perdão. Sempre que possível, isso também significou fazer reparações e corrigir o que quer que a outra pessoa pudesse ter contra eles. O que se tornou normal foi o respeito pelo outro e o desejo de encontrar respostas vistas como justas por ambas as partes, em vez de recorrer à intimidação ou força para superar dificuldades.

Eles descobriram que sua própria mudança de coração provocou um eco nos outros ao seu redor, iniciando uma reação em cadeia. Começaram a perceber que há uma ligação entre o que acontece na vida pessoal e o futuro da vida das nações. Enquanto muitos dos que estão no poder reclamam das dificuldades que enfrentam e como se sentem incapazes de afetar a tendência dos eventos, aqui estão homens e mulheres comuns que acreditam que não são apenas peões, indefesos nas garras de forças avassaladoras. Eles não pensam mais em grandes conflitos como desastres naturais inevitáveis além do alcance de sua responsabilidade. Capítulos anteriores mostraram como, com uma mudança em seu próprio comportamento, ajudaram a curar feridas e trazer um clima melhor à sociedade, evitando ou resolvendo conflitos.

A experiência mostra que tal mudança é muitas vezes contagiosa e se torna um criador de unidade, uma unidade não baseada em ideias teóricas, mas em encontrar uma abordagem comum. Quando essas pessoas decidem intervir em situações de divisão, ajudam as duas partes a enfrentar problemas com um espírito aberto. Eles não tentam impor uma solução sobre a outra ou empurrar para um compromisso que possa dar algo a ambas as partes. Em vez disso, eles introduzem o fator que muitas vezes falta em negociações tradicionais envolvendo diplomatas, parceiros da indústria ou outros, ou seja, os motivos humanos e pessoais das pessoas envolvidas. Essas pessoas não estão tentando trazer respostas. Em vez disso, apontam um caminho para ajudar os outros a encontrar suas próprias soluções. Eles não dão conselhos sobre o que deve ser feito. Eles contam histórias. Eles não têm uma doutrina para pregar, mas simplesmente uma experiência para compartilhar.

Esse tipo de compartilhamento constrói redes de amizades sólidas. Não cria estruturas organizacionais e as pessoas não são incentivadas a se juntar a um movimento. Em vez disso, eles colocam movimento nos outros, despertando seu senso de

responsabilidade, ajudando-os a ver onde a mudança em suas vidas pode começar e o papel que eles podem desempenhar em ações mais amplas. É por isso que eles consideram o contato com indivíduos mais importante do que o "ativismo". Ir a público tem sua parte quando as circunstâncias são apropriadas, como foi o caso das grandes campanhas no Brasil, Peru, Bolívia e Chile em 1961, que abriram novos horizontes, despertaram a fome nas pessoas e criaram entusiasmo por algo novo. Mas o objetivo essencial não é alcançar as massas ou ganhar aprovação e números de seguidores. É dar a homens e mulheres específicos o impulso para tomar decisões importantes em suas vidas e dar significado e propósito ao que vivem.

Como não há doutrina, não há um código moral vinculativo com comandos e proibições. Os povos encontrados nos capítulos anteriores não emitem éditos ou regras. Cabe a cada um encontrar seu próprio caminho. Para isso, ele ou ela é convidado a se submeter a uma autoridade interior, percebida por alguns como inspiração divina, enquanto outros simplesmente a chamam de "consciência".

O primeiro requisito para descobrir a voz interior é ouvi-la, fazer regularmente espaço para momentos de silêncio, onde se tenta se desapegar das preocupações habituais, sentimentos e pressões humanas. O tempo para reflexão se torna uma oportunidade para a reavaliação interior e deixar ir, um abandono de si mesmo. Não há nada automático nisso - o espírito sopra onde quer. Mas uma vez que ajustamos a vela ao vento, seria surpreendente se o vento não soprasse para nós. Também não significa dizer adeus à razão e ao pensamento, vivendo apenas pela intuição, mas sim estar aberto a uma dimensão que a razão por si só pode não perceber. Para muitos daqueles encontrados neste livro, esse momento foi um ponto de partida fundamental.

A prática de escrever os pensamentos que surgem no silêncio não é um ritual. É uma precaução sábia, pois os pensamentos que talvez preferíssemos esquecer ou que são desconfortáveis muitas vezes são os mais importantes. Eles são facilmente deixados de lado, a menos que sejam anotados no momento. Há bons precedentes. O profeta Jeremias (Jeremias 36:2) é instruído por Deus: "pegue um rolo de pergaminho e escreva os pensamentos que eu dou". Em tempos menos remotos, São Francisco de Sales e o Padre Graty aconselharam a ter uma caneta à mão ao ouvir.

É óbvio que a simples escuta não leva automaticamente à recepção da iluminação do Espírito Santo. Podemos ser preguiçosos ou estar cheios de pensamentos desviados. Algumas práticas nos ajudam a separar o joio do trigo. Existem padrões claros que encontramos nos Evangelhos e em várias grandes religiões: honestidade, pureza, altruísmo e amor. Eles são simples, mas absolutos, como qualquer padrão deveria ser. "Não há meio termo". Não há nada para argumentar aqui. Honestidade absoluta, por exemplo, simplesmente significa colocar a honestidade antes de qualquer outra consideração de nosso próprio interesse ou satisfação pessoal.

Outra ajuda é compartilhar pensamentos com um amigo confiável que também pratique a escuta, preferencialmente alguém que nos segure no mais alto nível. Isso significa estar pronto para nos revelarmos como realmente somos, não deixando o orgulho impedir-nos de obter a ajuda que precisamos, ou, se isso ajudar a outra pessoa,

estando dispostos a compartilhar nossa própria experiência de quando nós mesmos precisamos mudar.

Uma vez que o caminho à frente pareça claro, ele precisa de comprometimento. Isso não é fácil. Euclides da Silva rasgou três vezes uma carta de desculpas que sentiu que deveria escrever para seu rival Anfilofilo. No final, ele conseguiu enviar a quarta carta. Se você se aproxima de Deus, não é apenas para consultá-lo. Para o crente, significa obediência para deixar Deus dirigir sua vida em vez de seguir seu próprio caminho. Isso nos torna o que Aldous Huxley descreve como "o ideal ... o homem não apegado".

Não é esse fortalecimento interior, apoiado por uma fraternidade informal, a melhor proteção contra todas as doutrinações e regulamentações pelas forças totalitárias ou sectárias? Quando as decisões que tomamos vêm de nossa obediência à nossa própria convicção interior, não somos mais vulneráveis a pressões de outros ou de nossos próprios impulsos. Isso também significa que não estamos divididos entre uma vida cheia de muitas responsabilidades tensas e perturbadoras, por um lado, e uma vida quieta, mas vazia e sem propósito, por outro. Isso leva a "uma vida que é tão ativa que deve ter serenidade no seu centro".

A obediência à direção recebida em tempos de silêncio é também uma condição prévia necessária para que a escuta da voz interior não se torne algo estéril. É um fato que a recusa - consciente ou não - de tomar certas medidas bloqueia inspiração adicional. Um leme não serve para um navio que está ancorado. A obediência, por outro lado, alimenta a inspiração. O sentido do que cada um é chamado a fazer torna-se mais claro quando a pessoa decide de antemão fazer o que sente ser certo, sem reservas ou exclusão de qualquer área. Ele começa a sentir que toda a vida está conectada. Não há mais um tipo de comportamento com a família, outro para o trabalho e outro para o exterior, como muitos compartimentos isolados uns dos outros, mas sim uma vida integrada que é um todo.

E assim, essa mudança radical entre marido e mulher ou entre um pai e seus filhos, ou com colegas de trabalho, se espalha e afeta outras áreas de maneira extraordinária. Os estivadores do Rio, que acabaram com a guerra entre grupos sindicais rivais, se viram alguns anos depois recebidos pelo presidente da Argentina. Um colega do porto de Recife compartilhou suas experiências em Moçambique. Uma senhora idosa da elite da sociedade chilena, apesar da saúde frágil, ousou viajar pela Itália com jovens peruanos e bolivianos para trazer uma mensagem de esperança. Líderes comunitários militantes das favelas e das cooperativas de taxistas trabalharam lado a lado com empresários para acabar com a compra de votos nas eleições brasileiras.

É fácil usar mal a palavra 'revolução', mas é exatamente isso que aconteceu nas vidas desses homens e mulheres e nas comunidades onde vivem. Isso demonstra que a revolução não é prerrogativa daqueles que não têm nada, mas daqueles que dão tudo de si.

PETER HOWARD

No dia 15 de janeiro de 1965, convidado pelo magnata da mídia Assis Chateaubriand e outras personalidades brasileiras, Peter Howard chegou ao Rio de Janeiro com uma equipe internacional de quarenta pessoas. Howard era o homem que, após a morte de Frank Buchman em 1961, assumiu a liderança do Rearmamento Moral. Jornalista, fazendeiro e esportista internacional, ele havia encontrado pessoas do Rearmamento Moral em Londres em 1940. Esse encontro mudou a direção de sua vida. De repórter cínico e temido por eventos políticos que escrevia para o "Daily Express" de Lord Beaverbrook, ele se tornaria um colaborador próximo de Frank Buchman e um líder sensível, franco e visionário no palco mundial.

Na época da visita, o mundo estava sob ameaça nuclear, dividido entre Leste e Oeste, comunista e capitalista. As pessoas viviam sob a sombra da Guerra Fria, uma guerra que cresceria quente, violenta e muito destrutiva em partes da África e da América do Sul. A luta civil dividia nações com lados opostos patrocinados respectivamente pelos Estados Unidos da América e pela União Soviética. Em muitos lugares, houve terríveis repressões e sofrimentos.

Durante cinco semanas, Howard e sua equipe cruzaram o continente sul-americano. Foi uma jornada intensa por várias cidades do Brasil, depois para o Uruguai, Argentina, Chile e finalmente o Peru, respondendo a convites de todos os lados. Para a visita ao Brasil, aviões da Força Aérea foram disponibilizados ao grupo enquanto eles viajavam de cidade em cidade. Recebido em todos os lugares no mais alto nível, Howard falou destemidamente, desafiando o que viu em termos contundentes. A todos ofereceu a possibilidade de mudança e nova esperança para o futuro. Ele entendia claramente o poder destrutivo da imoralidade e da corrupção e a chantagem usada por forças sem escrúpulos para seus próprios fins em uma sociedade profundamente dividida. Ele acreditava enfaticamente que havia uma resposta para os problemas que encontrou e que aqueles que conheceu e com quem falou poderiam ser agentes dessa resposta.

A jornada o deixou exausto. Ele escreveu a um amigo sobre os fardos que estava carregando, dizendo que eram muito pesados para ele e que estava inundado com pedidos de discursos, peças, viagens e visitas. Enquanto viajava, ele também estava tentando coordenar o trabalho mundial e o programa do Rearmamento Moral. A carta concluía: "Faço o meu melhor e continuarei".

Howard achou algumas pessoas que trabalhavam com ele na América do Sul menos do que satisfatórias, dependendo da aprovação humana em vez de seu próprio senso de direção e fé. Ao chegar em Lima, ele escreveu: "Muitos de nossos colaboradores trabalham em busca de reconhecimento... então há uma demanda neles por parte de todos que conhecem. Eles são influenciados pelo vento frio e são levados a um entusiasmo falso por qualquer elogio." Naquela mesma noite, ele ficou doente com febre alta. Três dias depois, ele morreu no hospital. Antes de seu corpo ser levado de volta para a Inglaterra, o Presidente do Peru fez com que seu corpo ficasse em estado de velório em Lima, a capital.

Peter Howard tinha um grande amor pelas pessoas. Três homens que aparecem neste livro contaram sobre o efeito decisivo que ele teve em suas vidas.

Omar Ibargoyen, uruguaio de uma família católica distinta, foi responsável pela visita de Howard ao seu país e o levou para conhecer uma ampla gama de pessoas. Percebendo que Howard não estava bem, Omar o instou a ficar no Uruguai para umas férias, mas sem sucesso.

Omar havia captado o fogo, a determinação e o espírito independente de Howard. Depois que Howard morreu, ele e sua esposa Jeanette, juntamente com dois amigos franceses, lançaram o programa para jovens "Viva la Gente" ("Up with People"), mais tarde chamado de "Gente que Avanza" ("Pessoas em movimento"). Este programa de treinamento para a vida consistia em estadias prolongadas em diferentes países da América Latina, usando apresentações teatrais e musicais. Os participantes do grupo viajante ficavam com famílias nos lugares que visitavam e permaneciam com o grupo por dois ou três anos. A viúva de Omar, Jeanette, mantém contato com cerca de 1.000 ex-participantes em todo o continente, muitos agora em posições de liderança responsável em seus países. (veja capítulos...)

Durante sua estadia no Rio de Janeiro, Peter Howard visitou a Favela São João como convidado de Luis Pereira, presidente da Associação da Favela. Na face de uma grande rocha na colina, havia uma mensagem de boas-vindas para Howard, pintada de branco para todos verem. No decorrer da conversa entre os dois homens, Howard expressou sua convicção de que as pessoas da Favela um dia viveriam em casas adequadas, algo difícil de imaginar na época. Ele percebeu o espírito em Pereira que poderia levar a essa realidade, e Pereira sempre falou depois de como as palavras de Howard o inspiraram a trabalhar para alcançar esse objetivo (veja o capítulo ...).

Luis Puig é a fonte de grande parte das informações deste livro. No entanto, na época da visita de Howard à América Latina, ele estava vivendo sob uma nuvem. Como um dos jovens indígenas latino-americanos mais envolvidos com a visita, ele se viu, juntamente com vários outros, excluído do círculo íntimo de colegas de Howard. Howard não apreciava a aparente dependência de Puig da aprovação humana, especialmente a de outro europeu bastante dominante. Ele desejava que Puig encontrasse liberdade e sua própria convicção e paixão independentes.

Apesar dessa exclusão, Puig não desistiu e Howard eventualmente cedeu, percebendo uma mudança. Puig foi um dos últimos a vê-lo quando foi levado para o hospital em Lima.